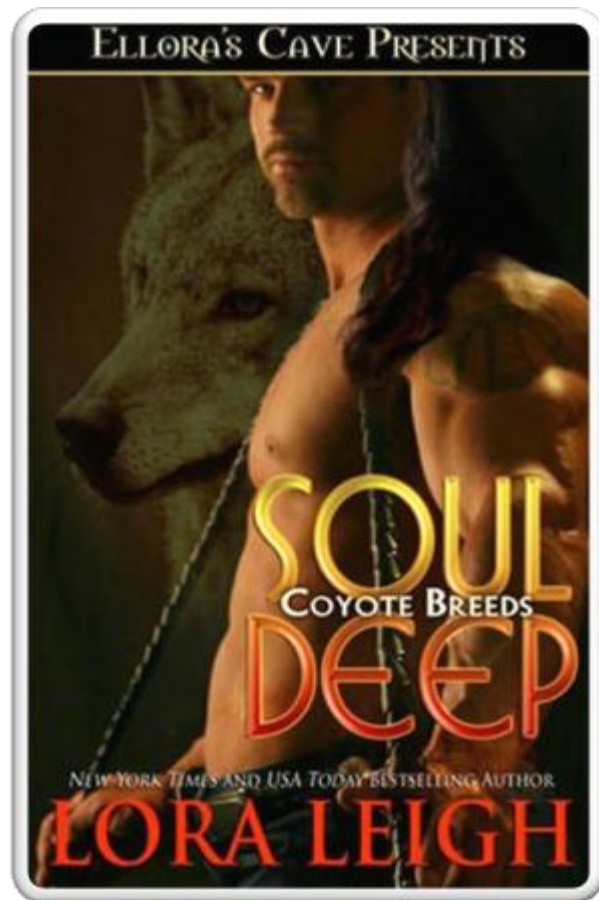


Alma Profunda

Lora Leigh





Raça dos Coiotes

Livro 1

A mãe natureza tem uma maneira de fazer “adequados” os casais mais inverossímeis. E o que poderia ser mais inverossímil que a destemida e independente filha do Presidente que não sabe como manter a boca fechada e um solitário da raça do coiote com fome por uma linda boca como um casulo de rosa e que está determinado a imobilizar?

O voto para a Lei da Raça está sendo atacado. O trabalho do Kiowa é vigiar a Amanda, a filha do Presidente, olhar, mas não tocar. Só certificar-se de que a turma de estúpidos do serviço secreto atribuída para protegê-la realiza seu trabalho até que se aprove a lei.

Mas como não o fazem e os sicários ficam em movimento para raptá-la, Kiowa a contra gosto vai ao resgate, apartando-a da segurança. Mas ela não vai com ele facilmente, de modo que ele faz algo mais que utilizar a mera conversação para lhe fazer ver seu ponto de vista.

Para um homem que não teve nada, Amanda Marion é o alimento para a fome que o torturou, a realidade de cada um dos sonhos em que Kiowa nunca se atreveu a acreditar. O que sente por ela é mais que paixão, mais que amor. Ela insufla vida em seu coração endurecido, derretendo a gelada frieza que o protegeu durante toda sua existência, tocando uma parte dele que pensava que tinha morrido - sua alma. E agora ele matará a qualquer que trate de apartá-la de seu lado.

Mas uma pessoa contra a que não pode lutar é Amanda, e como ela quer partir...



Disponibilizado/traduzido: Denise Ferreira
Revisado: Eliete Duarte Ribeiro Mozer
Formatado: Vicky Siqueira.

Capítulo Um

A informação recebida do Complexo da Raça Felina divulgou que o Comandante Dash Sinclair do exército dos Estados Unidos foi confirmado positivamente como raça de lobo. O Comandante Sinclair é a primeira raça conhecida do lobo que sobreviveu ao extermínio desde que a notícia de sua criação surgiu faz um ano.

As comunidades científica e militar americanas foram rápidas em assegurar tanto à imprensa como ao governo, que existiriam muito poucas destas raças ausentes e que as probabilidades de tal fuga eram tão difíceis então que, se houvesse outros, seria um milagre.

Os laboratórios ao redor do mundo que criavam aos soldados da raça de lobo erradicaram suas criações por ordem executiva do cabeça do Conselho de Genética, que não é outro que o antigo Vice-presidente, Douglas Finnell. As investigações nos membros do Conselho através de ordenadores e arquivos capturados durante um ataque coordenado contra os laboratórios descobertos revelaram uma crueldade e total carência de moralidade humana na criação e a formação destes indivíduos únicos. As atrocidades realizadas pelo Conselho de Genética, seus guardas e cientistas foram classificadas por muitos como um dos delitos mais horrorosos empreendidos contra seres vivos.

A Operação Indiferença foi um importante ataque que cruzou limites internacionais e fronteiras, e trouxe à luz a profundidade da depravação moral dos criadores de mulheres e de homens, treinados e assassinados, e de meninos que estavam sendo treinados como assassinos e soldados para serem usados contra a população geral nos próximos anos. Um exército privado que não conheceria piedade alguma.

Mas enquanto clamam agora os cientistas ao redor do mundo, as raças resgatadas de campos de concentração mostram uma honra interior instintiva, inata, à lei da natureza. Os arquivos e os registros do treinamento demonstram claramente que o Conselho de Genética falhava em sua diretiva. Criaram o soldado perfeito, mas era um que rechaçava matar a inocentes, e um quem, ante uma grande dor, manteria a honra pessoal que tinha sido de algum jeito estabelecida. Em todas as Raças exceto em uma. A Raça do Coiote. Carcereiros, em alguns casos treinadores e executores, o Coiote era o triunfo final do Conselho, conforme informam algumas fontes.

Infelizmente, como começou a Operação Indiferença e estes laboratórios pesadamente fortificados foram atacados, suas criações foram assassinadas; homens, mulheres e meninos foram aniquilados para impedir a liberdade destes singulares humanos geneticamente alterados.

A história de como o maior, Sinclair, escapou do complexo com apenas dez anos de idade, e sua viagem subsequente com os serviços sociais como órfão e a acusação do Estado, expôs muitas perguntas sobre a sobrevivência de outras raças ocultas. Raças que escaparam à destruição inicial com pura determinação e sorte.

O Conselho de Genética foi desmontado com a ajuda do Merinus Tyler, esposa e proclamada companheira de Callan Lyons, o líder das Raças Felinas que escapou de um Complexo do Novo México faz mais de uma década. Desde sua revelação ao mundo, as Raças Felinas trabalharam exclusivamente, ao redor do círculo, para encontrar àqueles de seus irmãos ainda mantidos cativos nos laboratórios que os criaram. Laboratórios menores, sigilosos que ainda trabalham para aperfeiçoar a seleção genética que criará aos assassinos sanguinários, lógicos, de sangue-frio que o Conselho procurava.

Até a data, centenas de raças felinas ocupam agora o Complexo, anteriormente do Conselho da

Virgínia, e estão fazendo incursões para criar uma atmosfera cômoda para que os antigos cativos vivam ali.

As sociedades de Sangue Puro, entretanto, crescem em qualquer parte. O que uma vez chamamos supremacistas brancos se fazem agora chamar Supremacistas do Sangue, e exigem o encarceramento das raças para guardar as modificações genéticas que as Raças comportam da população em geral. O presidente recém eleito, Vernon Marion, criticou tais exigências, proclamando que as Raças não são risco maior que os americanos nativos, os irlandeses ou outras nacionalidades estrangeiras o foram séculos antes. Mas a luta não terminou.

Conforme o divulgado, os ataques contra Raças e o Complexo da Raça, estiveram intensificando-se durante meses e este novo anticorpos desenvolvido descobriu uma Raça que vive entre nós, desconhecida, mas tão familiar aos homens como o vizinho do lado, expondo complicações à face do Presidente Marion. Os meninos adotados e os órfãos conhecidos chegaram em números enormes aos consultórios dos doutores ao redor do mundo, exigindo provas genéticas para demonstrar que eles não levam o DNA da Raça. Os grupos de Supremacistas exigem agora que esta prova se faça obrigatória nas consultas de todos os doutores, hospitais, e instalações médicas.

Isto também expõe a pergunta de que se os Lobos e os evadidos Felinos vagam agora pelo mundo, o que dizer dos Coiotes que foram criados para serem seus carcereiros? Relatórios declaram que as Raças de Coiote foram criadas, educadas e treinadas para realçar o DNA, o que muitos eruditos indígenas indicaram poder excluir o que está sendo chamado de Honra de Raça, o código instintivo da natureza que todas as Raças até agora reclamam. Se o Coiote, em estado natural, realmente não tem nenhuma alma, que seria então do homem criado desse DNA? Pode ter uma consciência?

Com a Lei de Raça posta no Senado, programada para ser votada dentro de umas semanas, as perguntas provocadas são mais que só o Direito à Vida. A Lei originária, em efeito, dará a autonomia às Raças.

Esta permitirá a criação de uma Raça ofensiva de ataque e defesa onde os grupos especialmente selecionados terão, como resultado, a aprovação plena do governo para matar, sem prejuízo algum, a qualquer grupo ou grupos que ataquem ao Complexo da Raça ou as reservas da Raça selecionadas. Uma das leis atualmente sobre a mesa também permite a execução de qualquer empregado do governo ou cidadão privado encontrado e/ou disposto a tomar parte na morte ou no ataque de tais instalações da Raça.

E esta também inclui uma lei que muitos Senadores debatem atualmente ainda mais acaloradamente que o ataque e defesa do estatuto. Uma lei simplesmente intitulada Direito a Casar. Esta lei, declaram os Senadores, é muito vaga para sua clara compreensão. Conforme o declarado no estatuto, um Companheiro da Raça, definido como qualquer macho ou fêmea considerada emparelhado pela Mesa de decisão da Raça, estará, em efeito, baixo a Lei da Raça, e baixo a jurisdição de todas e cada uma das sanções de Raça que lhe podem ser impostas.

Esta lei, de ser votada, dará à sociedade da Raça a jurisdição completa sobre si mesmo, sem a influência governamental por um período de cinquenta anos. A Mesa de decisão consistirá de vários líderes de Raça, incluído Callan Lyons, quem encabeçará o corpo legislativo, Kane Tyler, irmão do Merinus Tyler e a força impulsora atrás do ataque contra os laboratórios, e o senador Sam Tyler, um defensor da Lei da Raça, assim como vários cientistas que passaram a membros permanentes do Complexo de Raça em Virgínia desde o nascimento do filho de Callan e do Merinus, David Lyons, o ano passado.

Os defensores da Lei asseguram ao público e à imprensa, ao mesmo tempo, que todas as medidas preventivas estão de acordo com a Lei para assegurar que tanto as Raças geneticamente

modificadas como a população normal possa viver em harmonia. Eles declaram que são conscientes dos medos da população geral e que se esforçam por aliviá-los.

Mas, havemos nós, a humanidade, desenvolvido anticorpos em algum ponto onde tais diferenças podem ser aceitas e viver com elas? Pode uma Raça mover-se entre nós sem o prejuízo que mostramos a outras raças no passado? Os eruditos e os historiadores igualmente estão se perguntando sobre tal possibilidade...

Capítulo dois

Halloween. Gostosuras ou travessuras. Grupos de fantasmas e goblins. Amanda o adorava.

Ria enquanto estava de pé na porta e dava caramelos aos meninos mascarados e pintados, comentava os trajes e felicitava aos insolentes querubins e aos pequenos monstros pelas criações que seus pais tinham feito para eles.

O ar era agradavelmente fresco, o fim da tarde era estimulante e alegre. Não havia nada sobre o Halloween que não adorasse. Era um acontecimento do que não podia desfrutar no lar de seu pai, sendo agradável enquanto conversava com aborrecidos políticos e casanovas envelhecidos. Ela podia relaxar-se em casa, olhar um filme e ver a alegria nos olhos dos meninos que visitavam sua morada, inclinando-se para pegar os doces que lhes dava.

Vestida com um disfarce largo, vermelho, de diabo, atraía a quantidade justa de olhares interessados dos homens, mas ainda estava bem coberta, algo levado em consideração, para que as mães falassem com ela confortavelmente. O vestido vermelho comprido era fino, mas não transparente, fluindo de sua cintura a seus quadris em uma nuvem de perfeição vermelha. A blusa, um pouco apertada, estava atada debaixo de seus peitos, enquanto o material de gaze envolvia e se ajustava a seus seios. Seu cabelo longo e marrom estava penteado frouxamente e caía até sua cintura, e os pequenos chifres vermelhos apareciam em cima de sua cabeça.

Era seu traje padrão de Halloween. Ela se sentia atraente, viva, independente. Especialmente neste ano. Seu primeiro ano oficial ausente das restrições de sua família. Pelo menos, quase longe delas.

-Olá, senhorita Marion - A menina, Kylie Brock, girou sobre seus pés, exibindo seu pequeno traje de diabo enquanto lhe oferecia um sorriso cheio de falhas em seus dentes-. Pareço-me com você.

Amanda lhe jogou uma olhada a sua mãe. Tammy Brock era uma advogada jovem, magra e muito promissora que vivia várias casas abaixo. Com sorridentes olhos azuis e um senso de humor ácido, a mulher mais velha pôs os olhos em branco para sua filha.

-Claro, Kylie. -Amanda flexionou seus joelhos, ficando ao nível da menina enquanto colocava um punhado de caramelos em sua bolsa aberta. - Esteve assustando a todo mundo por um caramelo esta noite?

A menina jogou uma olhada à parte superior da cabeça da Amanda. Ela suspirou profundamente.

-OH sim. Tenho montões de caramelos. Mas mamãe não pôde me encontrar chifres como os seus. -Os meninos tinham adorado seu disfarce como ela o mostrou para acostumarem-se no dia anterior à festa do Halloween. Os chifres especialmente.

-Não pôde? -Amanda alcançou até endireitar os chifres especialmente feitos que tinha

encontrado em uma pequena loja de presentes enquanto fazia compras com sua irmã em Nova Iorque.

-Olhei em todas partes - riu Tammy Brock. - Inclusive nas lojas de fornecimentos de fantasia. Devem pensar que sou uma louca.

Amanda riu entre dentes com ela.

- Como eu comprei vários pares... - Ela levantou os chifres de sua cabeça e fixou os pequenos pentes que os prendiam em seu lugar na peruca vermelha que Kylie usava. Seus olhos se arredondaram como seu pálido rosto avermelhou de prazer.

- São meus? - perguntou ela com assombro, seus olhos cinzas brilhavam de felicidade-. Todo meu?

-Todo teu. -Amanda sorriu, aceitando o abraço excitado da pequena enquanto que a mãe a olhava com gratidão.

Obrigada, Amanda -sussurrou, enquanto que Kylie voltava sobre seus passos para mostrar seu tesouro a seus amigos - Acaba de lhe alegrar a noite.

-Como vai? -Em Kylie tinha sido diagnosticada uma estranha desordem do sangue o ano passado, e tinha sido um duro golpe para ela e seus pais.

-Tem dias bons e dias maus -suspirou Tammy-. Quase não a tirei esta noite, mas ela está tão contente - Amanda sacudiu a cabeça.

-Me deixe saber se necessitar algo. -Ela abraçou à outra mulher com força, sentindo que seu coração se rompia ante a pressão que sabia que sua nova amiga devia estar sofrendo.

-Farei-o -assentiu com a cabeça Tammy-. E você tome cuidado também. Imagino que ser a filha do Presidente neste momento vem com mais baixos que altos.

Amanda voltou olhou atrás, seus lábios se curvaram com a ironia do comentário da outra mulher.

-Tem seus dias -admitiu com uma risada, jogando mais caramelos nas bolsas abertas como vários meninos mais se aproximaram.

Depois da confusão da eleição presidencial, dos protestos sobre a lei da raça, dos direitos das raças e de tudo sobre as raças, ela tinha tido que descansar. Durante o último ano seu próprio trabalho se converteu em uma brincadeira. Onde antes tinha sido uma vez um membro respeitado da comunidade, agora era uma caixa de ressonância para a retórica política do diretor da escola diante de seus estudantes de sexto grau e de seus pais.

Se isso não era suficientemente mau, os agentes do Serviço Secreto que a acompanhavam ao trabalho realmente se alarmavam se um só inseto se aproximava. Ela não era o maldito presidente, e se sentia ligeiramente frustrada com os problemas que começavam a lhe causar. Atuavam como cães de guarda raivosos.

-Amanda, poderia usar seu banheiro? - perguntou baixo Tammy de repente, um sorriso tenso lhe curvava os lábios - Estou a ponto de sucumbir e não quero ter que levar a Kylie para casa. Será só um momento.

-Claro. -Amanda jogou uma olhada para a casa-. No fundo do corredor à esquerda.

-Estarei ali. -Ela passou rapidamente e se dirigiu para a casa -. Kylie estará bem com seus amigos durante um segundo se a vigiar. -Amanda jogou uma olhada à menina.

-Vê. Vigiarei - riu ela. Kylie ainda mostrava os chifres.

Amanda se inclinou contra o marco da porta, olhando-a de perto. Gostava dos meninos, e um dia, imaginava, teria um próprio. Perguntava-se ocasionalmente pelo que esperava. Poderia ter-se casado vinte vezes, se tivesse estado disposta a conformar-se com algum dos oferecimentos dos

homens. Sinceramente, filhinhos de papai, pensou com um suspiro, sabendo que nunca funcionaria.

-Obrigada. -Tammy chegou momentos mais tarde, seus olhos olhavam nervosos à calçada onde Kylie conversava com seus amigos.

-Tome as coisas com calma, Tammy. - Amanda franziu o cenho ante o sorriso nervoso que a mãe lhe jogou antes que se movesse rapidamente e impulsionasse a menina adiante ao longo da rua.

A casa ao lado da Amanda estava escura, nenhuma luz para dar bem-vindo a pequenos «gostosas ou travessuras». Ela franziu o cenho à porta do outro lado de seu duplex e olhou na escuridão.

A unidade de serviço secreto que seu pai lhe tinha atribuído estava acampada ali. Idiotas.

Fechou a porta depois de repartir o último dos caramelos e se voltou de novo para salão de seu espaçoso duplex. Deteve-se precipitadamente. Seus olhos arregalaram pela surpresa ao ver as formas vestidas de negro que estavam em pé em seu vestíbulo.

Seu olhar fixo se dirigiu ao sistema de alarme na outra parede, muito longe para ativar o alarme manual, mas ela podia ver a luz vermelha que indicava que a porta traseira tinha sido desativada. Querido Deus. Tammy devia ter desativado o alarme. Mas, por quê?

Bem, então onde estavam os bobos?, pensou freneticamente. Deveriam ter recebido um alarme de que a porta traseira tinha sido aberta, assim como a principal, enquanto estava fora. Eram tão estúpidos que ela tinha pensado que o comprovariam imediatamente.

-Posso lhes ajudar? -Disse-lhes com voz aguda, histericamente divertida ante a frase cortês que lhe escapou dos lábios enquanto que se movia para trás, para a porta que ela acabara de fechar. Em um segundo cegante percebeu que estava ferrada.

Havia quatro deles. Eram mais do que sua formação de defesa pessoal podia controlar imediatamente, isso era certo. As máscaras cobriam seus rostos, mas nada podia esconder o ódio selvagem em seus olhos. Amanda engoliu com força, perguntando-se por suas possibilidades de fuga. Não pareciam muito boas.

-Sim, sim que pode. -Um deles avançou, seus olhos, de um azul limpo, brilhavam grosseiramente como levantou a arma que sustentava resolutamente em sua mão e a dirigiu a sua cabeça-. Pode vir silenciosamente ou posso lhe dar um tiro. É sua eleição.

-Tenho escolha? - Piscou ela com inocência zombadora - Ah, sério? Posso pensar um momento?

Ela quase fez uma careta de dor pelo sarcasmo. Mau movimento. O sarcasmo e as armas não se mesclavam.

Os frios olhos azuis se entrecerraram sobre ela enquanto engatilhava a arma, o som ricocheteou através de seu corpo e a fez tremer de pavor.

-Realmente deseja correr esse risco, Senhorita Marion? - Perguntou-lhe ele brandamente- Poderia ser mortal.

Ela tomou um profundo fôlego, tragando com força. Odiava as opções. Uma bala ou possivelmente um destino pior que morte? Se fosse muito, muito afortunada um disparo só doeria como o inferno e chamaria bastante a atenção... Não! Usavam silenciador. Maldição.

Ela permaneceu em pé, silenciosa e imóvel, lhes fazendo frente enquanto apanhava a imagem da luz pela extremidade de seu olho. Não ia deixar lhes capturá-la tranquilamente. Só Deus sabia quem eram.

Ele deu outro passo e ela saltou. Sua mão deu uma palmada sobre o interruptor enquanto saltava para a porta, abrindo a fechadura como girou o pomo e gritou tudo o que pôde. Um segundo depois de que o som saísse de sua garganta descendeu a escuridão.

Capítulo Três

O trabalho de babá era uma droga. Kiowa se recostou no assento do luxuoso Lexus, olhou à pequena mão da diaba dar caramelos como favores reais e sufocou um grunhido de excitação. Tinha estado assim há uma semana, e seu efeito sobre ele era infelizmente inoportuno. E aquele traje não ajudava absolutamente.

Ela riu com os meninos, seu rosto se acendia agradada com cada um dos que vinham a sua porta, só era brandamente cortês ao dirigir-se aos pais. Ela se manteve à distância, controlada, mas ele poderia sentir um ardor cozinhar a fogo lento em seu interior.

A maldita mulher, vigiá-la não tinha sido sua jogada mais brilhante. Deveria haver dito ao Dash Sinclair que fosse passear como entrou em contato com ele e lhe pediu que se unisse a esta loucura. O mundo não ia aceitar as raças. O presidente Marion podia votar cem Leis da Raça e isso não ia significar nenhuma diferença. Eram muito diferentes. Mas Dash e Callan Lyons estavam seguros de que poderia passar. Igualmente estavam seguros de que Kiowa poderia ajudar.

Ele bufou ante isso. Um coioite unindo-se aos leões e os lobos. O que seria o seguinte?

Trocou de lugar no assento de couro, reajustando seu cumprido membro e gemendo ante a posição incômoda. Justo o que necessitava, ficar duro pela doce filha caçula do presidente. Isso lhe garantiria ser procurado e linchado como o animal sarnento que lhe criaram para ser, pensou zombador.

Enquanto Kiowa olhava a porta principal, esta se abriu de repente, o grito estrangulado de uma mulher apenas lhe chegou como esta se fechou rapidamente. Seus olhos se moveram à porta do lado, o duplex que a unidade de Serviço Secreto usava estava escuro e tranqüilo. Nenhuma luz; nenhum alarme soava.

Seu olhar fixo se estreitou enquanto explorou a agora quase abandonada rua. Os «gostosuras ou travessuras» estavam na rua acima e abaixo, mas não havia ninguém o bastante perto para ouvir o precipitado grito. Amaldiçoando, tirou a Glock da cintura de suas calças e saiu de seu veículo rapidamente. Agachando-se, foi ao redor dos carros, chegando ao lado da construção que incluía o pequeno duplex de dois andares.

Não a tirariam pela porta principal; teriam um carro na parte posterior. Maldição, onde infernos estavam seus guarda-costas atribuídos, os ineptos do serviço secreto? Ele pessoalmente não necessitava esta merda. Supunha-se que devia ser de reserva, nada mais, não a maldita cavalaria.

Enquanto se movia através das sombras, bordeando o prédio cuidadosamente, viu a caminhonete e ao condutor que esperava impacientemente, uma máscara negra cobria seu rosto. Kiowa se mobilizou através das sombras, inalando o ar quebradiço da noite para estar seguro que não havia outros protetores fora. Sua visão distinguiu ao condutor, mas nenhum outro sinal de um parceiro na caminhonete.

Estúpido. Estúpido, repetiu silenciosamente enquanto calava ao motorista, tomou rapidamente sua arma e a preparou. O guarda saiu imediatamente, no mesmo momento em que a porta traseira se abria. Movendo-se rapidamente ao longo da parede, Kiowa sacudiu com força ao primeiro homem diante da porta, seus braços circundaram sua cabeça e a torceram rapidamente. Deixou cair o corpo

antes que o som oco de ruptura acabasse. O segundo homem foi igualmente surpreendido, era fácil tomá-los. Escondendo-se, logo se esquivou de uma bala antes de colocar-se detrás e eliminar ao terceiro. Não levou a esses moços muito tempo entender que estavam apanhados, pensou zombador.

Os cães agora ladravam, as vozes se levantavam enquanto o quarto homem se movia para pôr sua arma na têmpora da mulher inconsciente que sustentava.

O treinamento podia ser uma coisa maravilhosa, pensou Kiowa distantemente enquanto estendia seu braço e disparava primeiro, antes de agarrar a carga que o atacante levava como caiu.

Agora o quê? Maldição, ele não necessitava isto.

Lançando-a sobre seu ombro, trasladou-se à caminhonete, tirando de um puxão ao motorista morto de seu assento, lançando-o ao pavimento e entrou nele. Deixou a moça no chão da caminhonete, acelerou o motor e saiu enquanto as luzes começavam a iluminar a rua.

Transar, realmente não necessitava isto. Supunha-se que devia vigiá-la, só vigiá-la e certificar-se de que a tropa de idiotas não matava seu trabalho e que não deixariam aos Supremacistas do Sangue, que espreitavam ao presidente Marion, fazer um atentado contra ela.

No serviço secreto eram experimentados. Estavam acostumados a proteger às primeiras filhas. Os melhores dos melhores e ou eles estavam fodidos e mortos no inferno ou dormiam no trabalho, e agora ele tinha que agüentar a menina.

Deixaria-a em algum lugar, faria uma pequena chamada telefônica rápida à delegacia de polícia mais próxima e seria assim. Fácil. Simples.

Imbecilidades.

Se os bastardos tinham podido chegar a ela tão facilmente então havia alguma merda de especialista que se preparava para um golpe, um fanático. Ninguém, mas ninguém, aproximava-se simplesmente da filha do presidente sem ajuda de dentro. Merda.

Capítulo Quatro

Uma hora mais tarde Kiowa estacionou a caminhonete branca na parte traseira de um motel que tinha estado rondando durante mais tempo do que gostava de confessar e arrastou sua carga, ainda inconsciente, à habitação do motel. Não tinha sido seguido, mas não era tão estúpido para assumir que alguém por aí não ia procurar aquela caminhonete rapidamente. Uma operação bem feita não o era sem sua reserva.

Com movimentos rápidos a atou e a amordaçou, embora para ser honesto não parecia como se fosse despertar logo, mas preferiu não equivocar-se na questão da precaução.

Ela respirava normalmente, o golpe em sua cabeça não era muito grande, e ele tinha que se livrar dessa maldita caminhonete e fazer uma chamada telefônica. Condenação, esta era a maldita última vez que fazia um favor ao Dash ou ao Simon. Sabia que se mesclar com esse curandeiro e seu harém era uma idéia estúpida. Realmente estúpida.

Olhou fixamente a bela dormir, com uma careta em sua cara, com suas mãos apoiadas nos quadris, e assumiu que ela viveria durante o breve tempo que tinha que estar ausente. Ele odiou fazê-lo, mas maldito se tinha uma opção. Essa caminhonete era como um farol para os maus, e infelizmente se ia derramar sangue desejava estar seguro de que não fora o seu, pensou enquanto girava e saía da habitação.

Deixou a caminhonete em um depósito de sucata aproximadamente a dez milhas da cidade antes de caminhar ao telefone público mais próximo e chamar um táxi. O taxista que lhe recolheu e o conduziu a seu motel, além de um dos blocos de pisos buliçosos, umas maçãs mais acima, estava ligeiramente bêbado, ou era um freqüentador assíduo a festas.

Ali Kiowa voltou para sua habitação, abriu a porta e a fechou com força. Bem, pelo menos a moça ainda respirava. E não era muito duro olhá-la, mas maldição se desejava esse problema.

Tirando seu telefone móvel de seu bolso fez uma chamada extremamente importante.

-Olá nenê, o que posso fazer por ti? - A voz era suficiente para fazer o membro de qualquer homem contrair-se nervosamente. Infelizmente, estava com o saco muito cheio para deixar a aquele órgão ter qualquer opinião.

-Me tirem daqui -espetou ele no código para uma reunião de emergência -. Estou no Lazy Oak Inn. Para como pode estar aqui?

Houve um curto silêncio.

-Uma hora -respondeu ela, com voz forte que não demonstrava nenhuma preocupação pela situação agora requeria-. Tem a camisinha?

Ele desejou pôr seus olhos em branco ante a pergunta. A filha do Marion era considerada como um escudo entre o êxito ou o fracasso com a Lei de Raça mais importante para o voto. Isso de dar a autonomia, o direito de defender e matar a seus atacantes sem prejuízo. Se Amanda Marion ficasse segura e feliz, o Presidente Marion votaria segundo sua consciência. Mas se ela fosse usada contra ele, mantida para utilizá-la para conseguir um voto negativo, então as Raças poderiam bem pôr suas cabeças entre suas pernas, beijar seus traseiros e dizer adeus. Marion os venderia pela vida de sua filha e nunca lhes daria um segundo pensamento.

-Tenho a fodida camisinha, maldição -grunhiu jogando uma olhada à moça outra vez-. Agora traz seu traseiro aqui.

-É tão romântico -suspirou petulantemente a voz feminina-. Pode ser que tenha que te dar palmadas no traseiro por isso.

-Se assegure de trazer o látex -resmungou-. Vai necessitar dele. Chegue logo.

Ele desligou a chamada, então se recostou na cadeira e contemplou a sua preciosa cativa. Resfolegou pelo pensamento. Ele estaria logo fora deste pequeno lugar e da vigilância da casa e dos problemas vindos com ela. Era melhor que Simon Quatres e suas pequenas potranças pusessem seus traseiros em marcha e viessem aqui rapidamente porque ele não estava de humor para isto.

Simon poderia tirar a filha do presidente de suas mãos em uma hora, escondê-la em algum lugar agradável e protegê-la e Kiowa iria de caça. Ele se acalmou com esse pensamento. Que inferno importava a ele seu cuidado?

Então seus olhos voltaram para a moça. Uma mancha de sangue em sua frente, onde tinha sido golpeada, fez que a fúria se elevasse de novo dentro dele. Demônios, não havia nenhuma necessidade de golpeá-la, pensou. Os bastardos que trataram de capturá-la não tinham dado uma maldita indicação de que se a matariam ou não. Tudo pelo que se preocupavam era por seus projetos fanáticos e seus loucos prejuízos. Sim, ir de caça era uma maldita boa idéia. Os supremacistas do sangue infectavam agora a sociedade e começavam a corroer seus nervos de todos os modos.

Moveu-se em sua cadeira, fazendo uma careta pelo duro volume em seu jeans. Quanto mais a olhava mais duro ficava. Isso era mal. Muito mal. Nunca teve problemas para separar a luxúria dos negócios, e só o fazia como era completamente necessário. Era malditamente difícil separar os dois enquanto a olhava. E esta era uma daquelas situações como não só era desnecessário, mas sim malditamente estúpido.

Suspirando com fadiga ficou em pé e lhe tirou a mordação. Ela parecia respirar muito bem, mas não desejou arriscar-se. Deslizou o pano antes de voltar para sua cadeira e olhá-la fixamente de novo. Poderia acostumar-se a vê-la em sua cama, pensou.

Ela era realmente bonita. O cabelo castanho, comprido e cheio, caía em grossos cachos ao redor de seu corpo magro, e aquele traje era quente como o inferno. Sedutoramente vermelho. A blusa acomodava seus peitos, fazendo-os derramar-se por cima do decote baixo. Carne pálida suave e sedosa. Uma boca de botão de rosa. Seu membro se moveu nervosamente com força à vista daquela boca. Era atraente e vermelha, e tentadora como o inferno. Uma boca assim poderia dar a um homem mais êxtase do que ele tinha direito a ter. Sem mencionar a um da Raça.

Enquanto a olhava, um gemido baixo passou sobre as curvas tentadoras de seus lábios, e as largas pestanas se agitaram abrindo-se fracamente. Ele se moveu da cadeira, olhando-a estreitamente enquanto se deixava cair na cama ao lado dela e pôs sua mão sobre sua boca bem a tempo.

O grito amortecido foi acompanhado pelo movimento frenético de seu corpo como ele se moveu sobre ela, ficando sobre ela pesadamente, olhando fixamente uns olhos de cor avelã, profundos e misteriosos, que poderiam fazer chorar a um homem já crescido.

Sombras de marrons, verdes e azuis se chocavam naqueles olhos, pontos diminutos de cor que, de perto, quase hipnotizavam. Estavam arregalados com medo e ultraje agora. Oh, oh, pensando no assassinato dele por estar pressionando contra seu baixo ventre, e que estava seguro que era a causa do ultraje e faíscas de fúria candente que acendiam seus olhos.

-Quieta - murmurou, olhando-a de perto, permitindo-se desfrutar da sensação do corpo magro debaixo dele-. Não vou te fazer mal.

Sim, como se ela fosse acreditar lhe, pensou ele, especialmente com sua ereção ferroando-a e essas cordas que a continham.

Seu grito amortecido de ultraje contra sua palma lhe assegurou que tinha razão.

-Olhe senhora, se eu a quisesse morta, você estaria morta -se queixou ele-. Se eu a desejasse assustada e sob controle, você estaria amordaçada e atada. Se não tivesse jogado um fodido sir Galahad poderia ter sido capaz de te dar proteção e advertir aos companheiros de seus atacantes do fato de que você está viva e bem neste lugar e momento. Agora, infernos, quer calar-se e me prometer não gritar, ou quer em sua boca uma de minhas meias três-quartos? Confie em mim, essa não é uma boa alternativa.

Ela piscou com surpresa.

- Vai ser agora uma boa garota? -Murmurou ele- Ou me fico aqui até que esteja cansada e utilizo pelo contrário essa meia três-quartos?

Uns olhos bonitos, muito bonitos.

Ela inspirou em uma respiração profunda, as janelas de seu nariz flamejaram enquanto que se acalmava debaixo dele.

-Ficará quieta?

Ela assentiu enfaticamente.

Olhando-a com receio, começou a levantar sua mão. Devagar, moveu-a para trás, dispondo-se a levantar-se de cima se ela mantinha sua palavra. Ela era muito suave e doce para mentir, mas ele tinha uma sensação... Merda.

Sua boca se abriu, um grito penetrante quase saiu antes de que ele baixasse sua cabeça e o capturasse com seus lábios.

Estúpida, estúpida idéia. Doce céu, seus lábios eram suaves, tenros, sua boca uma caverna quente e sedutora que o atraía.

Suas mãos agarraram seus pulsos como os dedos magros formaram garras. As cordas a sustentaram rápido, mas lhe deu suas mãos para agarrar, para cravar com aquelas pequenas unhas delicadas. Algo para aliviar a necessidade de violência que sabia devia ferver em seu interior.

Por Deus, seus lábios eram suaves.

Ele olhou fixamente seus olhos, sentindo o claro choque até as pontas de seus pés enquanto sua língua lambia a perfeição do botão de rosa, provando algo delicado, aditivo, sentindo uma loucura acalorada incorporar-se a seu cérebro enquanto a fome aumentava em seu interior.

Ela pareceu aturdida, olhando-o fixamente, o azul em seus olhos de cor avelã se obscureceu como ele lambeu em seus lábios outra vez. Ele só queria lhe impedir de gritar, fazê-la calar tão rápido como fosse possível sem lhe fazer dano. Mas não esperava isto.

Ele moveu suas mãos, tirando-as de seu apertão de forma que pudesse as afundar em seu cabelo para sentir sua sedosidade, mantê-la quieta e penetrar profundamente em sua boca ao mesmo tempo.

Seus polegares apertaram contra sua mandíbula, controlando seus pequenos dentes agudos se por acaso ela tivesse em mente morder, forçando a abrir o bastante para empurrar sua língua bruscamente dentro de sua boca.

Deus, estava dolorido. Sua língua palpitava com o gosto dela. Cravando os olhos nos seus, olhou o movimento de suas pestanas mais abaixo, viu seus olhos obscurecer-se.

Doce, o doce mel encheu seus sentidos, tentou suas papilas gustativas. Maldição, ela era saborosa. Como o verão. A inocência. Algo que ele nunca tinha conhecido ou pensado que pudesse existir até que fosse muito velho para enganar-se, para acreditá-lo. Mas isto existia realmente, aqui mesmo, agora mesmo, e seu gosto encheu seus sentidos.

Demônios, ele não necessitava isto. Antes de que pudesse debilitar-se mais, apartou seus lábios dos seus, lhe pondo a mordaca que tinha usado antes, uma tira densamente atada de uma capa de travesseiro rasgada e empurrou o nó por diante de seus lábios separados antes de atá-la rapidamente detrás de sua cabeça, enquanto seus gritos surdos e lutas frenéticas cravaram na consciência que não se supunha que tivesse.

-Sinto muito. -Ele inspirou asperamente, sentando-se ao lado dela como ela o olhou fixamente atrás, furiosamente-. Mas realmente não arrisquei meu traseiro para que possa gritar bobamente e fazer que matem a ambos.

Ela gritava agora enquanto se sacudia e resistia contra suas restrições, seus olhos formosos prometiam uma abundância de justo castigo como finalmente se afundou no esgotamento.

-Olhe, eu ia inclusive te dar algo para essa repugnante dor de cabeça que aposto que tem. -Ele sorriu com um brilho mortal-. Isso dói o bastante, né!?

Ela apartou o olhar, suas fossas nasais que flamejavam de raiva, sua cara estava ruborizada enquanto seus peitos tremiam com agitação. E esses eram uns peitos malditamente bonitos. Com pequenos mamilos duros e perfeitos.

Estes se inchavam contra a blusa vermelha, cômoda, embaixo do sedoso tecido. Pequenos globos, rechonchudos com surpreendentes mamilos duros, eretos. Seus olhos se estreitaram com sinais óbvios de excitação, seu membro se inchou baixo seu jeans enquanto sua boca babava por degustá-los.

Estendendo a mão, ele permitiu que o dorso de seus dedos roçassem os lados das expostas curvas superiores.

Seus olhos se moveram para ele, amplos, cheios de medo e calor.

-Seus mamilos sempre ficam tão duros como é seqüestrada? - Ele tratou de brincar, mas os

pequenos brotos apertados estavam bem debaixo das gemas de seus dedos, mais tentadores do que poderia haver-se imaginado.

Ela respirava com mais dificuldade agora, seu olhar fixo era de causar pena, suas bochechas ruborizadas como ela sacudiu sua cabeça suplicantemente.

-Não?

O decote elástico cedeu facilmente a seus dedos como estes deixaram de lado as duras curvas. Avermelhados também, os mamilos rosados, escuros, estavam arrepiados com força e atentos como o tecido raspou sobre eles.

Ah! homem, ele ia-se ao diabo por isso seguro.

O elástico ficou enganchado debaixo da curva do montículos, levantando-os mais alto, fazendo seus pequenos e doces mamilos assinalar diretamente ao teto. Os pontos apertados estavam surpreendentemente congestionados, excitados. Isto não era medo. Isto era seu corpo exigindo alívio.

Chamando-se parvo de sete formas diferentes, deixou a seus dedos remontar caminho a um pequeno ponto endurecido, entre seu polegar e o índice agarrou um dos pontos duros, apertando com força, olhando-a estreitamente.

Ele não esperava a reação. Ela se arqueou, dobrando-se enquanto os estremecimentos sexuais convulsionavam seu corpo miúdo.

-Maldição.

Ele ardia agora, quase tremendo como um pequeno gemido exausto escapou através da mordança e sua cabeça baixou.

Indefeso, a luxúria aumentava dominando-o com tanta força, tão rápido, que se sentiu drogado, fora de controle ante isso. A boca dela se abriu como ele cobriu um bico tremendo, atraindo-o, sorvendo-o ferozmente em sua boca enquanto se inclinava sobre ela. Sua língua se frizou ao redor enquanto ela se arqueava contra ele, levantando-se mais perto, empurrando seu mamilo apertado e endurecido contra sua língua enquanto ele começou a dar um festim.

Capítulo Cinco

Isto não podia ser verdade. Amanda se agitou baixo o fogo líquido da boca do estranho. Um estranho. OH Deus, ela não fazia isto com um estranho, atirando mais perto, tratando de empurrar seu peito mais profundamente em sua boca que sugava enquanto sua língua se curvava ao redor de seu mamilo como veludo molhado.

Ela gemia desesperada. De onde tinha saído esse fogo? Como um raio cruzou de seu mamilo a seu sexo, convulsionando seu estômago com espasmos de excitação interminável, atormentadora. E ela não ofegaria. Não o faria.

Mas o fez.

Ela gritou detrás da mordança, suas mãos se apertaram em punhos como seus dentes agarraram seu mamilo, beliscando e sugando dele como um ponto de inflamada eletricidade molhada estalou entre suas coxas.

Seus lábios, dente e língua trabalharam no ponto até que estava tão sensível que ela não podia pensar em nada mais. Necessitava mais. Necessitava-o a ele chupando-o profundamente e com força, a seus dentes enviando essa curiosa mescla de prazer e dor que passava como um raio às

profundidades de seu sexo enquanto seu clitóris começava a inchar-se e a pedir sua atenção.

-Deus, que gostoso -murmurou ele um segundo antes de que atraía o pequeno ponto dentro, profunda e duramente, sugando-o com sua boca enquanto brutais rajadas de sensações rasgavam através dela.

Ela se enroscou embaixo dele, seus quadris se elevavam como ele se inclinou sobre ela, gemidos e grunhidos desesperados saíram da mordaca como seus dedos começaram a jogar com o outro mamilo. Não era o bastante. Seu grito se fez surdo como seu corpo exigiu mais, estava sacudida até seu núcleo, mas isto não aliviou o prazer terrível e enlouquecido que se rasgava com ele.

Então seus dedos apertaram mais forte, a pressão se fez mais apertada enquanto seus dentes raspavam o outro ponto. OH Deus, isto doía com um prazer que ela sabia que a voltaria louca. Ela queria mais, necessitava mais. Só um pouquinho mais e as pressões intensas, tormentosas detrás de seus clitóris se liberariam, aliviando o fogo líquido que se derramava de seu sexo.

-Merda. Você gosta assim, verdade? -Ele levantou sua cabeça, com seus olhos estreitados nela como seus dedos se enroscaram no mamilo atormentado.

Ela gritou para ele, sua cabeça pressionava para trás no colchão enquanto lutava contra a cascata esmagadora de brutal prazer.

Mais.

Necessitava mais.

Ela não podia suportar a pressão crescente, a incrível fome sexual que pareceu elevar-se de uma parte escura e escondida de sua alma. A fome parecia uma criatura, roendo as mesmas profundidades de seu sexo e enviando chamadas para chameuscar o broto palpitante de seus clitóris.

Mais... Ela gritou a palavra detrás da mordaca enquanto ele a olhava.

Ah Deus. O que ia mal com ela? Aquele golpe na cabeça tinha ativado um interruptor sexual que ela desconhecia?

O que lhe tinha feito?

Ele tirou de seus mamilos outra vez e seu olhar fixo vidrado enquanto ela lutava por tomar fôlego.

Sim. Sim. Assim.

Labaredas douradas de sensação impregnaram seu corpo, que zumbia sobre sua carne, eletrizando-a.

-Demônios. -Ele respirava também com força.

Seus olhos negros eram poços sem fundo de luxúria excitada, as maçãs do rosto escuro estavam avermelhadas, seus lábios estirados em uma linha apertada de controle como ela se retorceu sob a pressão.

-O que quer, neném? -Sussurrou ele então, uma sexualidade pecaminosa banhava sua expressão, lhe dando um olhar perigoso, escuro.

Ela se arqueou, ofegando como seus dedos atiraram em seus mamilos outra vez. Queria sua boca ali outra vez. Queria sentir seus lábios e dentes apertá-los, usando-a, fazendo pequenos raios de dor de prazer apertar-se em sua barriga.

Queria saber seu nome.

Sua cabeça baixou outra vez, e não lhe importou qual fosse seu nome. Sua boca era ardente, sua língua um instrumento de tortura raspando e dando palmadas no traseiro, na carne sensível e fazendo a seus sentidos descontrolar-se com o prazer.

Então seus dentes beliscaram neles, enviando ardentes fragmentos de prazer doloroso que estalaram em seu sexo.

Sua cabeça se retorceu na cama, seus braços e pernas atiravam contra as ataduras, seus clitóris era uma massa torturada de nervos, tão necessitados de alívio que todo no que ela poderia pensar era na dor em aumento.

-Filha de puta. -Ele respirava forte e asperamente como sua cabeça se levantou, sua língua lambia sobre seus lábios já úmidos como o ar fresco da habitação arrepiou seus mamilos mais ainda.

Por favor. Ela quis gritar a palavra.

-Demônios. -Ele desatou a mordança rapidamente, mas antes de que ela pudesse rogar, seus lábios cobriam os seus outra vez, sua língua se forjava em sua boca.

Aquele sabor. Mel e especiarias. Sua língua se entrelaçou com a sua, seus lábios se acomodaram ao redor como ela o absorveu em sua boca, sentindo o sabor intensificar-se como suas mãos agarraram sua cabeça, sustentando-lhe, usando sua língua para transar com sua boca com golpes quentes, possessivos.

Sua camisa raspou seus mamilos enquanto se inclinava, sem tocá-la em nenhuma outra parte, fazendo-a enlouquecer por mais. Ela necessitava mais. Ela gemeu contra a necessidade que dar palmadas no traseiro contra a cama enquanto gemidos como miados desesperados se saíam de sua garganta.

Como ele levantou sua cabeça, ela o olhou de modo suplicante.

-Faz parar -ofegou ela-. Por favor, faz parar.

-O quê? -Ele ofegava como a olhou, seu olhar fixo estava centrada em seus lábios - O que tenho que fazer parar?

Ela gemeu. Por que queria torturá-la? O que lhe tinha feito ela?

-Por favor -sussurrou ela, as lágrimas enchiam seus olhos como seu clitóris floresceu em um nó aceso, cheio de agonia e dor. Faz parar de doer.

Ele sacudiu sua cabeça como se estivesse confundido.

-O que dói?

Não sabia? Ele a tinha convertido em uma massa de fome tão intensa que ela morria com isso.

-Demônios -amaldiçoou ela amargamente, arqueando-se, esfregando seus peitos em seu peito, gemendo pela sensação-. Você sabe o que quero dizer. Faz deter-se agora, não posso suportá-lo.

Sua mão se moveu de sua cabeça, deslizando-se a sua cintura antes de pousar-se em sua coxa. Ela se acalmou, seus lábios se separaram como ela fez esforços por respirar, seu olhar fixo se travou com a seu enquanto ele começava a subir a saia solta de seu vestido por suas pernas.

Sim.

O ar frio sussurrou sobre as meias que levava postas, aliviando o brutal calor durante só um segundo, antes que voltasse com plena força. Ela se retorceu como despiu seus joelhos, arqueando-se enquanto o tecido se deslizava sobre suas coxas.

Teria gritado como seus dedos roçaram o fundo de suas calcinhas se seus lábios não tivessem coberto os seus outra vez. Sua língua bombeava repetidamente em sua boca como ele de repente rasgou as calcinhas, minúsculas como eram, de seu corpo que se retorcia.

Como sua mão voltou, ela se acalmou, um grito saiu de sua garganta como o calor de sua palma cavou sobre seu sexo enviando arcos de relâmpago flamejando por seu corpo. Sua cabeça levantou devagar, seus olhos fixos nela, olhando-a com cuidado como ele se moveu mais abaixo na cama, empurrando seu vestido sobre seus quadris como seus olhos foram parar entre suas coxas.

-Um sexo depilado -sussurrou ele-. Sabe quão excitante é?

Era conveniente para ela. Uma sensação de liberdade, uma emoção feminina. Agora a sexualidade disso se derramou por ela.

-O que me fez? -Ela tratou de falar, mas isso interferia com a respiração. Realmente tinha que respirar agora mesmo.

-Sei o que vou fazer -resmungou ele enquanto seus dedos separavam as dobras saturadas, enviando estremecimentos elétricos sobre suas terminações nervosas.

Seu clitóris golpeou a toda velocidade, o calor palpitante se estendia sobre ela, fazendo-a arquear-se, retorcer seus quadris.

-Fica quieta. -A ordem foi seguida de uma palmada pequena e mordaz que aterrissou em seu sexo.

-OH Deus...-Seus olhos se arregalaram enquanto ela resistia contra o fogo que se derramou por ela.

Não. Não. Não. Ela gritava a negação em sua cabeça, mas seu clitóris se apertava, sucos fluíam de seu sexo enquanto a dor sexual quase a empurrava ao orgasmo. Um orgasmo que ela sabia desafiaria todas as leis da liberação e satisfação que tinha experiente até agora.

-Isto é mau -ouviu que ele resmungava enquanto se tirava sua camisa sobre sua cabeça e estava em pé ao lado da cama.

Bronzeados e formidáveis músculos, seus bíceps, o peito e fortes abdominais foram revelados na luz baixa da habitação. Debaixo... ela trago com dificuldade à vista do vulto embaixo daqueles jeans.

Mãos amplas e fortes se moveram ao cinturão de seu jeans, estalando para afrouxá-lo, deslizando o zíper para baixo e logo empurrando o material ofensivo, junto com sua roupa íntima, por suas musculosas pernas.

Estava segura que aquelas pernas pareciam realmente atraentas, mas a quem demônios importava. Seus olhos se centraram na ereção que se inchava em meio suas coxas, pendurando baixo, o peso do grosso músculo fazia que este se destacasse claramente de seu corpo.

Tragou com dificuldade, perguntando-se se havia uma maldita possibilidade de que ela realmente pudesse acomodar seu membro.

-Não te conheço -sussurrou, lambendo-os lábios, sabendo que realmente não importava.

-Logo o fará -grunhiu ele.

Antes que pudesse dizer algo mais ele se moveu entre suas coxas, abrindo, sua cabeça equilibrada em cima das dobras molhadas e palpitantes de seu sexo.

Ela se estremeceu com desespero como sentiu que seu fôlego enviava uma carícia refrescante sobre o tecido fibroso sensível.

-Demônios, este tem que ser o pequeno sexo mais bonito no qual pus alguma vez meus olhos - sussurrou ele, seus dedos se moveram através de seus lábios fazendo-a tremer, a estremecida resposta obteve que um grito saísse de seus lábios.

-Vou devorar você, neném.

Capítulo Seis

Amanda estava segura ter morrido como sua língua seguiu o caminho de seus dedos. Devagar, languidamente, sua língua percorreu o pequeno vale cômodo, juntando os sucos que tinham reunido ao longo dele como ela se arqueou em seus lábios.

Suas mãos sustentaram seus quadris apertados enquanto ele lambia dobras de carne que nunca tinham conhecido o toque de um homem.

A realidade retrocedeu, já não lhe importava quem era ele, qual era seu nome ou o que tinha a intenção de fazer com ela depois de que tivesse terminado. Tudo o que sabia era da necessidade abrasadora que se estendia de repente por seu sistema, e de sua língua lambendo quente como o fogo sobre sua carne.

Ele gemeu em seu sexo, lambendo e absorvendo nas lisas dobras de carne, então sua língua se moveu mais acima, finalmente, ah querido Deus, finalmente raspando sobre seu ardente clitóris.

-Sim -gemeu ela delirantemente-. Sim, por favor, por favor...

Ele grunhiu, um som animal baixo, como sua língua circundou o pequeno broto apertado, torturando-a com sua necessidade de orgasmo, afundando-a com um prazer tão brutal que ela não poderia logo que encontrar sentido do que acontecia.

-Assim? -Sussurrou ele, seu fôlego soprava sobre a massa congestionada de nervos.

-Sim. -Ela o necessitava mais, necessitava-o mais perto.

-Seu sabor é perfeito -grunhiu ele-. Como xarope de mel quente, suave e doce em minha língua.

Ela gemeu, sua cabeça se agitou na cama como ela lutou contra a necessidade de pedir mais.

-Quer gozar, neném? -Perguntou ele, sua voz a atormentava terrivelmente-. Seu pequeno clitóris está tão duro e inchado. Quer que eu o faça sentir-se melhor?

-Sim -gritou ela-. Quer que suplique?

-OH sim – ele riu, um som baixo e escuro-. Diga-me o que quer, amor. Peça-me que te faça gozar.

Ela estava além da vergonha. Além dos limites normais das vacilações virginais.

-Chupa-o -pediu ela-, chupa meus clitóris. Com força. Faz com força. Como fez com meus mamilos.

-Mmm. -A vibração de prazer como ele lambeu na ardente área quase lhe enviou ao limite.

-Você gostou como te fiz mal? -Perguntou-lhe ele- Como belisquei seus pequenos mamilos e atirei deles com meus dentes?

-OH Deus. -Ela tremeu como uma folha em um furacão-. Sim. Faz-o. Por favor, por favor, faz algo.

Seus dedos se deslizaram por seus sucos, movendo-se abaixo, acariciando sobre a entrada a sua vagina antes de rodear o pequeno buraco franzido de seu traseiro. Ela se sacudiu pela carícia, mas ficou imóvel, tremendo, como ele o fez outra vez, então outra vez. À quarta vez ela afogou num grito como a ponta de seu dedo deslizou nela.

Fogo. Calor.

Ele reuniu mais de seus sucos e repetiu o movimento várias vezes enquanto sua língua lambia em seu sexo inchado, até que ela gritou pela pressão que aumentava como seu dedo se deslizou profundamente dentro de seu ardente traseiro.

Seus lábios submeteram com força seus clitóris então, sua língua o raspou como ele o absorveu em sua boca. Seu dedo se moveu em seu interior, movendo no canal intocado e enviando essas muito necessitadas chamadas famintas que queimavam por seu corpo.

Tão perto. Ela estava... tão perto. Outro dedo se uniu então ao primeiro, movendo-se nela, estirando-a, queimando-a como sua boca amamentou nela, sua língua que estalou apertando-a, destruindo-a.

Como chegou seu clímax gritou. Ela não podia parar o som, não podia controlar a resposta. O

fogo passava como um raio por seu culo, queimando-a viva com o prazer e a dor como ela explodiu com tal força, com tal resposta lhe esmaguem, que nada importava, nada existia, exceto a conflagração que apertava seu corpo e a queimava viva.

Até...

-Infernos, Kiowa, supunha-se que foste protegê-la, não que a comeria.

O que tinha passado? Depois teria pouco mais que uma nebulosa lembrança de uma manta arremesso sobre seu corpo pelo Kiowa? E dele indo sobre ela com uma arma apontando à porta com um grunhido que soou muito parecido ao de um animal.

-Maldito, Simon, esquece a arma em sua mão, olhe esse pau! -Cantanolou a fêmea que tinha entrado com rouca apreciação.

Kiowa grunhiu outra vez, a frustração o comia vivo como entrou Stephanie, escura, com os olhos bem abertos centrados em seu corpo onde ele estava em cócoras sobre a Amanda.

A magra e esbelta mercenária esteve em pé ao lado de seu amante muito mais alto, Simon Quatres, quem fez uma careta com repugnância masculina.

-Quieta, moça -resmungou ele antes de lhe jogar ao Kiowa um olhar duro-. Poderia te pôr umas calças ou algo?

Ainda podia cheirar a excitação da Amanda, doce e quente. Baixo ele, ela olhou fixamente ao Simon e Stephanie com aturdida fascinação, embora ele podia sentir os pequenos estremecimentos que percorriam seu corpo enquanto saboreava a essência de sua necessidade em seus lábios. E ele queria mais.

Amaldiçoando saltou da cama e arrastou seu jeans sobre seus quadris antes de lutar para puxar o fechamento sobre uma ereção que uivava seu descontamento pelo confinamento.

-Seu sentido da oportunidade empresta, Simon -ladrou ele enquanto se voltava de novo para eles, mas seu olhar foi a Amanda.

Ela o olhava aturdida, quase drogada. Mas não havia nenhum signo de drogas, ele o haveria sentido primeiro. Franziu o cenho, aproximando-se para comprovar a seus olhos dilatados e sentir o calor de sua pele.

Seu gemido sussurrado como a tocou fez a seus sentidos gritar em exigência. Ela tinha que ser fodida. Ele podia cheirá-lo no ar a seu redor, saboreá-lo em seus lábios, senti-lo elevando-se como uma onda de calor ao redor dele.

E ele queria amá-la e então, maldição, queria morder seu traseiro.

-Sabe que, sendo um homem malditamente cuidadoso, aqui cometeste alguns enganos graves? -Disse então Simon- Se esqueceu de quem era ela, por acaso? Talvez seus aspirantes a atacantes o golpearam na cabeça ou algo?

Os olhos azuis do Simon o olharam com aguda desaprovação.

-Não me esqueci de quem era ela -grunhiu ele-. Deixa-a tranqüila e me diga que demônios aconteceu com seus protetores do Serviço Secreto.

Simon grunhiu.

-Alguma coisa estranha aconteceu ali, companheiro -disse sarcásticamente-. Gloria e as garotas registraram o lugar. Não há mortos e a tropa de idiotas de protetores estava de novo em seu lugar na porta, são e salvos. Tudo o que encontramos foi um pouco sangue na entrada traseira e parecia que os outros rastros tinham sido apagados cuidadosamente. Alguém esteve muito ocupado.

Alguém se entretinha com jogos.

Kiowa inspirou profundamente, lutando para não fazer caso do aroma de carne amável e disposta detrás dele. Condenação, não era como se tivesse estado sem sexo. Ele não deveria estar tão

fodidamente excitado, tão faminto por devorar o pequeno doce corpo deitado como o brinquedo preferido dos paxás.

-Tem alguma idéia? -perguntou ele então ao Simon.

Simon se encolheu, seus ombros se flexionaram debaixo da camiseta escura que levava enquanto que jogava outra vez uma olhada a Amanda.

-Acredito que o que passou ali foi um golpe planejado. Igual te disse Dash. Os Supremacistas do Sangue têm planos de utilizá-la para influenciar o voto na Lei da Raça da próxima semana. De algum jeito, devem ter encontrado uma forma de manter oculto seu desaparecimento ante o público em geral. Embora como se propunham fazê-lo, desconheço-o. Alguém verdadeiramente perto do presidente Marion teria que estar comprometido nisso.

Os olhos do outro homem oscilaram à cama detrás do Kiowa outra vez. Ele se deu a volta e Kiowa desejou que tivesse permanecido no lugar. Ela se moveu debaixo das mantas, um gemido baixo e fraco encheu o ar.

-Drogou-a? -O tom do Simon era suspicaz como olhou à moça.

-Não, e eles tampouco. -Ele se passou os dedos através de seu cabelo negro comprido e lutou por conter sua fome-. Maldito se souber o que aconteceu. Golpearam-na na cabeça, mas se foi narcotizada não posso detectá-lo.

E Kiowa era malditamente bom na detecção de drogas.

-Ela não está exatamente consciente. -Stephanie caminhou perto da cama, um cenho franzido marcava suas sobrancelhas escuras-. Se não soubesse melhor, diria que tem uma dose do Rohypnol. - Kiowa apertou os dentes furiosamente.

-Você pensa que preciso encher a alguém por completo de drogas de violação para agarrar uma mulher, Steph?

Seus olhos se alargaram inocentemente.

-Com esse membro? Não me diga. Estou segura disso. Mas não quero te acusar.

-Sei como cheira essa merda. -Ele fez uma careta. Sabia muito bem-. Ela não está drogada.

Simon se deslocou à cama enquanto que Kiowa sentia cada músculo de seu corpo tensionar-se, opondo-se a que o outro homem fosse a qualquer lugar perto dela.

Ela se moveu na cama outra vez, a manta que a envolvia deslizou, as pernas atadas assim como seus peitos se mostraram debaixo dela. Ele apertou sua mandíbula, fechando com força seus dentes enquanto outra onda de calor caía sobre ele.

Simon se esticou para a manta.

O bufo admoestador que saiu da garganta do Kiowa foi acompanhado por um rosnado. Ele sabia o que eles viam. Presas curvadas cintilando no lado de sua boca enquanto se movia rapidamente para empurrar ao Simon fora de seu caminho.

-Não a toque. -O baixo e retumbante som de sua voz surpreendeu tanto a ele mesmo quanto a Simon.

-Isto é um problema, Kiowa -franziu então ele o cenho com seus olhos azuis brilhantes de cólera-. Se ela morrer estaremos até a cabeça na merda.

-Ela não vai morrer -espetou ele, seguro desse fato.

-Kiowa, presta atenção aqui -Simon falou com paciência sarcástica-. Você não é um homem estúpido. Olha-a. Algo está fodidamente mau com ela.

-Maldição, sei -ele se tornou para trás devorado pela frustração-. A mesma fodida coisa que vai mal comigo, agora infernos, retrocede.

Ele caminhou para o extremo da cama. Má idéia. O aroma de sua excitação era como um golpe

a seu ventre. Algo estava mau, e maldito se não o matava também.

-Chama-o. -girou-se para Simon outra vez-. Agora!

Os olhos do Simon se alargaram.

-Homem, você não o chama. Ele te chama.

Ela gemeu outra vez, um som causar pena e baixo que retorceu seu ventre e fez que seu membro se movesse de um puxão em exigência.

-Simon, tem três segundos para chamá-lo -grunhiu ele-. Depois disso vou arrancar sua fodida cabeça de seus ombros e te tirar as tripas pela garganta. E posso fazê-lo.

Ele era um dos poucos homens que poderia tentá-lo.

-Vai conseguir que me chute o traseiro -grunhiu Simon.

-Melhor chutado que morto -replicou Kiowa-. Não me empurre, Simon. Desejo falar com ele agora.

Simon tirou com força o telefone móvel de sua capa no quadril e apertou um botão furiosamente antes de dar-lhe ao Kiowa.

-O quê? -A voz no outro extremo era precavida, cautelosa.

-Temos um problema -informou Kiowa, sua paciência se estirou ao limite enquanto escutava uma série de pausas e de teclas baixos que indicavam a segurança adicionada à linha.

-Qual é o problema? -Dash Sinclair não era conhecido por sua personalidade amistosa ou por sua paciência com os problemas. Seu treinamento militar e o perigo que rodeava a ele e a sua família faziam dele um homem muito desconfiado.

-O trabalho de babá da moça foi mal -saltou ele com força-. A golpearam na cabeça, mas despertou muito bem. Agora, está mostrando todos os sintomas das drogas da violação sem nenhuma droga em seu sistema. Ela está desassossegada...

Maldição e ele também. Estava a ponto de correr-se em suas calças jeans com cada gemido e pequena choringação de sua garganta.

-Merda! -A maldição chispou através da linha surpreendendo-o. Dash não se alterava facilmente-. Você a beijou?

Beijá-la?

-Que merda tem que ver isso?

-Me escute, você imbecil sarnento -saltou Dash, fazendo que Kiowa fizesse um gesto pelo insulto-. Beijou ou não?

-Sim -grunhiu ele-. Ela ia gritar, e a beijei. Agora me diga que infernos tem que ver com esta merda?

-Deus, se Callan não levantar a restrição sobre esta informação alguém vai morrer -murmurou Dash-. Me escute Kiowa; tem um carregamento de merda de problemas aqui.

-Foi só um beijo -ladrou ele-. Acredita que já beijei a uma mulher antes? Nunca lhe fez mal a nenhuma.

-Você não beijava a seu fodida companheira tampouco antes -grunhiu Dash, fazendo que Kiowa ficasse imóvel pela surpresa-. Está sua língua latejando?

Latejando? Palpitava tão duramente como o fazia seu pau.

-Kiowa? -Disse Dash segundos depois com ira-. Me responda.

-Sim, Senhor -respondeu ele sem pensá-lo, o tom militar usado pelo Dash irrompeu em seu cérebro como nada mais poderia.

-Maldição.

-O quê? -Grunhiu Kiowa -. Explica-o.

-Não há tempo nem segurança suficiente -lhe informou Dash, sua voz se voltou fria-. Espera.

Espera? Amanda se arqueou baixo a manta outra vez, sua cabeça que se retorceu no colchão enquanto gemia acaloradamente. O aroma de seus sucos fazia que seu corpo ardesse e que sua boca babasse pelo sabor de seu pequeno e doce sexo.

Sua mão apertou o telefone enquanto lutava contra a necessidade de impulsionar ao Simon e Steph fora da habitação. Se ele não conseguia devorá-la logo, ia tornar-se louco.

-Não há nenhuma extração disponível -saltou Dash-. Procede à posição Alfa e espera a informação adicional.

Dash resfolegou. Não era só sua sorte, não havia nenhum modo de lhe conseguir um helicóptero e agora Dash o enviava a um lugar garantido para matá-lo.

-Sim, correto, Amandante -grunhiu ele-. Como posso entrar ali?

-A warrant foi arrumada e as explicações lhe serão dadas. Enquanto isso, não a beije outra vez, e não faça nada para aumentar sua excitação. Tira o traseiro dela daí agora, Kiowa, e o seu. Não tem tempo a perder. Agora me deixe falar com o Simon.

Passou o telefone ao outro homem enquanto se movia para liberar as ataduras que ligavam os magros tornozelos de Amanda. Os saltos de três polegadas das botas de couro eram tão infelizmente atraentes que desejou uivar ante sua só visão. E aquelas meias vermelhas eram suficientes para fazer a um homem correr-se em seu jeans.

Deixando a manta sobre ela, ele ignorou a parte da conversação do Simon assim como a chamada adicional que fez segundos mais tarde. Kiowa desatou as mãos da Amanda, massageando os frágeis pulsos enquanto ela se girava.

-Tenho frio -sussurrou levantando olhos sonolentos para ele.

-Sei, neném. -Ele manteve sua voz suave, tão suave como era possível enquanto discretamente endireitava sua roupa e cobria seu corpo, abrigando-a com a manta.

Entretanto, ela não cheirava a frio. Cheirava quente e doce e preparada para tomar cada polegada de seu palpitante verga.

-Me diga o que está errado comigo. -Sua voz pronunciou mal, seus olhos estavam tão dilatados que só um anel frágil da cor permanecia.

-Vai ficar bem, neném -sussurrou ele contra sua frente, pondo um beijo na carne úmida enquanto ela tremia em seus braços.

-Temos um Grand Cherokee fora -informou Simon como pendurou o telefone-. Os dois podem ir deitados. Eu conduzirei. Contem-na, e a ti mesmo também. Chegaremos pela manhã cedo à instalação alfa.

Kiowa jogou uma olhada ao relógio. Era somente dez da noite. Suportaria isto muito tempo?

-Steph, vá lá fora e vigia a área. Nós temos que carregá-la e sair daqui antes que alguém rastreando possa nos encontrar. Glória e as demais irão à frente. Vai!

O assento traseiro no Grand Cherokee tinha sido baixado, o veículo se moveu para trás perto da porta, com a porta traseira aberta. Kiowa levou sua pequena carga quente à porta e finalmente conseguiu encaixar seu largo esqueleto ao lado dele.

Os travesseiros da cama do motel amorteceram suas cabeças como a porta traseira esteve fechada e Simon e Steph saltaram à frente. Embora este não fosse o travesseiro que Amanda Marion queria.

Ela se crispou contra o peito do Kiowa, a manta que a cobria desapareceu o bastante para permitir que pressionasse um seio duro bicudo e inchado contra seu peito.

-A que fodida distancia está o complexo daqui? -grunhiu ele jogando uma olhada ao Simon

entre os assentos.

O outro homem tentava realmente com força não rir. Kiowa tomou nota mentalmente de lhe dar uma enérgica patada a seu traseiro como sua ereção baixasse o bastante para o ter em conta.

-Quase seis horas -lhe respondeu Stephanie calmamente-. Tomaremos caminhos vicinais mais que os interestaduais. Até agora não se mencionou nada sobre seu rapto nem há sinal algum de que alguém saiba que acontece algo. Com sorte, alcançaremos Virgínia sem problemas.

Sem nenhum problema para ela talvez.

Kiowa não pôde evitar sustentar a Amanda mais perto como ela se pressionou contra ele, levantando sua perna para lhe abraçar ao final, pressionando sua coxa contra seu sexo molhado. E ela estava molhada. Deus, estava tão molhada que ele só desejava ir entre suas coxas e afogar-se nela.

Outro pequeno gemido suave deixou sua garganta como ele inutilmente se oprimiu mais delicadamente contra ela, raspando seus inchado clitóris contra sua coxa enquanto se arqueava em seus braços.

-Liga o fodido rádio, Quatres -grunhiu ele, sustentando sua cabeça perto, furioso de que o outro homem ouvisse aqueles pequenos gemidos convidativos e suaves.

-Nada de beijos, Kiowa -lhe lembrou Simon severamente como acendeu a rádio e sons suaves encheram o Jipe-. E nenhum toque.

Transar. Ele poderia tocar tudo que infernos quisesse. Ela se deslizava contra seu corpo como seda e cetim e maldito fora se podia manter suas mãos quietas. Mas realmente queria aquele beijo.

Sua língua estava tirante e torcida, as pequenas glândulas no lado palpitavam quase dolorosamente. Isto era infelizmente estranho. O sexo nunca se foi assim, nem tinha esta excitação.

Sua companheira. As palavras do Dash Sinclair caíram sobre ele enquanto as pequenas mãos suaves da Amanda amassavam seu peito. Ela era sua companheira?

Não se supunha que os coiotes tivessem lealdade ou emoções, por não mencionar companheiros. De algum jeito, alguns deles tinham sido o bastante afortunados para conhecer a lealdade, criar a amigos e mantê-los. Uns, como Kiowa, tinham crescido fora das prisões, mas a vida a que ele mesmo se conduziu não lhe tinha inspirado exatamente a necessidade de lealdade, embora ele tivesse feito uns quantos.

Sua mão alisou suas costas, seus dedos se apertaram na curva cheia de sua nádega como seus pequenos lábios quentes encontraram seu mamilo baixo sua camisa.

Seus dentes se apertaram enquanto um duro fôlego saía de sua garganta. Transar. Sua boca o trabalhava com um calor delicioso, sua língua acariciava sobre o tecido da camisa enquanto suas mãos se moviam lentamente para apertar baixo a parte inferior do material.

Ele voltou sua cabeça, fechou seus olhos e lutou contra a necessidade. Uma necessidade tão intensa, consumindo-o de tal forma que duvidava que agüentasse uma hora, por não mencionar seis.

Capítulo Sete

O que lhe passava? Amanda sabia que algo estava horrivelmente mal, que o calor e a fome que mantinham a seu corpo tão sensibilizado e cheio de uma excitação dolorosa não eram naturais.

Tinha passado com aquele beijo. Ela lembrou o beijo. O estranho, Kiowa, selando com seus lábios os seus e estendendo o gosto de mel doce por seus sentidos. Foi como passou. Em uns

segundos o calor a encheu, fazendo-o com demasiada força para poder pensar, ignorando tudo menos o prazer e a necessidade de seu toque.

E que toque tinha. Ela se moveu contra ele agora, lembrando seus lábios em seus peitos, seus dentes em seu mamilo, enviando raios de dor e de prazer deliciosos estendendo-se por ela.

Tinha sabido durante anos que o sexo regular e normal nunca seria bastante para ela. Os beijos sérios e os toques aborrecidos que tinha recebido durante anos tinham sido de tudo menos agradáveis. Mas como ele a tocou, com seus dedos apertando em seus mamilos, acariciando seus clitóris com um toque mais duro, ali ela tinha encontrado o prazer.

Os livros que escondia e lia, novelas que implicavam só um pouco de jogo de amor mais doloroso, mantinham-na quente e molhada durante dias. Mas nunca tão quente quanto isso. Por aceitar o beijo, o toque de um homem que ela inclusive não conhecia.

Estremeceu-se como lembrou sua mão dando palmadas em seu sexo, as vibrações de calor e dor suaves que passaram como um raio a seu clitóris e quase fazendo perder seus sentidos. Ela queria mais disso. Queria sentir sua mão ali outra vez, fazendo-a arder, fazendo-a retorcer-se contra ele como o prazer a destroçasse.

Deus, isso era tão mau. Ela não deveria gostar. A teria narcotizado? Não lembrava se o tinha feito. E ela não se sentia narcotizada exatamente; era só que todos seus sentidos estavam centrados em uma coisa e só uma coisa. Seu toque.

-Tranqüila, neném -gemeu ele em seu ouvido como seus dentes atormentaram seu mamilo.

Sua mão se deslizou debaixo de sua camisa enquanto ela ofegou pelo calor de seu corpo duro e sentiu sua ereção torcida pressionar contra ela através das ásperas calças jeans. Isso era o que desejava, que seu membro pressionasse nela, acalmando o calor que palpitava em seu sexo.

Suas mãos vagaram para baixo, arrancando o fechamento com sua respiração acelerada. Ela somente desejava tocá-lo, desejava escorregar para baixo até que pudesse tomá-lo em sua boca, lambê-lo e chupá-lo como tinha lido. Ela o desejava. Deus, agora, tinha que o ter.

As mãos dela foram freneticamente para suas calças jeans, gemidos desesperados vinham de sua garganta como suas mãos cobriram as suas, as arrastando de novo a seu peito.

-Amanda, me escute -cantorolou ele em seu ouvido-. Me escute muito cuidadosamente, neném. Tem que parar. Estenda em silêncio e tranqüila contra mim só um pouco mais de tempo.

Como o inferno. Ele a tinha seqüestrado. Tinha-a tirado de seu lar por somente Deus sabia que razão, e se se apresentava a oportunidade a mataria antes que saltasse sobre ele. Mas antes que o fizesse devia parar a febre furiosa em seu corpo ou ela o mataria primeiro.

-Me beije -sussurrou ela, sua cabeça caiu para trás, levantando fixamente o olhar para ele em aturdida maravilha.

Ele era tão aposto. Rasgos americanos nativos, negros, negros olhos, cabelo negro comprido que se derramava sobre o lado de seu pescoço enquanto a olhava com intensidade faminta. Não parecia um homem que a queria matar. Esses não eram os olhos azuis frios que a tinham olhou fixamente por detrás de uma máscara, e sua voz não estava cheia de ódio.

-OH amor, isso é o que agora nos tem nesta confusão -grunhiu ele, sua mão apertou em sua nádega, amassando a carne.

A ação a fez sentir-se estranha, apertando a sensação através de seu ânus. Ela avermelhou como lembrou seus dedos ali, lanceando nela, abrindo-a enquanto que sua boca comia em seus clitóris, absorvendo-a dentro e fazendo-a voar. Ela o desejava outra vez.

-Você tem feito isto -gemeu ela, sentindo-se tão dolorida que ela se perguntava se sobreviveria a isso-. Fez isto. Agora arruma tudo.

Um grunhido retumbante vibrou em seu peito.

-Logo.

-Agora.

Uma risada afogada áspera, quase cheia de dor, estendeu-se sobre seus sentidos.

-Temos companhia, neném. Queria que te fizesse gritar diante deles?

-Não me importa. -E não o fazia. Todo a fodida Washington D.C. poderia estar olhando nesse momento e não lhe importaria-. Me Beije.

Necessitava seu sabor outra vez.

Ela moveu então as mãos debaixo das suas, uma se moveu para cavar a dura ereção enquanto ele se esticava, um sopro se repetiu em seu ouvido. A outra trabalhou em suas calças jeans outra vez.

Sua amiga Beth lhe tinha jurado que tudo o que tinha que fazer era tocar seus membros e os homens eram massa em suas mãos. Seria verdade?

O fechamento se abriu, a cremalheira raspou para baixo, e suas mãos se encheram repentinamente do membro masculino duro como o aço, como o ferro candente.

-Demônios do inferno -amaldiçoou ele grosseiramente, seu corpo grande tremia enquanto ela envolvia as mãos ao redor da carne impossivelmente grossa.

A cabeça flamejava, o eixo quase estava ao limite enquanto que o sangue pulsava apenas debaixo da carne. Sua boca babava. Ela desejava prová-lo, voltá-lo tão louco com sua boca como ele a voltou com a sua.

-Simon, maldição, não posso com algo isto. Como?

Sua áspera maldição foi ignorada. Não lhe dizia seu nome, assim que infernos lhe importava? Ela tentou mover-se mais para baixo, choramingando enquanto que suas mãos duras a sustentavam em seu lugar.

-Cinco horas mais, Kiowa.

Cinco horas? O comentário fez que uma risada se estendesse em sua mente. Se alguém pensava que ela ia esperar cinco horas e sofrendo esta agonia de desejo, estava malditamente louco.

-Me beije -sussurrou ela outra vez, levantando fixamente o olhar para ele à luz débil do veículo no qual obviamente viajavam-. Me beije ou me deixe te tocar. Por favor.

Sua expressão era torturada.

-Não o faça, Kiowa. Condenação, não temos tempo para parar para esta merda.

Infernos, ela desejava que a voz se calasse.

Ela lambeu os lábios lentamente.

-Necessito-te. Dói, Kiowa.

Seu nome sussurrado por seus lábios foi o disparador. Ela deu a si mesma uma pontuação mental de cinco enquanto que um gemido áspero se estremecia nele e sua cabeça baixava.

Deste era o sabor, o calor que necessitava. Amanda abriu os lábios para sua língua, submetendo-o para baixo nele e amamentando-se com impaciência enquanto enchia sua boca. Retorceu-se contra ele, sentindo seu membro pulsar com mais força em sua mão enquanto ele começava a mover-se sobre seu corpo.

Ele ficou sobre ela como sua mão grande empurrou a blusa de seu vestido para baixo, agarrando com seus dedos seu mamilo enquanto que ele bombeava sua língua em sua boca. As mãos dela perderam o contato com sua ereção, mas isso estava bem, ela precisava sustentar seus ombros enquanto a dor e o prazer começavam a diminuir através de seu sistema nervoso.

O calor aumentou mais ainda, abrasador. Seu mamilo, inflamado e pedindo mais, palpitou entre seus dedos como ele apertou, seus dedos pressionavam nela e faziam que relâmpagos

abrasassem em seus clitóris.

Seu joelho pressionou os seus para abrirem enquanto sua coxa empurrava contra seu sexo, fazendo-a gritar de assombro como roçou em seus clitóris. Doce misericórdia, sim. Ela desejava gritar de prazer, mas sua boca cobria a sua, sua língua a encheu, esfregando-a ligeiramente, fazendo-a retorcer-se e estremecer-se debaixo dele enquanto o prazer se derramou através dela.

-Maldição, Simon. -Ele sacudiu com força sua cabeça para trás, sustentando-a perto outra vez enquanto lutava pelo ar, o apertão em seu mamilo o fazia gemer.

Deus, era tão bom. Ela desejava sua boca ali, seus dentes, o calor molhado que a chamuscava do interior para fora.

Uma discussão surgiu. A ela realmente não importou do que ia. Seus lábios estavam ocupados em seu pescoço, seu peito, baixando, sua fome por seu membro propulsava sua última prudência. Ela tinha pensado sempre que amaria tomar a cabeça. Ler sobre isso tinha feito sua boca molhar, o pensamento de ser sustentada, de mãos duras enredadas em seu cabelo como agora o estavam, forçando a sua boca a encher-se da carne masculina dura como o aço, sentindo-a transar entre seus lábios enquanto os ásperos gemidos masculinos se repetiam em seus ouvidos.

Ela alcançou a úmida crista, sua língua a lambeu com impaciência como ele se imobilizou repentinamente e o veículo fez uma parada oscilante. As portas do carro se fecharam de repente, então a manta foi separada de um puxão dela enquanto que ambas as mãos tomavam sua cabeça enquanto a carne quente grossa movia entre seus lábios.

Capítulo Oito

- Sim! -Kiowa estava no céu. Ou no inferno. Não estava seguro do que ainda, mas sabia com maldita segurança que beijar o pequeno pacote quente cuja boca estava cheia atualmente de seu membro não tinha sido seu momento mais brilhante.

Inclinou-se para trás, ofegando enquanto que via várias polegadas de sua tensa e grossa ereção nessa doce boca como um botão de rosa. A luz da lua entrava no veículo e sua própria visão perfeita realçava tudo.

Sua língua se formava redemoinhos ao redor da cabeça, sua boca sugava nele desesperadamente. Ele ia devorá-la. Sabia que o faria. Ia separar essas bonitas coxas e olharia cada polegada de sua carne desaparecer dentro de seu bonito sexo. E ia ter que fazê-lo logo antes que derramasse seu prazer em sua boca.

Importaria? Ele gemeu pelo pensamento.

-Chupa-a, neném. -Ele tirou de seu cabelo, porque sabia que gostava da dor.

Outra polegada desaparecendo em sua boca, lhe recompensando enquanto sentia que um jorro duro de sêmen -embora não se sentia como sêmen - saía a fervuras.

O que era isso? O prazer devastou seu controle, quase soltando o suficiente como para o alívio, mas esta vez, não haveria alívio, a fome pelo contrário ardia mais brilhante, abrasadora. O gosto deveria havê-la satisfeito.

Ela tomou outra polegada, seus lábios se aplanavam, sua língua era como fogo líquido enquanto esfregava ligeiramente o pequeno ponto sensível apenas debaixo da crista afiada.

-Demônios, sua boca está quente. Quente e doce. Chupa esse pênis, neném. Demonstre

quanto o necessita, quanto o deseja.

Outros jorros quentes de líquido e ela devorando-o. Sua boca trabalhava nele com molhada precisão, tocando de seu pelotas até a base de sua ereção enquanto que ele fechava com força seus dentes e lutava com a iminente explosão.

Ele não desejava apressá-la. Não queria que terminasse. Não ainda. Era muito quente, havia muito prazer, mais de que tinha conhecido jamais em sua vida. Sua boca se moveu tão doce, comodamente e com força, sua língua o lambia como um festim preferido enquanto que suas mãos amassavam seu cabelo com força.

OH, gostava disso. Ela choramingou ao redor de seu membro, uma mão que apertava na base da ereção enquanto os dedos da outra cravavam na carne de sua coxa.

Ele nunca tinha sido um homem tranqüilo, não em seus entendimentos com outros ou sexualmente. Ele era como era, simples e básico. Falava como o necessitava, fazia seu trabalho o melhor que podia e tranzava pelo puro prazer de fazê-lo.

Nunca tinha tomado a nenhuma mulher que não sabia exatamente o que fazia e nunca tinha perdido o controle com uma. Ele estava ao beira de perder o controle com esta.

-Basta. -Ele teve que forçar-se para levantar sua cabeça, fazendo um gesto de prazer pelo som do pequeno estalo que seu membro fez como saiu de sua boca.

-Desejo mais -gemeu ela, lutando contra ele como ele sacudiu com força a manta mais longe dela.

-Mais adiante. -Ele a desejava. O aroma de seu calor ia acabar com ele, aditivo, consumindo-o.

Seus lábios se moveram a um mamilo duro enquanto que ele gemeu como ela o empurrou profundamente em sua boca. Ela sabia o que desejava.

-Me morda. -Seu rogo fez que sua pressão arterial disparasse.

Ele agarrou a dura ponta de seu mamilo entre seus dentes, permitindo que beliscassem e que sensibilizassem o pequeno broto enquanto os gritos dela se repetiam a seu redor.

Tinha-lhe pedido alguma vez outra mulher que a mordesse? Tinha saboreado alguma vez com outra aquela fina linha de prazer e dor dessa maneira?

-Você gosta assim? -Grunhiu ele, levantando-a enquanto suas mãos trabalhavam nos colchetes de metal da blusa antes de arrancá-la de seu corpo.

O vestido foi fácil. Ele o arrancou dela. Não havia tempo para ser gentil, nada de tempo para preocupar-se sobre a decência do ato. Desejava-a nua. Agora.

A luz da lua iluminou seu corpo magro, seu arredondado e pequeno ventre, provocando que o mel de seu sexo reluzisse enquanto que ele a movia ao centro da área e separou as pernas de par em par.

-Demônios, é tão pequena -sussurrou ele, tocando com a ponta do pé seu mocasins antes de tirá-los fora de suas calças jeans.

Finalmente estava nu, tão nu como o estava ela, olhando fixamente o banquete disposto ante ele. Ela se levantou para ele, as doces dobras de seu sexo brilhavam úmidos à débil luz.

Então ele a tocou. Seus dedos a separaram, escorregando através da fatia baixa antes de circundar seus clitoris. Olhando-a através de olhos entreabridos, ele levantou sua mão então antes de dar uma pequena palmada ligeira ao inchada almofada.

Ela lançou um grito fortemente, arqueando seus quadris enquanto o doce aroma de mulher quente enchia o interior do SUV.

-Joga com seus mamilos -lhe pediu ele então, lhe movendo as mãos a seus peitos-. Belisca-os. Tira deles. Demonstre como você gosta.

Seu membro estava preparado para estalar. Seus dedos magros agarraram os picos dos amadurecidos bagos, exercendo mais pressão da que deveria, atirando dos brotos dilatados enquanto que ela ofegava de prazer.

Ele deu uma palmada em seu sexo outra vez, usando força suficiente para dar um pequeno golpe quente em sua carne.

-Sim. OH sim... -Ela ofegava, o suor reluzia em seu corpo como suas pernas se separaram mais de par em par.

Seu clitóris estava completamente dilatado, entrevendo-se além dos lábios inchados e reluzentes com sua nata.

Deus, as coisas que ele poderia lhe fazer. As maneiras em que ele poderia tomá-la e lhe fazer o amor. Ele não teria que refrear-se com ela como o fazia com outras mulheres. Ela se levantou, tremendo e pedindo mais. Seus olhos brilhavam na escuridão, seu corpo pálido se estremecia de desejo.

Ele deslizou seus dedos outra vez, provando o banho dos sucos de seu sexo enquanto se movia para mais perto.

-Vai doer -lhe prometeu ele-. É o que desejas, Amanda? Está segura?

Amanda tremeu baixo o duro olhar fixo, agora tão excitada, empurrada agora além da realidade que não disse nenhuma maldição. Morria de necessidade, ondulando-se, agonizante pela pior fome que ela tivesse conhecido em sua vida.

Seus olhos foram a seu membro inchado, certamente seus sentidos deslumbrados viam mais que suficientemente.

-Desejo-o -sussurrou ela, com seus sucos alagando o sexo pelo pensamento disso-. Agora. Desejo-o agora.

Ele veio em cima dela lentamente, com seu corpo grande, com seus músculos ondulando na claridade da lua enquanto ela sentia a ampla ponta de seu membro roçar em sua feminilidade faminta. E era grossa. Grande.

Ela choramingou de antecipação. Tinha ouvido uma vez à esposa de seu irmão rir com dissimulação dizendo que quanto maior melhor, mas ela não tinha nenhuma idéia do que significava até deste momento.

-Te agarre a mim - sussurrou ele então, movendo as mãos desde seus peitos a seus ombros-. Não será fácil, Amanda.

Ela adorou como dizia seu nome.

As mãos dela aferraram seus ombros enquanto sentia seu membro pressionar mais profundo. Então ela o sentiu sair a fervuras, igual como como o tinha feito em sua boca. Ela gemeu pelo delicioso ardor que a encheu. Então seus olhos se exageraram como ele pressionou mais profundo, outros jorros a encheram, fazendo-a sacudir-se pela combinação de sensações. Ela poderia sentir a seu sexo relaxar-se, entretanto o desejo aumentava.

OH Deus, ele começava a enchê-la. Ela se retorceu debaixo de seu corpo enquanto ele se inclinava para trás, seus olhos foram aonde seus corpos conectavam lentamente. Ele manteve seus quadris elevados, suas mãos a levantavam para ele enquanto que se introduzia dentro mais ainda. Outros duros jorros, um prazer insidioso ardente a fazia gritar seu nome.

Ela poderia agüentá-lo? Ele a estirava, empurrando o músculo e separando o fino tecido fibroso que nunca tinha conhecido um toque além do seu. Ela podia sentir seu sexo protestar, apertando-se para agarrar a larga cabeça enquanto começava a mover-se em seu interior.

-Droga. É apertada. -Sua voz era um grunhido áspero, quase desumano-. Relaxe, neném. Relaxe

para mim, só um pouco.

Ela apertou mais e seus olhos se entrecerraram nela.

-Farei-te gritar -lhe advertiu ele então-. Poderia doer mais do que imagina, amor.

Ela o ordenhou, ondulando a carne muito estirada que encaixotou somente uma fração da ponta.

Suas mãos apertaram, suas coxas agrupadas debaixo dela e então ela sentiu a respiração fechar-se de repente de seu corpo como ele conduziu a cabeça, somente a cabeça, em seu interior. Ele se moveu ali então. Pequenos movimentos curtos que acariciaram seu ardente sexo e a fizeram sacudir-se debaixo dele.

-Mais. -Ela logo que podia respirar, deixou então de falar.

Tudo o que ela podia fazer era sentir. A pressão ardente, a dor, agonizante por mais.

-Droga. -Então parou, estremecendo-se-. Condenação, Amanda. Demônios, é uma virgem de merda. -Ele soava torturado.

Ela apertou nele, olhando fixamente para cima, implorante.

-Mais.

Ele lançou sua cabeça para trás, obviamente lutando pelo controle.

-Kiowa. Entra -agora ela gritou, sua voz era desigual-. Não posso estar parada. Enche, Kiowa...

Ela gritou até que estava segura que sua voz se romperia. Ele veio em cima dela, mantendo-a no lugar um segundo antes que empurrasse dentro, duro e com força. Seus sucos eram espessos, escorregadios, ajudando à penetração como ele partiu através do canal intocado, enterrando-se até o punho em um impulso certo.

Ela se arqueou em seus braços, com suas unhas cravando-se em seus ombros enquanto seus lábios se moviam em seu pescoço, amaldiçoando e sussurrando lamentos acariciando seu ouvido como ele começou a mover-se. Os relâmpagos flamejavam através de seu corpo, explosivos raios de fogo que a queimavam, levando-a mais alto com o prazer e a dor combinadas, fazendo-a convulsionar-se em seus braços enquanto lutava pelo orgasmo.

Não havia controle para nenhum deles. Ele a estava penetrando, com estocadas profundas e duras que a faziam gritar seu nome enquanto sentia cada um dos fortes impulsos estirá-la, acariciando-a.

Ele empurrou nela seu eixo com os movimentos largos e rápidos que lhe roubavam sua respiração e a faziam desenfreados sentidos, conduzindo-a cada vez mais perto do beira.

Onde ela precisava estar.

-Kiowa... -Ela gritava seu nome outra vez enquanto que o sentia crescer nela. Uma conflagração no centro de sua matriz, esticando-se, aumentando...

Como estalou através dela, só reinou a loucura. Ela se sentiu esticar e esticar, os pulsos quentes do fogo faziam erupção em seu sexo enquanto os dentes agudos se cravavam em seu ombro, perfurando a carne.

Seus olhos se abriram de par em par, olhando cegamente para cima como sentiu o inchaço no membro agora travado profundamente nela, jorro detrás jorro de sêmen profundamente dentro de sua matriz.

Ela não era estúpida. O que sentia era muito similar as brincadeiras comuns com respeito às raças do lobo. Tinham sido criados a partir do DNA de lobo.

-Seus membros se travarão? -Um professor havia perguntado com um tremor exagerado de prazer.

Travado. Ela se estremeceu outra vez antes que a revelação se estendesse de repente nela,

seus olhos eram horrivelmente frios como olharam os seus. Ela se estremeceu em sua presa, o medo, a fome, o louco desejo se elevavam em seu interior, bloqueando sua mente com um só pensamento.

-Animal... -O pensamento se retorceu através de seu corpo, transbordando seus lábios enquanto que a surpresa fez tremer seus mesmos alicerces. O prazer se retorcia, rasgando através dela, lhe arrebatando a respiração, sua vontade e sua mente.

A pena retorceu sua expressão e abrasou sua alma enquanto sua cabeça baixava, seus dentes roçaram seu pescoço durante um instante antes que ele a mordesse...

Capítulo Nove

-Amanda? -Kiowa se separou dela lentamente, desalojando seu membro dos limites apertados de seu sexo, um gesto do prazer retorceu sua cara como sua carne continuou sugando nele até que esteve livre.

Ela chorava. Que Deus lhe ajudasse, o que lhe tinha acontecido? Ele não tinha ouvido falar de algo tão estranho como isto, o lado animal de sua natureza revelando-se deste modo. Sua mão tremia enquanto acariciava e punha o largo comprimento de seu cabelo detrás de seu pescoço, a culpabilidade manchava sua alma pela marca que agora danificava a carne de seu ombro e seu pescoço.

Ele a tinha mordido. Sem piedade, sem consciência, tinha afundado as presas curvadas em sua carne e a havia sustentado enquanto o inchado nó que o travou em seu interior mantinha seu membro na boca de sua matriz, derramando seu sêmen a fervuras profunda e duramente dentro do apertado canal.

Ela se crispou a seu lado, arrastando a manta com ela enquanto sua respiração dificultosa era chorosa.

-Estou bem. -Era óbvio que ela tentava ser valente, tentando lutar além da surpresa e do medo de que podia cheirar emanando dela. Ela estava confusa, arrojada em algo no qual inclusive ele não podia encontrar o suficiente sentido para ajudá-la.

Ela tinha sido uma virgem, sem tocar, tão sensual e naturalmente erótica que lhe tinha roubado a respiração com cada toque, cada carícia que tinha pedido tão docemente. E lhe tinha feito isto, travando-se em seu interior como o animal uivava logo baixo da superfície.

-Isto nunca me tinha acontecido. -Ele passou seus dedos através de seu cabelo ajoelhando-se ao lado dela, franzindo o cenho pelos estremecimentos que atormentavam seu corpo-. Amanda. Isso nunca me tinha acontecido antes.

-Sim, vale. Não me tinha acontecido tampouco -respondeu ela chorosa-. Deus! Preciso pensar. Necessito... -Um soluço se escondeu em sua garganta, o aroma de suas lágrimas se cravava em seu coração.

Ele inalou em uma respiração dura, profunda.

-Sei que está assustada. -Ele lutou para evitar tocá-la, para evitar tomá-la outra vez-. O arrumaremos. De algum jeito.

-Como? -Ela se girou de novo para ele, seus olhos ardiam, brilhantes pelas lágrimas-. Que infernos está mau em mim? Esta não sou eu e não é meu corpo. O que me fez?

Ele podia ouvir agora a raiva acumulando-se em sua voz, e podia cheirar a fome. Sua boca se

secava pelo aroma da luxúria feminina, como sua língua se apertou, sentindo como se inchava impossivelmente dentro de sua boca de novo. Fazia isso antes, como sua boca cobriu a sua para lhe evitar gritar. E então tinha submerso em sua boca o gosto... O sabor tinha sido indescritível.

-Não sei. Mas fora o que fora foi mútuo, Amanda. -Ele desejou grunhir as palavras como defesa, mas conseguiu manter sua voz suave e seu tom acalmado.

-Foi? -Ela se moveu lentamente, incorporando-se, atirando de suas pernas perto de seu corpo enquanto que o olhava fixamente com fúria- Nada disto te parece nem um pouco singular? Isto não é natural.

-Já o disse antes. -Ele reprimiu a cólera, com uma só palavra, "animal".

-Drogou-me? -Ela sacudiu a cabeça com confusão-. O indivíduo que me aferrou me golpeou. Drogou-me ele?

Ela procurava desesperadamente uma desculpa. Uma que ele não podia lhe dar.

-Não havia drogas. -Ele procurou na esquina do jipe suas calças jeans-. Foi a primeira coisa que comprovei. O que aconteceu foi natural.

-Isto não é natural -gritou ela-. Eu não atuo assim. Não com estranhos, não com...

-Animais? -Ele logo que reprimiu o desprezo.

-Com qualquer pessoa. -Ela saltou para detrás antes de sacudir sua cabeça, o aroma de seu medo se fazia mais forte-. Leve-me para casa. Tem que me levar para casa. Chama meu pai. Agora! Ele virá a me buscar.

-Não! -A raiva possessiva quase o afligiu antes que conseguisse reprimi-la junto com a dor de seu rechaço-. Estamos levando a um lugar seguro...

-Não! Leve-me para casa!

-Não. -O grunhido que vibrou em sua voz a eletrizou fazendo-a calar enquanto seus olhos arregalaram, seus lábios se separavam em um grito de assombro-. Agora não. Ainda não. Não. Por Deus, até que possa conseguir tirar o aroma de sua fome de minha cabeça.

Ele não entendia a raiva, a determinação de protegê-la que brotou repentinamente em seu interior, mas sabia que se não se afastasse para longe dela, ia tomá-la. Uma e outra vez, com o aroma de seu medo mesclando-se com sua luxúria até que o voltasse louco.

Abrindo com força a porta do seu lado, saltou do jipe, deixando suas calças jeans esquecidas, notando apenas a frieza do ar de outubro pelo calor que subia em seu corpo. Um calor, temia, do qual nunca estaria livre. Tal como nunca estaria livre do animal que Amanda tinha visto dentro dele.

-Foi um fodido golpe dos fanáticos, amigo -falou Simon no telefone móvel enquanto Kiowa se afundava nas profundidades glaciais do lago junto ao que tinham estacionado.

Encontrar o pequeno lugar afastado para que a natureza seguisse seu curso tinha sido um asco.

Dash suspirou com fadiga.

-Como está de longe da convocação alfa?

-A umas boas quatro horas e meia -murmurou ele-. Seremos afortunados de chegar perto. Embora essa moça estava em uma triste forma, meu amigo. Esses pequenos gemidos vão matar-me. Só Deus sabe o que fazem a ele.

Havia poucas pessoas conscientes da natureza exata dos processos de acoplamento nas raças. Callan tinha imposto um código estrito de silêncio às poucas raças que se haviam acasalado até agora, esperando assegurar um ambiente mais normal ante a opinião mundial antes que isto se fizesse público.

Simon era o único não-raça com tal informação. Tinha-a somente porque era um oculto filho de puta, com uma mente mais aguda que a da maioria da gente no que se referia a animais

Dash amaldiçoou baixa e bruta mente.

-Sim, opino o mesmo. -Simon fez uma careta-. Nosso pequeno cachorrinho está atualmente nadando nas águas geladas e sua doce circunstância está encolhida com tão solo uma manta. O que fazemos?

-Traga-os para a convocação alfa -ladrou Dash-. Estamos perdendo um fodido tempo que não temos, Simon.

-Hey, está saltando sobre o tipo equivocado aqui, idiota -grunhiu Simon-. Não é meu pênis o que está atado em um nó a uma mulher mais quente que o inferno. Tenta dizer-lhe.

-Tenta sair agora -saltou ele-. Tem companhia na posição à uma hora de sua localização. Vem agora, maldição, não importa como.

-Merda. -Simon apagou o telefone.

O Amandante Sinclair ia continuar; ia lhe dar uma patada a seu traseiro.

-E então? -Stephanie se moveu mais perto, lhe envolvendo os braços ao redor de sua cintura de detrás enquanto punha sua bochecha contra suas costas.

-Então, vamos -suspirou ele-. Esperemos que tenham tido o suficiente porque temos que trotar, levante. Minha idéia é que há sabujos em nossos calcanhares e Dash sabe. Foi assombrosamente direto -fez uma careta pelas maldições do Amandante-. Temos escoltas a uma hora daqui, assim que minha conjectura é que a cavalaria felina se está movendo para aqui de forma segura.

-Merda. -Ela pressionou sua cabeça mais apertada contra suas costas.

-Se, claro. Terá que evitar o encontro -disse com voz lenta-. Vá fazer que os meninos se movam e roguemos para que estejamos bem à frente dos maus. Realmente não desejaria me enredar aqui com a potência de fogo do governo. Isso seria uma má coisa.

Uma coisa muito, muito má.

Stephanie se moveu a seu lado enquanto Kiowa saía nu do lago, respirando duramente, mas a água fria não tinha nenhum efeito na ereção que estendia-se de seu corpo.

-Simon, doçura, esse homem está um pedaço -comentou Steph não sem uma pequena quantidade de juro feminino-. Mas maldito se pensar que desejaria um pedaço dele. Parece bastante mau para morder.

Simon resfolegou. Sim. E ele apostava muito dinheiro a que Kiowa tinha algo. Muito, muito mau.

Capítulo Dez

Não te levante. Não te arrisque a ser vista. Permanece encoberta.

Definitivamente fica encoberta.

Amanda estava deitada de lado, dando suas costas ao Kiowa enquanto tentava abraçar a coberta ao redor para evitar tocá-lo.

A dura e fria realidade quase havia tornado. O bastante para advertir o que tinha acontecido e lembrar com dolorosa claridade horas antes como tudo tinha começado. Quanto tempo tinha passado? Agora eram quase três da manhã, Simon o havia dito a Kiowa faz um momento. As luzes do veículo que os seguia se moveram dentro e fora do vidro traseiro, derramando sombras singulares ao

redor dela.

Quase três. Tinha sido pouco depois das sete como ela tinha fechado sua porta aos meninos. Sete horas. Em sete horas sua vida tinha mudado de forma tão drástica que estava segura de que nunca poderia endireitá-la outra vez.

Ela estremeceu ante esse pensamento. Não com repugnância. Desejaria sentir repugnância, isso faria tudo mais fácil. Aliviaria as lágrimas que escorregavam silenciosamente por seu rosto e da dor que pesava em seu coração.

O que tinha feito? Como tinha acontecido? E por que ainda se torturava com a necessidade de mais?

-Quanto falta, Simon? -espetou Kiowa ao lado dela, sua voz era áspera enquanto exigia resposta.

-Um pouco mais de uma hora -replicou Simon-. Callan tem uma das novas cabanas pronta. Estão olhando agora na rede. Deveríamos ter algo como chegarmos.

-Sinclair está ali? -Sua voz era um grunhido baixo - estava de saco cheio. Bom, ela também.

-Está chegando agora de avião com Elizabeth e Cassie. Deverá chegar ali na nossa frente.

Ela poderia sentir a tensão encher agora o Jipe. Entre ela e Kiowa. Quanto mais ela queimava, mais parecia ele enlouquecer.

Ele poderia sabê-lo?, perguntou-se. Sentia a excitação aumentando? Era só o que ela necessitava. O filho da puta não só a tinha drogado com uma espécie de afrodisíaco animal estranho, mas também podia sentir seus efeitos.

-Dash Sinclair está metido isto? -falou ela então, reprimindo as lágrimas enquanto a cólera se derramava sobre ela.

Ela tinha conhecido ao Dash Sinclair e sua esposa Elizabeth. Sua filha Cassie era doce, uma menina singular. Encontraram-se com seu pai durante uma das reuniões intermináveis no mês anterior.

-Nenhum de nós estava metido em nada, Srta. Marion, exceto no amparo de sua casa -lhe disse Simon severamente-. As coisas resultaram mau, confesso-o, mas fizemos o melhor possível.

-Seu melhor é péssimo -informou ela furiosamente-. Eles me encontrarão.

Seu pai não levaria bem isto, pensou ela. Se as raças pensavam que tinham problemas antes, não seria nada comparado ao que seu pai e seu irmão lhes fariam agora.

-Primeiro teriam que saber que te foste -espetou Kiowa-. Os cinco homens que tirei detrás de sua casa desapareceram, Amanda. E não se foram por seu próprio pé. Seu serviço de segurança ainda dormia pacificamente e respirava. No momento. E seu pai não tem nem a menor idéia de que você partiu.

Ela piscou para ele. Lembrou então a Tammy Brock, seu nervosismo e seu pedido para usar o banheiro. Como tinham convencido a Tammy para que ajudasse? Ainda melhor, por que seus guardacostas não tinham notado a luz do alarme como deviam? Em nenhum momento se supunha que devesse usar aquela porta depois do anoitecer. Nunca devia fazê-lo.

-O Serviço de segurança lhes ajudava -sussurrou ela com surpresa-. Têm que ser eles. Tammy desativou o alarme na porta traseira como foi ao banheiro, mas eles deveriam havê-lo sabido. Os alarmes os teriam advertido.

-Maldição, ela é brilhante, Kiowa. Deveria pensar em conservá-la. -O louvor entusiasta do Simon era ligeiramente zombadora.

Bastardo.

-Por que o fariam? -sacudiu ela a cabeça, se negando a dar a volta e olhar ao Kiowa. Se o

olhasse, veria seus olhos e sua boca e seria um caso perdido-. Quase posso entender a Tammy se se tratar de dinheiro. Kylie está muito doente. Mas o que fez que os guardas ajudassem?

-Bem, isso é o que tratamos de entender -lhe respondeu Simon-. De todos os modos, quem é esta Tammy?

Ela explicou rapidamente o que tinha ocorrido com a mãe da Kylie. A viagem ao banheiro, Amanda vendo que o alarme tinha sido desativada. Enquanto falava, teve que fazer retroceder à força a consciência cada vez maior do homem a seu lado e da fome de uma maneira lenta, mas crescente. Parecia haver um demônio em seu interior, arranhando com suas garras em seu sexo, exigindo o duro impulso de seu membro, a liberação candente de seu sêmen.

-Se rumoreava que o golpe se faria só depois de que Dash entrasse em contato com as Raças Felinas -revelou Stephanie, sua voz suave, obviamente menos beligerante que os dois golpeadores de peito que compartilhavam o veículo com elas-. Fomos atrasados nos planos para te proteger como sua esposa, Elizabeth, entrou em trabalho de parto. Logo que foram capazes de viajar, Dash se encontrou com seu pai. Ele não pareceu tomar as ameaças a sério.

Amanda não pôde controlar então a dificuldade de sua respiração. Nem seu irmão nem seu pai tomaram a sério uma ameaça contra ela? Eles inclusive não o haviam dito?

-Está mentindo -sussurrou ela então-. Meus pais não arriscariam minha vida.

-Eles puseram um grupo de soldados malditamente bom contigo -lhe assegurou Kiowa-. Os quatro homens que lhe protegiam são os melhores. Tudo o que tinham para seguir era um rumor, nada concreto. E acredito que você rechaçou mudar-se à Casa Branca durante certo prazo de tempo.

O sarcasmo coloriu agora sua voz.

Mas ele tinha razão, ela tinha rechaçado transladar-se à Casa Oficial da Presidência por nenhuma razão. A luta tinha sido amarga. Por que não lhe haviam dito que poderia existir uma ameaça? Poderia ter trocado de opinião.

Não, corrigiu-se, não o teria feito. Ela tinha uma elevada idéia de sua própria independência, seu novo trabalho, seus amigos e sua casa. Teria solicitado provas, não rumores.

-O que acontece agora? -perguntou ela então.

-Agora lhe levaremos a um lugar seguro e depois nos poremos em contato com seu pai -lhe respondeu Kiowa bruscamente-. E lhe manteremos ali até que o voto sobre a Lei da Raça se realize na próxima semana. Com sua segurança assegurada, o Presidente Marion votará a lei melhor que pressionado porque tem uma arma contra sua cabeça.

-E tendo em vista que se acasalou com uma Raça, tudo agora vai bem -Simon arrastou as palavras em tom zombador-. Não somos todos nós afortunados?

Ela teria se sacudido se a mão do Kiowa não tivesse feito pressão de repente em suas costas.

-De que demônios está falando ele? -grunhiu ela, movendo-se ao redor enquanto sustentava a manta perto de sua nudez.

-Não faça conta. É um imbecil -lhe aconselhou Kiowa, sua voz era perigosamente suave.

-Engraçado, não parece um imbecil. Um cretido possivelmente, mas não um imbecil -precisou ela furiosamente-. por que diz isso?

-Porque deseja causar problemas. Simon gosta de causar problemas. Não é certo, Simon? - Amanda não confiava em seu tom de voz nem um pouco.

-OH sim, problemas é meu segundo nome, não é assim, Steph? -disse ele com voz lenta.

-Ou algo assim -respondeu ela. As mensagens subjacentes voltavam louca a Amanda.

-Está mentindo -disse então ela ao Kiowa-. por que não fala agora?

Ele inspirou.

-Olhe, Amanda, está tão claro como a luz do dia que você não quer saber nada mais do que já sabe. Só não te levante e deixa as coisas em paz no momento. Falaremos mais tarde.

-Não quero falar mais tarde -respondeu ela com toda a falsa doçura que pôde reunir-. Quero falar agora. Quero saber por que diabos ele me chamou de sua companheira e saber exatamente o que implica ser uma companheira.

Sua sobrançelha se levantou sardonicamente.

-Como declarou antes, é muito consciente do que é um animal. Você o entende.

Ela podia sentir-se empalidecer. O que não ajudou ao calor que aumentava em seu sexo.

-O que me fez? -A fúria a envolvia. Infelizmente, isto produzia um maior e indesejado calor.

Seus dentes cintilaram como ele sorriu. Ali, no lado de sua boca, suas presas brilharam grosseiramente. Seu ombro doeu em resposta, o calor desse ponto se estendeu por ela.

-Realmente quer sabê-lo, Amanda? -Perguntou ele, sua voz era perigosamente áspera, inclinando-se mais perto enquanto ela levantava o olhar para o dele com os olhos arregalados-. Ou prefere só ficar agradável e pacificamente agora mesmo, e deixar a esse calor só ferver a fogo lento em seu pequeno e aconchegante sexo em vez de te queimar inclemente? Segue empurrando, neném, e vai se queimar.

Ela lembrou a queimadura. E como se chegava ali.

-Eu não gosto de ser tratada como uma menina -saltou ela em resposta-. Deixa de tentar me esconder coisas.

-Tratei-te como a uma menina? -Grunhiu ele-. Talvez não lembre alguns dos momentos mais memoráveis que passamos juntos. Quer que lhe lembre isso?

Sua mão foi para a manta.

-Merda. Abaixem-se e se cubram. Temos helicópteros voando baixo.

Kiowa afastou e subiu a manta até que esta os cobriu a ambos, da cabeça aos pés, isolando-os no centro de uma caldeira de calor enquanto a dura vibração dos helicópteros rompia o silêncio da noite.

-Temos a soldados da Raça diante e detrás de nós. Bastante capacidade armamentícia para expulsar a um exército, e estamos perto do Complexo -assegurou-lhe ele, aproximando-a mais a seu corpo enquanto punha a metade do seu sobre ela.

-Não o faça. -Ele se apertava agora contra sua nudez, uma mão embaixo de suas costas, seu peito nu raspava seus mamilos.

Ela não amaldiçoou pelos helicópteros. As chamas golpeavam em seu cérebro, ardendo por seu corpo. Seus sentidos não podiam pensar ou lembrar nada mais à exceção da sensação dele pressionando, movendo-se nela e inchando-se...

Gemeu como mais de seus sucos se derramaram de seu sexo, preparando-a para ele, fazendo a necessidade florescer em seu interior com uma força que ela sabia que não podia negar durante muito tempo.

O que tinha passado? Ainda não tinha sentido que seu corpo invalidasse sua mente e forçasse sua rendição a um homem que, primeiro, não conhecia, e segundo, não era nem sequer de sua espécie. Mas isso parecia significar pouca diferença para seu corpo enquanto seus mamilos pressionavam contra seu peito, que ardia com a necessidade de seu toque.

-Por favor, não me toque -suspirou ela contra ele. Como se supunha que ia controlar o fogo que percorriam seu corpo como podia senti-lo tão próximo? O comprimento de seu corpo se apertou contra o seu, o prazer da tentação de seu membro que pressionava contra a parte baixa de seu estômago, protegido somente pelo material de suas calças jeans.

Ele a olhou fixamente, sua expressão era pensativa como seus dedos pressionaram contra seus ombros, acariciaram os duros músculos de seus braços. Ela não podia evitar tocá-lo. Seu corpo tinha fome dele, ansiava-o.

Sua mão se moveu então devagar, seus dedos cavaram a curva de sua bochecha, seu polegar pressionou sobre seus lábios.

-Isto vai acontecer outra vez, Amanda. -Ele manteve sua voz baixa, controlada-. Quanto tempo mais acredita que podemos negá-lo?

O perigo tinha retrocedido a um rincão de sua mente. Ela não se preocupava de quem os seguia, o que faziam os helicópteros, ou o perto que estava a segurança. Tudo pelo que se preocupava era Kiowa, que pressionava perto dela, esquentando-a com seu corpo.

-Não nos ponhamos quentes e incômodos, moços e moças -espetou Simon-. Voltam para outra passada. Já vão três e estamos em plano de disparar e correr. Estamos o bastante perto para fazê-lo e temos tropas de reserva.

-Isto se converteu em um fiasco de merda -resmungou Kiowa como apartou a vista dela, seus olhos eram quentes e brilhantes com sua exigência-. Estamos em meio de uma provável zona de guerra e tudo o que quero fazer é comer você outra vez.

Seus olhos pestanejaram e se fecharam. Ela queria ser forte. Realmente queria ser forte. Devia ser forte, negar o frenético rufo de luxúria em seu cérebro.

-Posso cheirar seu desejo, Amanda -sussurrou ele então, fazendo que seus olhos se abrissem voando pelo alarme-. Cheira como o xarope de mel. E sou realmente parcial com o mel.

Ela tremeu convulsivamente como sua mão se deslizou entre suas coxas, seus dedos que se moveram ali pela capa de umidade antes de que ele se retirasse. A surpresa a manteve cativa como ele levantou então sua mão, seus sucos eram espessos em seus dedos e os levou a sua boca permitindo que sua língua se movesse devagar, eroticamente, sobre seus dedos, lambendo-os até limpá-los.

Seu fôlego fugiu de seu corpo como um gemido se liberou de seus lábios.

-Bem, temos problemas. -O jipe virou bruscamente enquanto o som de fogo se repetia ao redor deles.

Amanda olhou a mudança de expressão do Kiowa. A paixão retrocedeu. Esta não desapareceu, só retrocedeu como a fúria dura e fria apertou sua cara.

-Não te levante.

Ele a empurrou perto da proteção da roda enquanto se movia desde debaixo da manta, tirando uma arma negra letal do chão enquanto baixava o vidro traseiro.

Suas costas ondulou com seus músculos, seu corpo magro, amarrado e preparado para a ação. Seu sexo estava convulsionado e o medo à morte não era nada comparado ao medo de nunca transar com este homem outra vez.

-Quantos? -gritou ele como os olhos da Amanda voaram para a janela a seu lado.

-Só sei que estamos a vinte minutos do Complexo. Têm um helicóptero preparado para voar em qualquer segundo, mas maldito se quiser que alguma bala golpeie deste veículo. Dispararam-lhe ao carro do Taber detrás de nós. Não sabem em que veículo estamos ainda.

-Entretanto, sabiam onde nos buscar -saltou Kiowa.

-Sim. Essa é a merda -esteve de acordo Simon-. Prepare-se, está voltando outra vez!

-Permanece abaixada, Amanda -ladrou Kiowa como ela começou a inclinar-se-. Abaixo e coberta, maldição.

Sua voz era tão dura, tão furiosa que ela sacudiu a manta sobre sua cabeça e se afundou contra

o lado do veículo.

-Aqui vem Kane em um passe rápido -gritou Simon-. vamos ver se ele pode derrubá-los.

A dura vibração do helicóptero e o som de um veículo que corria encheram seus ouvidos. As maldições tensas e o som de disparos explodiram na noite.

-Fode com este.

O som da voz do Kiowa fez a Amanda jogar uma olhada. Seu coração saltou em sua garganta como ela o viu mover seu corpo pela janela, movendo seus quadris contra o marco desta enquanto ele começou a devolver o fogo.

-Maldição, Kiowa... -Simon blasfemava, Stephanie se unia ao Kiowa.

Amanda tremeu, seus olhos estavam exagerados, seu olhar fixo tratava de voar em todas as direções.

Dois veículos estavam detrás deles, um a seu lado e dois diante deles e em segundos havia corpos que penduravam de todos eles, disparando ao helicóptero que passava como um raio em sua direção.

As brancas labaredas de luz explodiram da aeronave à frente enquanto o fogo era atirado ao redor deles enquanto este virava a um lado.

-Merda. Merda -gritava Simon agora-. Chega Tanner com o helicóptero da Raça, meninos. Isto vai ficar feio.

Outro helicóptero chegou voando como um kamikaze a toda velocidade. Este voou baixo sobre os veículos antes de inclinar-se e girar para encontrar ao outro. Amanda não podia ver nada, não importava onde olhasse, só podia ouvi-lo.

O som do fogo de metralhadora por cima de suas cabeças encheu a noite antes de que uma explosão acendesse o céu da noite e Kiowa soltasse um grito de guerra que teria feito que um apache do longínquo oeste estivesse orgulhoso.

-Esse moço não tem o sentido comum que Deus deu aos candidatos ao suicídio -grunhiu Simon como o helicóptero baixou e se agitou de lado a lado-. Sabe o que a imprensa de merda vai fazer com isto? Callan vai nos dar a todos uma patada em nossos traseiros.

Amanda não teve tempo para pensar ou para fazer qualquer pergunta sobre isso como Kiowa se balançou para trás no jipe, atraiu-a contra si e tomou seus lábios em um beijo que lhe arrebatou sua mente.

-Foda! -A voz do Simon foi a última coisa que ouviu.

Kiowa empurrou sua língua profundamente em sua boca, a tensão aumentou ondulado-se ao seu redor como ela fechou seus lábios sobre o músculo. Mel e especiarias. Calor de macho e exigência.

Isto se derramou nela como suas mãos agarraram sua cabeça, seus dedos se enredaram em seu cabelo enquanto ele gemia por seu beijo. A adrenalina, a luxúria e o medo se combinaram para fechar-se de repente sobre seus sentidos afligidos e fazê-la voar

Não houve nenhum medo, nenhuma preocupação enquanto ela se alimentava da paixão de seu beijo. Os lábios e as línguas se enroscaram juntos, gemidos exaustos ressonaram dentro do véu isolado que a luxúria teceu ao redor deles. Não existiu nada mais. O tempo deixou de mover-se. E só ficou Kiowa.

Capítulo Onze

Kiowa estava enfurecido, quente e de um humor assassino. Infelizmente os fodidos bastardos se largavam longe dele e não tinham pelotas para lhe fazer frente. Assim que partiu só para golpear a seu amigo. A gente não podia matar a um amigo, mas seguro que poderia lhe dar um golpe ao maldito que o tinha metido em deste confusão em primeiro lugar, pensou, como o jipe fez de repente uma parada dentro do Complexo da Raça Felina diretamente ao lado do Dash Sinclair.

Abriu de repente a porta, saiu do veículo e plantou seu punho na cara do outro homem primeiro. A fúria se estendeu por seu corpo enquanto ignorava às Raças Felinas aumentando ao redor. Deixe que tentem interferir, pensou, enquanto lhes grunhia em advertência, mostrando as presas curvas no lado de sua boca. Por Deus, ele lhes faria frente também.

Dash aterrissou de costas, sacudiu sua cabeça então perfurou ao Kiowa com um olhar largo e frio.

-Este era grátis -disse ele tranquilamente enquanto ficava em pé-. Não cometa o engano de me dar outro.

Kiowa levantou seu lábio em um grunhido selvagem antes de golpeá-lo outra vez.

-Maldito seja, Kiowa! -Dash mal permaneceu em pé.

-Você, sujo e fodido bastardo -grunhiu Kiowa furiosamente-. me lembre que nunca, nunca aceite outro trabalho que te ponha em meu caminho. Não necessito suas confusões de merda; bastante tenho com meus. Eu estava verdadeiramente bem onde estava. O que te fez pensar que necessitava estas imbecilidades?

Seu membro muito furioso. O aroma do calor da Amanda se fechou em seu cérebro e ele não podia evitá-lo.

-Sim, estava verdadeiramente contente -resfolegou Dash, olhando-o cautelosamente enquanto as Raças se apertavam ao redor deles-. Que diversão havia nisto, Kiowa, jogando gorila em um poço de escória?

Kiowa grunhiu outra vez como Callan caminhou mais perto, quase o bastante para captar o perfume da excitação que vinha da Amanda e cheirar aquele aroma suave e intrigante de mel e especiarias.

O outro homem o secundou, um sorriso divertido curvou seus lábios enquanto os olhos de âmbar o olhavam sem dissimulação. Fodidos gatos, pensou furiosamente.

-Olhe, Kiowa, temos uma cabana pronta para você e todas as explicações que necessita. -Dash lutava obviamente com sua diversão apesar de sua cara dolorida-. Retorna ao jipe, conduziremos até lá em cima e falaremos de tudo o que queira.

-Pensa que estou de humor para uma fodida conversa? -grunhiu Kiowa-. Me indique a maldita cabana e então, suma, saia de meu caminho.

A ereção em suas calças o estava matando, e o gemido baixo da Amanda a suas costas no jipe era como uma pontada de luxúria que se fechava de repente em suas tripas.

Os olhos do Dash se estreitaram outra vez.

-Merda. Beijou-a outra vez, verdade? Maldição, isto só faz pior -resmungou ele-. Kiowa, não entendeu ainda?

-Me indique a cabana, lobo de merda, sarnento -grunhiu Kiowa, o som sem convite e gutural de sua própria voz era espantoso-. E então, infernos, sai do meu caminho.

Dash suspirou com frustração.

-Em cima da colina. Segunda cabana depois da linha das árvores.

Kiowa jogou uma olhada o caminho pavimentação de cascalho que se dirigia à montanha antes de girar-se e ir ao jipe.

-Sai do meu caminho -resmungou como Simon não se moveu de sua posição diante da porta do lado do condutor. Simon riu, uma risada afogada, baixa e zombadora enquanto ele se deslizava brandamente para um lado.

-Te divirta, moço coiole. -O sorriso em sua cara fez com que Kiowa grunhisse outra vez.

Maldição, que demônios fazia ele misturado nesta louca confusão?, pensou.

Um segundo mais tarde, o jipe saiu de onde estava estacionado e se dirigiu em uma curta distância à cabana que Dash lhe tinha indicado. O sangue palpitava com força e rápido em suas veias como Amanda se levantou detrás dele, seus braços se curvaram ao redor de seu pescoço enquanto seus lábios se moviam sobre a veia que palpitava dura e quente no lado de seu pescoço.

Ela lambeu a veia palpitante devagar, então seus pequenos dentes agudos morderam na pele resistente enquanto o jipe patinava ao lado do caminho antes de que Kiowa tivesse o controle, desligasse e amaldiçoasse.

-Você me mordeu -suspirou ela em seu ouvido.

-E vou morder outra vez. -Seus dentes ansiavam mordê-la outra vez. Para sentir a carne suave entre o pescoço e ombro baixo as presas agudas enquanto ele a sustentasse para que seu membro inchado atasse nela... Ele gemeu ante o pensamento provocando o jipe uma parada estremecida diante da porta da cabana.

Ele não se incomodou com a manta que a cobria como abriu a porta traseira. Só a agarrou, pressionou-a ao lado do jipe e com rapidez se arrancou freneticamente seu jeans.

Ele não ia fazer dentro da pequena casa. Não tinha a força necessária para sentir nada mais que a ela em seus braços. Nua exceto pelas meias vermelhas e as botas de salto de agulha, suas pernas se retorceram ao redor de sua cintura, o calor nu de seu sexo queimava a ponta de seu membro.

Levantou-a e suas mãos aferraram sua nádega, separando a suave carne inflamada enquanto se equilibrava na entrada de seu sexo.

-Grita para mim -sussurrou ele então-. Quero ouvir seus gritos.

Seu corpo se apertou enquanto sua respiração se entupia, seus olhos brilhavam à luz antes do amanhecer como ele começou a trabalhar a cabeça de seu membro no apertado, Deus tão fodidamente apertado, sexo que chorava seus cantos de sereia.

Sua cabeça retrocedeu contra o jipe, os fios de seda de seu cabelo fluíram ao redor dela como o primeiro grito, estrangulado abandonou sua garganta.

Amanda aferrou os quadris do Kiowa mais apertadamente com seus joelhos, seu olhar fixo encontrou o seu como ela sentiu que o jorro duro de fluido entrava nela antes de que o membro o fizesse. O que fosse isso alternadamente a queimava e aliviava. Ela poderia sentir seus músculos relaxarem justo como sua excitação alcançava novos picos.

Não podia negá-lo. Estava além de sua força, além de sua capacidade de apartar-se longe do prazer de seu toque. Algo que estivesse mau nela, algo que tivesse feito, durante este instante no tempo ela era mais animal que mulher com esta fome pelo homem que a tocava.

Com cada duro pulso de fluido seu membro se deslizava mais profundamente em seu interior,

estirando-a, o prazer aumentava enquanto ardentes chicotadas de sensação trituravam a realidade a seu redor.

Ela gritou, como ele o desejava, porque a fina linha entre prazer e dor era tão deliciosa.

-Kiowa. -As lágrimas encheram seus olhos como ela o sentiu enchê-la, deslizando-se tão profundo e quente dentro de seu sexo que sabia que nunca podia esquecer a sensação. Estaria com ela para sempre. E isto a aterrorizou.

-Deus, Amanda, sinto muito. -Ele ofegava como impulsionou sua ereção mais fundo, apertando suas mãos nos músculos lisos de suas nádegas, separando-os eroticamente.

Ela poderia sentir o pequeno beliscão de fogo em sua abertura anal como ele fez isto. O suave puxão de sua carne que a separava só o bastante para fazer a seu ânus dobrar-se em resposta. Havia muitas sensações das palmas no traseiro em sua mente, muitas para absorver imediatamente, como ele finalmente se alojou até o punho dentro de seu sexo convulsionado.

Suas mãos se cravaram em seus ombros enquanto ela gritava seu prazer então, um fogo líquido candente se precipitou por seu entreperna e a enviou fazendo-a dar voltas em uma viagem cheia de luxúria. Ela estava estirada até seus limites, seu membro a abrasava, palpitando em seu interior do mesmo modo que outro pulsado de coração enquanto seus dentes foram à parte inferior de seu pescoço.

Ele ia morder outra vez. A pequena raspagem de seus dentes contra a ferida que já estava ali não doeu como deveria. Como sua língua lambeu sobre ela, estremeceu-se com um prazer que não podia haver esperado.

-Está tão apertada. -Suas palavras a fizeram tremer ao redor de seu membro, apertando-se nele pelo prazer justo enquanto o fogo golpeava seus nervos com o movimento.

Seus quadris se flexionavam como ele retrocedeu, saindo-se até que só permaneceu a cabeça antes de inchar-se em seu interior outra vez.

Isto era tão bom. Muito bom.

Ela ofegou, lutando por recuperar o fôlego enquanto ele a acariciava com a grossa largura de sua ereção, acariciando nervos que ela nunca soube que existissem. Sua cabeça tombou para trás contra a janela do jipe enquanto ele começava então um ritmo palpitante e duro em seu interior. Havia poucas preliminares, mas ela não necessitava nenhuma. Seus sucos fluíam abundantes e quentes ao redor dele, ajudados pelos ocasionais pulsos quentes pre seminais de seu membro.

Não sabia que os homens fizessem isto. Ou talvez não o fizessem.

Choramingou como lembrou quem e o que a estava fodendo tão a fundo.

E ele a penetrava fundo. Suas coxas se apertaram adiante enquanto ela lutava para mover-se com ele, os golpes controlados que martelavam em seu interior a mantinham no beira, contendo a da queda.

-Não, não te corra ainda, maldição -grunhiu ele em seu ouvido como ela se arqueou e se retorceu no grosso membro que a penetrava, empalando-a-. Ainda não, Amanda. Ainda não.

-Sim! -Ela gritou sua objeção, movendo vigorosamente seus joelhos contra ele e tratando de montá-lo mais forte.

Suas mãos se apertaram em seu trazeiro durante um segundo. Então a liberou.

Um segundo mais tarde ele retrocedeu para o jipe, dando a volta e escorando suas próprias costas contra ele enquanto sua mão golpeava contra seu trazeiro. A pequena picada ardente fez que ela ofegasse, seu sexo se arrepiou aproximando-se do orgasmo.

-Ainda não -grunhiu ele então.

-Agora. -Ela tremia, a pequena dor acrescentada a empurrava mais alto.

Ele deu outra palmada. Sua mão endurecida e forte aterrissou com bastante força para fazê-la arder. Ela se enroscou, apertando seu sexo, sentindo seus sucos fluírem com o estímulo acrescentado.

-Condenação. -Ele apertou então os dentes-. Vai m me matar, Amanda. Me deixe um pouco de controle, maldição.

Por quê? Ela não tinha nenhum.

Ela se apertou outra vez, choramingando de prazer enquanto seus golpes se acrescentavam, suas mãos aferraram seu trazeiro como ele começou a palpitar em seu interior. Duro. Pesado.

Ardendo, o delicioso relâmpago fez erupção dentro de seu sexo, fazendo seus sentidos darem voltas enquanto o êxtase se estendia com um orgasmo tão profundo, tão duro que ela só poderia gritar ininterruptamente em resposta.

Então ela gritou.

-Não. Kiowa, não...

Mas não havia volta atrás. O inchaço tinha começado já, estirando-a, prolongando seu orgasmo, dilatando-se profundamente em seu interior enquanto seus quadris se sacudiam e seu grito estrangulado assinalava sua própria liberação.

Seu sêmen se derramou a jorros em seu interior, e ela podia senti-lo. Sentir a cabeça de seu membro travando-se na entrada de seu útero, enquanto cada duro pulso de semente se derramava dentro de seu corpo. Sua liberação aumentava outra vez, estalando, repetindo-se e vibrando em seu interior enquanto seus dentes se afundavam em sua carne, retendo-a no lugar, resistindo a permitir que ela lutasse contra a presa que ele agora tinha nela.

As lágrimas se derramaram de seus olhos enquanto ele a mantinha perto. O prazer era constante, uma força vibrante dentro de seu corpo, sacudindo-a uma e outra vez do mesmo modo que o medo enchia sua mente. O que faziam não era normal. Não era humano.

Ela tinha pedido isto?, perguntava-se distante. Suas imagens luxuriosas, sua necessidade dessa labareda da dor e prazer a teriam levado a isto?

-Amanda. -Seus dentes se levantaram de seu ombro.

Por que não tinha doído?, perguntou-se ela. Como suas presas perfuraram sua carne, por que não estava ali uma dor horrível em vez daquele prazer cegante que lhe consumia a mente?

-Não chore, neném.

Ele ainda estava travado em seu interior, tremendo a cada poucos segundos enquanto outro pulso de semente a enchia.

-Tudo vai estar bem.

la estar? Como poderia ser?

Suas lágrimas molhavam mais sua carne úmida de transpiração enquanto ela se estremecia em seus braços. Ela poderia senti-lo. O inchaço em seu interior era bastante grande para manter seu sexo treme, para manter os ecos de sua liberação que se estendia por ela. Era o bastante apertado para que não importasse como ela lutasse, como se movesse, dele não se soltava. Retendo seu membro no lugar, mantendo-o ancorado a ela enquanto as rajadas quentes finais do sêmen a enchiam.

Ela sentiu a mudança então. Devagar, o inchaço foi diminuindo, muito devagar.

Amanda gemeu enquanto lutava para calcular seus ciclos e ovulação e advertiu-se que o tempo estava muito próximo. Não podia permitir que isto continuasse. Não podia converter-se em prisioneira de qualquer efeito que ele tivesse nela.

Lutou por acalmar-se como ele finalmente saiu de seu interior, lutando e fracassando em conter seu gemido de prazer por essa última carícia.

Entretanto, ele não a soltou. Levantou-a em seus braços levando-a então à pequena cabana.

Não disse nada, e tampouco o fez ela. O que podiam dizer?

Havia fodido a um estranho, um homem ao que não conhecia e nunca tinha visto antes da noite anterior. Um homem que era um animal.

A controvérsia da raça não a havia tocado. Não durante a campanha de seu pai ou sua escolha. A Lei da Raça era algo que ela não tinha considerado muito estreitamente por aquele mesmo feito. Isto não a havia tocado. Mas agora o fazia. Tocando-a tão intimamente, de tal modo, que se perguntou se sobreviveria.

Capítulo Doze

-Toma um banho. Chamarei abaixo, à casa principal, e irei te buscar roupas. -Ele a sentou em meio do quarto de banho surpreendentemente grande, ao lado de uma profunda banheira jacuzzi que ela sabia que seus músculos doloridos iriam adorar.

As ásperas paredes de troncos eram grossas, bem lixadas e pintadas de cor escura. O piso branco beirava cada tronco lhe dando um contraste atraente. A banheira de porcelana branca situada na parede oposta se afundava um pouco no piso. Um pouco mais ocupavam os serviços; na parede em frente, um guarda-roupa do qual Kiowa tirou várias toalhas e um pano. Lhe deixou uma bolsa de sais de banho Epsom no lavatório a seu lado.

-Conseguirei algo para comer -seguiu ele-. Então podemos descansar um momento antes de que tenha que fazer frente a algo mais.

Sua expressão era fechada. Não fria, só indiferente. Ela nunca tinha advertido a diferença antes. Seu pai e irmão tinham o hábito de parecer gelados como estavam enfurecidos ou durante confrontações políticas. A gente podia sentir o gelo sair deles. Mas não do Kiowa. Ele estava só indiferente. Nem quente nem frio, como se realmente não acabasse de agarrá-la.

Amanda se sentou no pequeno tamborete ao lado da banheira e começou a tirar suas botas. Ela lhe deu um esbarrão com seu pé, então levantou o olhar percebendo que ele não se partiu.

-Não sou um animal. -Sua voz não tinha trocado, nem sequer tinha expressão. Ele fazia uma declaração, nada mais.

Ela o tinha chamado animal. Afastou o olhar, agüentando a ansiedade que crescia em seu peito enquanto ele seguia olhando-a.

-Não quero isto -disse ela então, contemplando o chão de madeira escura, a manta chamativa atirada diante da banheira-. Não pedi que me fizesse isso.

Inclusive agora o calor não se desvaneceu de seu corpo. Ela poderia havê-lo tomado outra vez facilmente. Sua pele era sensível, seus mamilos inchados e de um vermelho escuro em vez do rosado suave que tinham tido dias antes. Seus peitos estavam tensos, ainda inchados, e ela estava dolorida pelo gosto de seu beijo. Sua boca se fazia água.

-Não sempre se quer o que a vida te dá -disse ele então. Impassível. Deus, ela odiava isto. Só então se deu conta de quão consoladora podia ser a cortesia glacial de seu pai e seu irmão. Ao menos sabia que indicava um pouco de sentimento. Aí não havia nenhum sentimento.

Ela moveu o elástico no alto de suas meias. Estas estavam rasgadas em vários lugares, a seda vermelha estava arruinada. Não se incomodou em tirá-las com cuidado, só as tirou de suas pernas enquanto ignorava sua declaração tranqüila.

-Pedirei algumas roupas. -Ele poderia ter estado falando do tempo como lhe voltou as costas-. Tome seu tempo.

Tome seu tempo. como se ela tivesse muito.

Estaria preocupado seu pai? Certamente o estaria; ele teria sido notificado no minuto em que o serviço de segurança no apartamento ao lado do dela não desse informações. Tanto como ela odiava pensar neles antes, estaria reconfortada por isso agora. Ao menos ele saberia que ela estava com problemas.

Ele e seu irmão Alexander viriam até ela. Se, eles pudessem encontrá-la.

Ela tremeu ante o pensamento antes de entrar na água, ajustar a temperatura a tão quente como podia suportá-la e olhar a banheira encher-se devagar.

Esta situação era surrealista. Que no dia anterior ela não tivesse em sua mente aos sujeitos de Raça a não ser esperar que os meninos não estivessem muito entupidos de chocolate como voltassem para a escola na segunda-feira.

A Lei da Raça não tinha sido uma preocupação principal para ela. A Presidência de seu pai era algo que ela só desejava ignorar. Tinha sido independente, livre e desfrutava disso. Agora o que era?

Passou os dedos sem piedade pelo cabelo. Se não estava grávida ainda provavelmente o estaria logo. O período estava muito perto e o ângulo e posição de seu membro enquanto se travava em seu interior não lhe oferecia muitas esperanças de que alguns de seus pequenos companheiros não chegassem à base.

Ela se estremeceu pelo pensamento. OH, Deus, como demônios tinha conseguido mesclar-se nisto? E por que uma raça do lobo, uma Raça quase desconhecida, estaria o bastante perto de sua casa para ajudá-la?

Ela sabia que havia muito mais aqui do que sua mente tinha sido capaz de assimilar nas passadas horas. As conversações seguintes não tinham penetrado exatamente a neblina de luxúria que a afligia. Isto começava agora a afligi-la.

Ela sacudiu sua cabeça antes de caminhar à banheira e pôr água fria. Talvez deveria ter tentado um banho frio.

Kiowa estava em pé silenciosamente na entrada da cozinha, contemplando aos homens que vadiavam prazerosamente na sala de estar.

Dash Sinclair e Simon se sentavam escarranchado em duas das cadeiras de cozinha que tinham sido colocadas diante da chaminé. Kane Tyler se recostava, muito à vontade, na confortável poltrona reclinável à esquerda. À direita, Callan e Taber se sentavam no sofá, olhando-o minuciosamente.

Eles não haviam dito muito desde sua entrada momentos antes. Kiowa tinha levado ao dormitório o vestido e a muda de roupa que eles haviam lhe trazido e os tinha posto na cama, fazendo ter ciência a Amanda que estavam ali.

Agora estava incomodamente de pé diante dos cinco homens que o olhavam, seu membro era muito consciente da mulher que ainda estava na banheira no outro quarto.

-Não tenho toda a noite para estar aqui -lhes informou finalmente, fazendo retroceder sua cólera sobre a situação e suas preocupações-. Que demônios passa?

Dash suspirou, sacudindo sua cabeça enquanto Simon ria disimuladamente.

-Moço, vai ser um mar de diversão olhar a estas cabeças duras até que possam te dar notícias sobre isto -riu entre dentes Simon-. Vocês, meninos, podem ser tão cômicos como estão totalmente confusos.

-Cala, Simon -Dash manteve sua voz tranqüila, embora vibrasse com a diversão.

Kiowa, por sua parte, contemplou a cada homem.

-Não estou com um fodido humor. -Seu sorriso era todo dentes. Ele estava seguro disso-. De fato, poderia matar de forma verdadeiramente fácil agora mesmo. Respostas, senhores.

Dash se inclinou para diante, unindo suas mãos diante dele, baixando as sobrancelhas.

-Você a acoplou -disse ele simplesmente-. As Raças têm uma reação biológica única a seus companheiros. Suas línguas se encham, umas pequenas glândulas no lado se ampliam. Essas glândulas liberam um hormônio, um afrodisíaco muito potente que te liga com a mulher até que: A). Aconteça a ovulação e esteja grávida, ou B). A ovulação passe e ela não tenha concebido. O processo pode começar em qualquer momento e seguir até que um ou outro ocorra. Depois que a ovulação passe sem a fecundação se pode aliviar a intensidade inicial, mas nunca desaparece. Ela é tua. Ponto.

Kiowa ficou completamente imóvel. Nem sequer piscou ou respirou mais profundamente.

-Não há nenhuma forma? -perguntou ele.

-Nenhuma -respondeu Dash-. É mais forte em uns, menos em outros. Pelo que vi, seu acoplamento com a Srta. Marion é um dos mais intensos.

-E se o ignoro? -OH sim, pensou ele, poderia fazê-lo. Como o inferno se gelasse.

-Não é possível -disse Callan-. Ao menos não neste ponto. A fome na fêmea se faz tão dolorosa que é intolerável. Ao menos segundo nossa experiência. Embora acredite que era menos intenso no caso do Dash, pelo pouco que ele nos há dito.

Kiowa olhou fixamente aos homens, a informação cintilava por seu cérebro enquanto lutava por encontrar soluções.

-Fizeram teste nas mulheres? -perguntou.

-Não é possível. -Callan sacudiu a cabeça-. O tentamos, mas a reação e o acoplamento são tão ferozes durante o período em que as provas poderiam ajudar, que as fêmeas não podem agüentar o toque de outro macho. Taber e eu nos fizemos mais animal que homem se alguém tentava as tocar. O instinto masculino por proteger e emparelhar é muito forte então. E a dor que suportam é muito intensa, nem os remédios ajudam. Os hormônios transbordam aos remédios e impõem sua codificação natural à fêmea apesar de todos os esforços para reduzi-lo. Nestes momentos, não há nenhum modo de trocá-lo.

-E sua fêmea ovula, Kiowa -lhe informou Dash-. Pude cheirá-lo assim que abriu a porta do jipe. Está em pleno zelo.

Merda. Merda. Duas vezes a condenada merda. Kiowa queria golpear algo. Infernos, queria matar aos bastardos que o tinham posto nesta situação. Seu olhar fixo esfaqueou ao Dash. Poderia matá-lo mas, maldição, realmente gostava do filho de puta.

-Há, a contar, três casais Felinos emparelhados, assim como Dash e Elizabeth como o primeiro acoplamento registrado de Lobos -informou-lhe Callan-. Se isto te consolar, percebemos que a natureza foi muito generosa na formação dos casais. Amamos a nossas mulheres, Kiowa, e elas teriam sido as mulheres que teríamos eleito até sem o frenesi do acoplamento.

Bem, muito bem, pensou Kiowa em tom zombador. Bem, porque seu membro ficava dura por ela enquanto ele a vigiava e, admitia, mais dura do normal, então a natureza pensava que ela poderia arrastá-lo assim? Só era sua sorte.

-Me lembre que te expulse a próxima vez que necessite ajuda -disse ao Dash cortesmente-. Tal como disse, estava bem sozinho.

Dash resfolegou.

-Venha, Kiowa, que era um trabalho piolhento e você sabe.

-Alguém tem que fazer o trabalho de merda. -Kiowa se encolheu de ombros, embora silenciosamente se confessava que trabalhar como segurança não era absolutamente seu esporte

favorito. Infelizmente era muito fácil para começar. A escória não era muito difícil de ser vigiada.

-Temos outro problema aqui. -Kane se inclinou para frente naquele ponto-. O presidente Marion, a partir deste momento, quer confiar a nós sua filha. Falei com ele uns segundos depois de sua chegada. A versão oficial será que ela está doente e se recupera em um lugar sem revelar, enquanto seu filho lança uma investigação sobre a situação. O fato de que queira confiar a nós sua filha indica sua segurança da honra das Raças. Deseja falar com ela mais tarde, mas por outro lado está de acordo que seria temerário vir aqui e lhe trazer mais problemas.

-O relatório oficial do ataque de helicóptero é que Callan foi atacado em seu caminho a casa das reuniões em Washington, onde tinha estado mais cedo. Podemos protegê-la aqui até o voto da Lei da Raça. Depois, ele querará vê-la.

Isto lhe dava uma semana, pensou Kiowa. Não era bastante tempo.

-Aquele helicóptero não era coisa tampouco do governo -disse Taber-. Era privado, e modificado para levar armas. As comunicações que interceptamos indicam que não estavam seguros de quem estava nos veículos. Dispararam um tiro ao azar. Mas se acertassem a outras Raças estava bem também. Os inocentes não importavam.

-Uma semana não é muito tempo -disse então Dash-. Marion estará aqui para ver sua filha no momento em que a votação tenha terminado. Teremos que responder ante ele então.

-E isto o que me concerne? -Kiowa levantou sua sobrancelha ligeiramente-. Ela não partirá com ele, assim pode vir agora pelo que a mim diz respeito.

Ele não estava seguro de onde tinha saído aquela declaração, mas uma vez saiu de seus lábios pressentiu que era uma promessa.

-Há uma proibição relacionada com a informação do acoplamento e do frenesi de acoplamento, Kiowa -disse Callan então, sua voz soou com força-. Se devemos nos proteger, temos que manter esta informação oculta da população geral a maior quantidade de tempo possível. Não podemos lhe dizer ao Marion por que sua filha não pode partir. Você terá que convencê-la para que fique.

-Posso amordaçá-la. -Realmente não era uma má idéia.

-Vamos, Kiowa -saltou então Dash-. vamos ser sérios durante alguns minutos.

-Bem, então dê-me algo sério. -encolheu-se de ombros, com cuidado de manter seu corpo depravado, de esconder a fúria interna que emanava dele.

Sua companheira pensava que ele era um animal e o inchaço em seu interior a adoecia. Ela tinha sido seqüestrada, fodida e acasalada, e Kiowa não via uma possibilidade no inferno de sua aceitação a algo disso facilmente.

-Ela é uma mulher razoável...-começou Dash.

-Ela é uma menina. -Kiowa cruzou seus braços sobre seu peito enquanto olhava fixamente ao outro homem-. Tem vinte e quatro anos, o primeiro ano longe do cuidado do papai não a faz exatamente madura o bastante para aceitar o fato de que dentro de uns dias vai levar o bebê de um animal. -interrompeu-se como captou um movimento na porta do dormitório.

Ali estava ela, em pé, imóvel, o vestido de flanela que Callan havia trazido diminuía sua figura, a cor azul sombrio enfatizando a cutis branca pálida de sua pele. Seu aroma encheu então a habitação, atraindo todos os olhos. Mel e especiarias, tão doce que lhe fez a boca água enquanto sua excitação se estendia para ele.

Ele ficou imóvel, fazendo retroceder o impulso de precipitar-se para ela, de protegê-la. Maldição, tinha muitos problemas para proteger-se a si mesmo neste ponto.

Ela tragou com dificuldade, sua garganta se moveu convulsivamente, obviamente lutava para

impedir a seu estômago se revolvesse.

-Falem com ela -sugeriui então Kiowa-. Talvez possam convencê-la de que não é realmente tão mau. O que pensa, Amanda? Pode aceitar levar meu filhote?

Ela se balançou, sua mão agarrou o marco da porta enquanto ficava impossivelmente pálida.

-Foda-se, Kiowa -grunhiu Callan enquanto saltava para ela como seus joelhos falharam e Kiowa reprimiu a objeção que gritava nele como o outro homem lhe impediu de cair ao chão.

Ele não lhes tinha acreditado, confessou um segundo mais tarde. Como eles lhe disseram que ela não poderia agüentar o toque de nenhum outro macho, não os tinha acreditado.

Seu grito cheio de dor no momento em que Callan a tocou rompeu sua alma. Estremecimentos corriam com força sobre seu corpo enquanto ela se esticava até o ponto de ruptura, caindo de joelhos pela dor. Kiowa correu através da habitação, puxando-a para ele, seus braços a envolveram enquanto suas mãos agarravam sua cintura, secos puxões faziam tremer seu corpo enquanto ela agüentava as náuseas em reação ao toque do felino.

-Merda -suspirou ele cansadamente, uma mão empurrou sua cabeça e a apertou perto de seu peito enquanto ela lutava para acalmar-se.

-Kiowa, é um bastardo! -soltou Simon furiosamente.

-Sai daqui -grunhiu Kiowa-. Infernos, só sai até que eu possa entender que demônios fazer.

Ele era consciente de seus olhares fixos cravadas nele, Callan e Simon cheios de cólera, Dash tranqüilo, arrependido. As emoções encheram o ar, assaltando seu sensível sentido do olfato assim como sua paciência.

-Boa sorte, companheiro -murmurou Dash ao passar por ele-. Boa sorte.

Sua mão alisou o cabelo da Amanda enquanto ela se recompunha devagar, o braço ao redor de sua cintura se apertou como ela ficou mais perto. Isto devia ser inconsciente, pensou ele, ela não queria seu calor, não o necessitava. Era biológico. Um impulso provocado pelo hormônio e a situação, nada mais.

Ela pensava que era um animal. E ele supôs que o era, porque faria frio no inferno antes de que a deixasse ir agora, passasse o que passasse, sem importar o que ela desejasse.

Capítulo Treze

Ele pensava que ela era só uma menina, muito imatura para entender os fatos da vida.

Amanda se moveu devagar longe do Kiowa depois da reação inicial ao toque do outro homem. A dor tinha sido...horrenda. Cada nervo em seu corpo tinha gritado de agonia, rechaçando o contato, sem importar quão atento fosse.

Movendo-se pela sala de estar, esfregou-se os braços devagar, concentrando-se em só respirar, permitindo que a informação que tinha ouvido se processasse em sua cabeça. Ela não era uma estúpida, e não era uma menina. Tinha conseguido entender cada palavra do que tinha ouvido. E por acaso tinha ouvido muito. Muito.

-Não pensava te chamar animal depois... -Dela agitou sua mão como se voltou atrás para lhe fazer frente-. Estava transtornada.

-Sim, fazia-o. -Ele encolheu seus amplos ombros enquanto recusava aceitar a desculpa-. Te observei um tempo, Srta. Marion. Durante várias semanas, de fato. Minha impressão de ti é que mais

ou menos diz o que quer dizer.

-Me vigiar te permite formar uma base para suas opiniões? -perguntou-lhe ela com curiosidade, tentando acalmar sua cólera por sua arrogância.

-Na maior parte dos casos -assentiu ele com a cabeça bruscamente antes de mover-se por diante dela para a cozinha-. Prepararei o café da manhã e então poderá dormir. Estaremos aqui um momento, então adivinho que seremos bombardeados por Callan e as mulheres do Taber assim como por suas irmãs. Uma condenada festa de boas-vindas, suponho.

Ela deu a volta como ele entrou na cozinha. A meia parede entre os dois ambientes lhe permitia uma vista clara do que fazia. Movendo-se com o peito nu enquanto seus músculos ondulavam.

Não podia chamá-lo exatamente formoso, embora fosse definitivamente único. Ao menos de seis pés e duas polegadas de altura, magro e musculoso. Se havia um grama de gordura naquele corpo, não o tinha encontrado. E suas mãos tinham estado em lugares nos que não deveriam estar.

Seu maldito grosso cabelo negro caía sobre seus ombros, e como ele deu a volta para ela, as linhas duras e bem definidas de seu rosto sustentaram seu olhar fixo. Ele simplesmente a hipnotizava. Não era formoso, assegurou-se. Mas seu nariz agudo e sobranceiras bem arqueadas sobre olhos negros e profundos definitivamente valiam a pena de olhar. E seus lábios.

Ela realmente não queria olhar seus lábios. Mas o fez. Faziam-lhe a boca molhar ante o pensamento do prazer que tinha obtido ali.

-Ouvi o que disseram eles -disse ela-. Sobre o acoplamento.

Ele não fez uma pausa, sua expressão nunca trocava.

-Bem, suponho-o -disse finalmente ele olhando para ela.

-Isto não funcionará -lhe disse ela-. Não podemos deixar que aconteça, você sabe que não podemos.

Ela não podia imaginar ser atada a este homem desse modo. Se pensava que seu irmão era duro, então Kiowa era puro aço.

-Se você pode suportá-lo, então eu também. -Sua voz não se elevou; não baixou. Ela o havia visto furioso, tinha-o ouvido enfurecido, cheio de luxúria e brincadeira clara só nas poucas horas em que tinha estado com ele. Isto a confundiu.

-Kiowa... -Ela lambeu seus lábios nervosamente-. Não sei nem seu sobrenome.

-Não tenho nenhum. -Ele se apartou longe dela, curvando-se arrastou uma frigideira de teflon do armário.

-Todos temos um sobrenome -disse ela, sacudindo sua cabeça com incredulidade-. Tem que ter um para ter um número de seguro social e para conseguir um trabalho.

-A inocência é tão refrescante -disse ele. E maldição, sua voz não trocou. Impassível. Plaina. Ela começava a apreciar a seu irmão cada vez mais.

-O que quer dizer com isso? -Ela cruzou os braços sobre seus peitos, sobre tudo para esconder seus mamilos endurecidos. Ele seguiu olhando-os. Embora ela admitia que eram difíceis de ignorar.

-Quero dizer, Srta. Marion, que se te move nos círculos corretos, ou mas bem os círculos incorretos, pode conseguir algo. Tenho uma dúzia de identidades falsas, números de seguro social e passaportes. Todos com sobrenomes muito ilegítimos. Mas não tenho um sobrenome. A família de minha mãe renegou me dar o seu, e é difícil para uma Raça reclamar a um pai. Portanto, não tenho sobrenome.

-A escola... O registro de nascimento... -Ela sacudiu a cabeça. Isto era impossível.

-Eu aprendi por mim mesmo a maior parte. -Ele encheu a frigideira de toucinho. Claramente

comia muito-. Meu avô me manteve escondido nas montanhas depois de ser desmamado de minha mãe. Como me fiz mais velho, ele me abandonou ali sozinho. Entretanto, sempre me proporcionava livros. Televisão. Não fui privado disso.

Ela piscou com surpresa.

-Isso não é uma infância -sussurrou ela.

-Eu não era um menino. -Ele a olhou outra vez, seus olhos estavam apagados-. Era um animal, Srta. Marion. E ele não tinha nenhuma opção a não ser me proteger porque sua honra o exigia. Seu sangue estava em minhas veias tanto se gostava como se não. Ele fez todo o possível.

Havia aceitação em sua voz. Nem pena, nem recriminação, nem cólera ou dor. Só aceitação.

-Você não é um animal -saltou ela, tremendo ante a surpresa de que alguém tratasse a um menino tão cruelmente-. Disse que o sentia. Eu estava... -Ela inalou em um fôlego duro, profundo-. Estava assustada, Kiowa. Reagi e me equivoquei.

Ele a contemplou durante um largo momento antes de afastar os olhos, despedindo-a como se não lhe importasse. Deus, isto era difícil. A luxúria que se elevava em seu corpo não o fazia nem um pouco mais fácil.

-Me diga -disse ele então, lhe dando as costas como o toucinho chiou na cozinha-. O que fará como te encher com meu menino, sabendo que não teve nenhuma opção em sua concepção, que tem que parir a um menino que é tão animal como humano? Sustentará ele contra seu peito e o abraçará com amor? Ou o dará a estranhos para que o criem? Dará ao menino seu nome? Ou tentará matá-lo antes de que tenha a possibilidade de tomar seu primeiro fôlego?

Ele trabalhou rapidamente, abrindo bolachas e latas e as pondo em uma panela para cozinhar enquanto Amanda olhava fixamente a suas costas. Miseravelmente.

-Eu não escolheria o aborto -sussurrou ela.

Ele elevou a vista para ela outra vez enquanto deslizava a panela no forno.

-Dará a meu filho?

Ali. Emoção. Ela a viu durante só um segundo, triste, cheio de dor. Uma luz tênue de fúria em seus olhos antes de que ele a ocultasse.

-Não -disse mais então, sabendo que qualquer menino que levasse teria seu coração.

Ele pôs suas mãos no mostrador e inclinou a cabeça devagar, seu olhar mudou de direção para voltar ao chão durante compridos segundos. Como ele levantou o olhar para ela, o brilho possessivo que encheu seus olhos fez com que ela desse um cauteloso passo atrás.

-Se ouviu tudo, então sabe toda a verdade -disse ele-. É minha companheira, ligada a mim tanto se nós gostamos ou se não. Não te deixarei ir.

Ela sacudiu sua cabeça devagar.

-Fará-o -sussurrou ela brandamente-. Porque não quererá a uma mulher que esteja forçada a ti, Kiowa. Uma que não compartilhe seus sonhos, suas necessidades ou o futuro que você quer alcançar. Não quero seu futuro -disse ela dolorosamente-. Tenho meus próprios sonhos.

-E o menino que recusa deixar? -saltou ele-. Que parte terá nisto?

-Meu menino seria só isso. Meu. Eu o amarei, darei-lhe meu nome. Guardarei-o como a um tesouro.

-Mas não a seu pai? -Aqueles olhos estavam agora vivos, e a fúria os alimentava.

-O que quer que te diga? -gritou ela desesperadamente- Está tentando me ferir, me jogar a culpa e de me fazer me sentir responsável por isto. Não o sou.

-Essa é a resposta de uma menina -mordeu ele-. Um adulto se adapta, Amanda. Tem razão; como se trata de ti, o apropriado, a melhor saída é partir. Uma menina nunca poderia me controlar,

sem mencionar minha vida ou as dificuldades implicadas na criação de meu filho. Meu filho, senhora. E me condenarão se meu filho for tratado como um animal por alguém. Tampouco será criado sem seu pai.

Ela lutou para controlar sua respiração, a aceleração de seu sangue. Podia sentir o aumento da excitação com isso e ela não podia permitir a fraqueza. Não agora.

-É irracional -discutiu ela-. Não te conheço. E para ser absolutamente honesta, não acredito que eu goste muito. Que base é essa para criar meninos?

-Inferno, muito melhor que a que eu tinha. -Ele moveu o toucinho com um movimento furioso da espátula.

O que poderia ela dizer a isto?

-As raças do Lobo serão aceitas depois que a Lei da Raça se decrete...

Uma risada dura e zombadora abandonou sua garganta então enquanto ele a atravessava com aqueles olhos negros dele.

-Raças do Lobo? -perguntou-lhe ele brandamente- O que tem que ver isto comigo, Amanda?

Ela se lambeu os lábios nervosamente.

-Isto é o que você é... -Ele sacudiu sua cabeça antes de que ela terminasse.

-Não, neném -disse ele brandamente-. Não foi uma Raça de Lobo a que se travou nesse teu sexo apertado. Foi uma dessas repugnantes Raças do Coiote. Como é isso de aceitável?

Capítulo Quatorze

-As Raças do Coiote são consideradas a escória das Raças -disse seu pai a Alexander pensativamente enquanto revisavam a Ata de Lei de Raça que as Raças Felinas tinham apresentado-. Se diz que são desalmados. Sem redenção. Foram criados para serem os carcereiros, os cães mulherengos dos cientistas e do pessoal militar que fiscalizava às outras Raças.

-Deve adaptar-se de todos os modos a lei para excluí-los? -perguntou seu irmão, seus pálidos olhos cinzas descansavam pensativamente nos papéis estendidos na mesa da sala de estar privada de seu pai.

-Não podemos excluí-los sem provocar mais perguntas. -Seu pai sacudiu sua cabeça devagar-. O líder do clã Felino aconselhou permitir que dirijam a situação de um em um. Tratarão às Raças de forma tão diferente como é necessário.

-Isto vai ser difícil de fazer...-murmurou Alexander.

-Não são humanos também, Vernon? -perguntou sua mãe brandamente-. A humanidade pode vencer muitas coisas, até a criação seletiva. Aqui se está falando de homens, não de animais.

Sua mãe, Delaney Marion, tinha uma voz de seda e um coração tão suave como um doce de merengue. Mas tinha sentido comum. Enquanto Amanda escutava a conversação e estudava para uma prova final de suma importância antes de receber seu certificado de professora, confessou que o argumento de sua mãe tinha mais sentido que qualquer dos outros que tinha ouvido.

-Neste caso, não teremos nenhuma outra opção salvo rezar para que seja certo -suspirou seu pai, passando seus dedos por seu grosso cabelo cinza-. Mas as Raças do Coiote vão ser o problema, Della, pode apostar por isso. Posso senti-lo. -Os instintos de seu pai sempre acertavam.

-Eles são animais -tinha declarado seu irmão, sua voz era fria, gelada, seus olhos igualavam ao

tom como elevou a vista-. Serão mais que um problema, serão uma praga. Deveríamos dar permissão ao Lyons para matá-los a todos eles como as criaturas raivosas que são.

A lembrança não era agradável. Enquanto Amanda comia o café da manhã que Kiowa lhe tinha preparado e lutava contra a luxúria que se elevava em seu interior, a lembrança se burlava dela. Até agora, as Raças Felinas estavam sendo aceitas razoavelmente bem pelo mundo. Informes de sua criação, o tratamento por parte de seus criadores e os projetos para usá-los contra a população em geral horrorizavam. O fato de que tantas Raças tivessem morrido em vez de matar e que tivessem lutado com tanta força por sua liberdade os tinha redimido aos olhos da sociedade. Informes sobre os Coiotes eram outra história. Foram criados e treinados para guardar e caçar a outros. Informes sobre essa Raça eram aterradores. Depravados, sanguinários e tão cruéis como seus amos.

Mas Kiowa não era como eles. Ele era um homem, com muitos defeitos, admitiu ela, mas não era sanguinário. Se o tivesse sido, teria ajudado aos seqüestradores em vez de resgatá-la. O líder da Raça Felina parecia aceitá-lo bastante bem; em realidade parecia apreciá-lo pelo que Amanda tinha visto.

-Deixa de pensar com tanta força. -Kiowa tirou seu prato vazio de diante dela assim como o copo que tinha tido o leite que lhe forçou a tomar.

Ela o olhou com curiosidade como lavou os pratos rapidamente.

-Tenho que tomar uma ducha. -Ele colocou o último prato minutos mais tarde no corredor de pratos-. Fica na cabana. As montanhas estão fortemente patrulhadas por guardas Felinos e ainda não lhe conhecem. Também temos a vários lobos treinados e um puma ou dois patrulhando. Definitivamente não gostarão. Se não cheirar como um gato, lhe devorarão.

Ela sabia que sua expressão refletiu seu choque.

-Vai deitar e trata de dormir. Esta foi uma noite infernal.

O cansaço pareceu afundar-se nela de todos os modos, mas fazia pouco para atenuar a necessidade que se queimava brilhante em seu interior.

-Onde você dorme? -perguntou-lhe ela.

Ele ficou rígido.

-No sofá. Se me necessitar, só me avise. Não te incomodarei se não.

Se ela pudesse dirigir-lo. As palavras pareceram ficar no ar ao redor deles apesar de que ela não as tinha expresso.

Ela poderia dirigir-lo?

Ela poderia dirigir as conseqüências se não o fazia?

-Como te concebeu sua mãe? -Ela não sabia de onde tinha saído a pergunta.

Ele a olhou estreitamente durante vários e largos momentos.

-Foi raptada vindo para casa do colégio uma noite. Os cientistas das Raças freqüentemente seqüestravam a suas reprodutoras. Se ovulavam, retinham-nas e as faziam criar. Se não o faziam, tratavam de forçar a ovulação. Se não podiam fazê-lo, então as deixavam ir.

-Como escapou sua mãe?

-Ovulava. Foi inseminada artificialmente com o esperma mudado e logo a encerraram em uma jaula. Uma semana mais tarde as provas de concepção eram negativas. Liberaram-na. Claramente, há muito poucas mulheres o bastante compatíveis com a genética trocada para permitir realmente a concepção.

-Como eram negativas?

Ele sorriu sarcasticamente.

-Você é preparada, não é assim? O esperma do coiole é viável durante períodos muito mais

compridos de tempo dentro do útero feminino. Até duas semanas, segundo o último relatório. O hormônio único criado pela genética mudada também pode forçar a ovulação mesmo por acaso. Como suponho que fez com minha mãe.

-Uma vez que o averiguaram começaram a procurar as criadoras que tinham deixado soltas. Infelizmente tinha passado vários anos. Essas coisas passam. Minha mãe morreu em um acidente de carro como eu tinha cinco anos, ninguém exceto meu avô sabia de minha existência. Inclusive seu novo marido não tinha nem idéia de minha existência. Para então, não havia forma de comprovar no corpo um nascimento anterior já que ela resultou muito queimada no acidente. Muito mal, infelizmente. Kiowa escapou.

-Então... -Seu coração agora palpitava a toda pressa em seu peito, um duro e ansioso batimento do coração que infelizmente tinha negativos resultados.

-Você está ovulando agora. -Ele sacudiu a cabeça-. Travei dentro de você duas vezes e os riscos são que tem um montão de esperma da Raça do Coiote percorrendo seu útero. Mas poderia ser afortunada, neném. Como te disse, a maior parte de esperma da Raça não é compatível com uma fêmea normal. Há boas possibilidades de que esta não dê fruto.

Não era pena o que ela ouviu em sua voz, assegurou-se.

-Vou deitar. -Ela ficou rapidamente de pé e se dirigiu ao quarto.

Devia pensar, mas pensar e estar no mesmo ambiente com o Kiowa não funcionava.

Imatura, tinha-a chamado ele. Uma menina. Infelizmente ela queria enraivecê com ele como o fazia com seu pai ou seu irmão como faziam algo irracional ou lhe faziam cumprir uma regra com a que discordava. Se isto fosse simplesmente uma questão para discordar, então estaria frente a ele agora.

A partir do que ela tinha ouvido por acaso, era muito mais que isto. O hormônio que a voltava louca por seu toque não era mais culpa sua do que o era dela. Como poderia ela lutar contra isto?

-Faça-o-. Seu grunhido tranquilo detrás dela ferrou em seu coração e ela nem sequer sabia por que.

Capítulo Quinze

Como se supunha que ia dormir? Sua mente não colaborava mas, ainda pior, era para seu corpo. Ela contemplou o teto fracamente iluminado, seguindo às frágeis bolinhas de luz que conseguiam penetrar pelas cortinas escuras e pesadas e tratou de encontrar algum modo de aceitar esta nova realidade a que a tinham presa.

Kiowa estava furioso. Ela podia vê-lo agora. Onde seu pai e irmão se voltavam gelados, deixando sentir sua cólera gelada, em vez de ardente, Kiowa o reprimia. Ele a sepultava sob anos de aceitação, sob a tragédia de uma infância que nunca houve e dos sonhos que nunca se atreveu a ter.

Lembrou o olhar em seu rosto como ele tirou dela, seu membro inchado estalou livre dela, o nó que pouco tinha diminuído como ela levantou o olhar pela primeira vez para ele com aquele horror.

Um animal o tinha chamado ela.

Sua expressão se fechou imediatamente, fazendo-se serena, sem emoção, como tranqüilamente deixou o jipe. Isto tinha sido cólera. Ele lutava contra isso, simplesmente como ela

lutava pela liberdade. Agora sua cólera escapava e ela estava ligada a uma pessoa de um modo que, temia, nunca poderia liberar-se realmente.

Se o que ela tinha ouvido por acaso dizer Callan fosse certo, então a natureza lhe tinha arrebatado sua opção.

Deu a volta a um lado, encolhendo-se como uma bola e deixando a um lado a necessidade aguda de seu corpo. Isto ia piorando. Horrivelmente pior. Ela fechou seus olhos e tratou de contar as ovelhas, mordeu o lábio até que provou o sangue, cobriu a cabeça com as mantas, mas a dor só crescia e crescia.

Seus peitos estavam tão apertados e inchados que temia que seus mamilos arrebentassem. O toque de suas próprias mãos contra eles enviou uma dilaceradora sensação a seu interior, advertindo de que teria que liberar uma batalha difícil e larga se pensava negar o que seu corpo tinha fome.

O teria querido inclusive sem o hormônio derramando-se em seu sistema? O teria feito, pensou, lembrando sua inclinação natural a tocá-la como sempre tinha sonhado sendo tocada. Seus dentes que atormentavam seus mamilos. Sua mão aterrissando dura e pesada no montículo nu de seu sexo.

Estremeceu-se ante o pensamento enquanto um raio candente pelo prazer lembrado chamuscava aquele botão inchado de nervos. E seu membro. Apertou as coxas ao pensar nisso. A dor do prazer de ser empalada naquele caule grosso fazia que seus sucos fluíssem abundantes e espessos de seu sexo faminto.

Gemeu ante a triste aceitação do fato de que só seria capaz de lutar contra a excitação durante pouco tempo. A dor aumentava, era quase uma agonia, seu útero se apertava, convulsionava-se enquanto o síndrome de abstinência se estendia por ela.

Síndrome de abstinência. Isso era exatamente o que parecia. Seu corpo protestava pela ausência do Kiowa, exigindo seu toque, exigindo o calor e força que eram parte dele.

Amanda não podia acreditar que algo pudesse doer tanto. Aquela excitação poderia transformar-se em agonia, rasgando as terminações nervosas e abrasando a mente. Tinha que escapar dele. Talvez, se podia estar completamente longe dele, então isto se pararia. O síndrome de abstinência necessitava uma fonte, sem a fonte o corpo se adaptaria. Ou não? Isto voltaria a ser normal, ela poderia voltar a ser normal. Só devia fugir do Kiowa.

Em alguma parte distante de sua mente era consciente de que não pensava racionalmente. De que a dor aumentada e a necessidade de seu toque eram tão extremas que sua capacidade de tratar a realidade não era a que deveria ser.

Levanto-se torpemente da cama, apartando violentamente as mantas enquanto seus pés se enredavam nelas e dirigiu seus passos desesperadamente à sala de estar. O silêncio enchia a cabana e, algo distantemente, ela lembrou uma porta fechando-se só depois que Kiowa deixou a ducha.

Tinha-a deixado sozinha? Não o afetava o calor tanto como a ela?

Bastardo, é obvio que não o faria.

-Amanda? -Ele se moveu da outra habitação contrária, uma a que não tinha prestado nenhuma atenção ao outro lado da sala de estar.

Ele levava postos seu estreitos jeans, vários botões metálicos estavam desabotoados. Seu membro era grosso e duro sob o material.

-Kiowa. -Ela apertou os punhos como seu aroma se estendeu ao redor dela, drogando-a com a necessidade de prová-lo.

-Deveria dormir. -Sua voz era suave e arrependida como a olhou.

Ele não se moveu da entrada, só estava ali, seus olhos eram escuros, tristes e cheios de fome e

necessidade.

-Dói a ti também? -Sussurrou ela, sentindo um jorro de suco correr pelo interior de sua coxa.

-Sim, neném, também me dói -disse ele, sua voz era áspera, um grunhido baixo de fome que fazia seu fôlego entrecortar-se em seu peito.

-Isto dói muito. -Ela se estremeceu de dor.

-Você conhece a alternativa, Amanda. -Seu tom se endureceu. Ele não ia abandonar sua postura; não ia deixá-la esquecer.

-Eu amaria a meu filho. -Ela lançou um grito desesperado.

Nunca o obrigaria a estar sozinho, a ter fome de amor ou de atenção. Lhe prodigalizaria louvores, risadas, amaria-o.

-E o seu pai, Amanda? -Perguntou-lhe ele.

As lágrimas se derramaram de seus olhos enquanto sua cabeça se inclinava para trás e um gemido baixo e doloroso enchia a habitação.

-Não quero te amar -sussurrou ela-. Nem sequer te conheço. Como posso te amar?

-Sim, faça-o. -Ele estava agora mais perto-. Você me conhece melhor do que crê. Sabe que te protegerei, Amanda. Sabe que eu farei que esteja resguardada e te mantereí quente. Sabe que é minha companheira. Os companheiros são para sempre. Igual sabe que seu corpo nunca passará fome pelo meu, cada um de seus desejos, cada uma de suas necessidades será atendida.

Sua cabeça se inclinou para diante, algo dentro de si mesmo se romper ante suas palavras. De onde ela vinha, a sexualidade era algo para esconder-se. Que Deus a ajudasse se sua família encontrava seus livros ou descobria suas perversões. Mas Kiowa as conhecia. Ele sabia o que ela queria, o que seu corpo ansiava. Os matrimônios sobreviviam com menos que isto; certamente um acoplamento não seria muito mau?

São seus hormônios as que falam, gritou sua mente. Te anime moça. Lembra, liberdade? Um tempo para estar sozinha?

Tempo para estar a sós com seus livros e seus sonhos, pensou ela. Kiowa era uma fantasia sexual que tinha cobrado vida.

-Está-me manipulando. -Ela ofegava para tomar ar.

-É obvio que o faço. -Ele se encolheu de ombros descuidadamente-. Não estava muito equivocada como me chamou animal, neném. Esses instintos estão vivos, zumbem e gritam que é minha. Não te deixarei ir, Amanda.

-Deus, é uma dor de cabeça -saltou ela, a transpiração cobria seu corpo enquanto a luxúria aumentava até o grau de febre-. Tem alguma idéia de quão impossível é isto? Esta não é minha vida. Não é o que quero.

-Esta não era sua vida. -Ele se inclinou então prazerosamente contra o marco da porta-. é agora. Tomará os pedaços de sua vida, se livrará deles e tirará o melhor. É uma mulher inteligente, o bastante inteligente para saber que isto não é algo que vá sozinho.

-Isso não significa que eu tenha que me dobrar e ceder -discutiu ela ferozmente-. Os cientistas criaram esta maldição que tem, eles podem tirá-la.

Ele riu disto.

-Pensa que seus gênios científicos com complexo de Deus tinham alguma idéia do que faziam? -Perguntou ele em tom zombador-. Tem alguma idéia dos homens fortes e vitais e das mulheres que morreram, criados para serem assassinos, mas nascidos com tal honra e inteligência que seus criadores sabiam que não poderiam deixá-los viver? Não, Amanda, o melhor do mundo e o mais brilhante vive atualmente em um laboratório isolado sob o imóvel, tratando de entender como

funciona isto. Não há nenhuma fuga. Admitem-no. O melhor ao que aspiram é a aliviar os sintomas.

Ela desejou gritar e negá-lo, mas seu corpo ardia tão quente que não podia pensar em nada muito além de tirar seu membro de suas calças. O calor a consumia, fazendo-a desejar, lhe fazendo necessitar coisas que trouxeram um rubor de humilhação a seu corpo inteiro.

-Kiowa, isto dói -sussurrou finalmente ela desesperada, estremecendo-se como outro espasmo poderoso se estendeu por seu útero.

-O que quer que eu faça, Amanda? -Sussurrou ele- Se tomar, sabe o que vai passar. Sabe, como me travo dentro de ti, meu membro se pressiona contra seu útero, minha semente se dispara. Você ovula -lhe lembrou ele -. Quer correr esse risco outra vez?

-Tenho alguma opção? -Gritou ela para ele, ofegando como a cólera pareceu aumentar, alimentar o desespero sexual que se elevava em seu interior.

-Tem uma opção -grunhiu ele em resposta-. Pode confessar que não poderá escapar disso, Amanda.

-Em menos de vinte e quatro horas você destruiu cada sonho que tenha tido alguma vez. -Ela tremia com fúria, com luxúria-. E espera que eu simplesmente me renda? OH sim, o grande e poderoso Kiowa, o rei dos Coiotes se atou em meu sexo, meu mundo está finalmente bem. Maldito seja, não te pedi isto. Não pedi que aqueles bastardos tentassem me seqüestrar e não te pedi que me fodesse.

-Não, você me suplicou -disparou isso ele desde detrás dela, fazendo chiar seus dentes ante a lembrança-. O gritou, Amanda, exigiu-o. E senhora, não o pedi mais do que você o pediu. Ao menos tenho o sentido comum dado por Deus de me dar conta de que os enfrentamentos são um desperdício de força.

-Não te pertença!

Ela gritava. A cólera que a percorria era como uma faísca que a acendia, levantando uma maré de luxúria que ela não podia controlar. Ela o odiava. Ela o necessitava mais que seu fôlego.

-Incorreto, neném -espetou ele, movendo-se finalmente para ela, seus passos eram grandes, devorando com suas largas pernas por completo a curta distância, seus músculos poderosos se flexionavam ao longo da parte superior de seu corpo, seus olhos quentes, abrasavam-na-. Você me pertence realmente. Cada polegada desse pequeno corpo doce e quente é minha agora. E se não o crê, tenta deixar que outro te toque.

Ela lembrou a Callan Lyons tocando-a, agarrando-a como suas pernas tinham vacilado embaixo dela. A dor tinha sido insuportável.

-É um bastardo! -gritou.

-Sim, sou-o -esteve ele de acordo enquanto andava ao redor dela, não tocando-a, deixando seu aroma, o intrigante aroma de homem, mel e especiarias-. Mas ao que parece sou seu bastardo.

Ela se estremeceu pela sensação de seu calor rodeando-a como ele passou a caminho da cozinha.

-Deus, que confusão. -Ela suspirou profundamente, empurrando seus dedos por seu cabelo enquanto ela olhava a seus lábios curvar-se. Não era realmente um sorriso, mas quase.

-OH, não sei -disse ele brandamente-. Infelizmente algumas coisas se vêem bastante bem de onde estou. Você está verdadeiramente bem, Srta. Marion, tenho que dizer isso de ti.

-Que estou bem? -Ela pôs seus olhos em branco, lutando contra a excitação enquanto olhava o lento início de diversão em seus olhos- Você é um louco. Mencionou-lhe isso alguém?

Ele encolheu seus músculos poderosos.

-Acredito que Simon durante a noite em que o agarrei tentando destroçar o bar para o que

trabalhava como segurança. Queria fazer estalar o lugar. Esse era meu pão então e me ofendi.

-Um segurança? -OH, seu pai ia adorar, mas de repente o fez parecer mais verdadeiro, menos uma marionete.

-Estraga. Ser segurança em um violento bar/bordel chamado Ragind Lilly precisamente, dentro dessa suja e pequena cidade francesa. Cheia de terroristas, valentões e escória. Ele tentava fazê-lo voar ao inferno. Tomou uns minutos convencer o do errôneo de suas maneiras.

-Simon é o tipo que conduzia o jipe? -Ela lutava para concentrar-se enquanto lhe deu um copo de água fria.

-Bebe isto. A desidratação é um problema às vezes com estes malditos acoplamentos conforme me disseram. E sim, Simon conduzia o jipe.

Ela bebeu a água, mas isto não fez nada para mitigar a febre que corria desenfrenadamente por seu corpo.

-Deste modo, como te fez amigo das Raças Felinas? Os últimos informes que ouvi sobre os Coiotes era que eram a Raça mais temida.

-Não a mais temida, a mais odiada. -Ele se encolheu de ombros-. De algum jeito, Simon deve ter averiguado o que eu era. Minha melhor hipótese é que ele conseguiu jogar uma olhada a essa marca de nascimento abaixo em minhas costas. É uma marca genética de uma Raça. Ele era amigo do Sinclair, e como averiguou seu significado, ele e Sinclair me arrastaram de minha vida inútil a esta. Terei que agradecer-lhes outra vez.

Havia uma diversão sardônica em seu olhar fixo. Ele tinha um modo de fazê-la querer rir, mesmo que desejasse golpeá-lo com algo.

-Kiowa. -Ela se lambeu seus lábios secos nervosamente, tremendo pelo apertão de uma necessidade tão poderosa que sabia que estava perdida como ele a olhou estreitamente-. Por favor.

Ele deixou seu copo e depois o seu na mesa de centro, antes de mover-se detrás dela e de que o calor de seu corpo a rodeasse.

-Por favor o quê, Amanda? -sussurrou em seu ouvido, seu fôlego flutuou pelo ar sobre a ferida em seu pescoço- O que necessita?

-A ti. -Absolutamente cegada, ela não se incomodou em mentir ou em negar-lhe a si mesma mais tempo-. Te necessito.

Sem conversaço, sem explicações. Só seu beijo, seu toque, a liberação cegadora que ela sabia que não encontraria em nenhum outro lugar, exceto em seus braços.

Capítulo Dezesseis

Antes de que ela pudesse fazer mais que gritar desesperada, Kiowa a levantou em seus braços, seus lábios baixaram aos seus, sua língua empurrou possessiva em sua boca enquanto a levava ao dormitório.

Ela não estava segura de como ele conseguiu lhe tirar o vestido, e realmente não lhe importava. Tudo o que importava era seu toque, o calor de seu corpo, e a necessidade que corria por seu sangue.

Seus lábios estavam nos seus, sua língua compartilhava o gosto intrigante e aditivo do mel e as especiarias como ele a pôs na cama e baixou sobre ela. Ele estava tão nu como ela. Ela se prometeu

que, a próxima vez, entenderia como tinha conseguido despi-los a ambos tão rapidamente.

-Não o apresse -grunhiu como ela se roçou contra ele, acariciando seus mamilos através de seu peito e ofegando ante o prazer que lhe proporcionava.

-Eu? -Gemeu ela em resposta-. Eu não sou a que tem uma espécie de afrodisíaco estranho emanando de mim. Isto é tua coisa.

Ele grunhiu ante isto, um som claramente masculino de frustração que pôs um rápido sorriso em seus lábios. Mas seus olhos se enrugaram com a risada escondida quando ele se alavancou até baixar o olhar a ela, os negros centros, apesar de seu calor, eram suaves de ternura.

-Te vigiei durante uma semana antes da tentativa de seqüestro- sussurrou ele enquanto sua mão cavava sua bochecha-. Te segui à escola cada manhã, segui para casa cada tarde. Se saía, eu estava detrás de ti até que chegasse a seu destino e de volta até que chegasse a casa. Durante uma semana te escutei rir com seus vizinhos e arrulhar a seus meninos. E cada vez que te via a necessidade de ti crescia dentro de mim. Sem nenhum afrodisíaco. Sem acoplamento e complicações. Só um homem que devagar se apaixonava por uma mulher e que não tinha nenhum direito a está-lo.

Suas mãos se apertaram em seus ombros como ela o olhou fixamente com surpresa.

-Ontem à noite, enquanto te olhava dar aqueles caramelos aos meninos que foram a sua porta, eu estava tão duro que estive a ponto de romper meu jeans. Podia ver tanta vida em você, tanta maravilha e alegria, que quis eu mesmo te arrastar longe e saborear cada gota disso. O estar acoplado a ti não é nenhuma dificuldade para mim, Amanda. Mas eu nunca te teria feito isto se soubesse o que aquele beijo te faria.

E aí havia homem. Sem cólera, sem pena, simplesmente uma declaração unicamente da verdade quando ele a viu. Não deveria fazer doer seu coração. Não deveria fazer desejar coisas que ela sabia não podiam ser de verdade.

Ela tragou o nó que se formou em sua garganta e reprimiu as lágrimas que encheriam seus olhos quando sua mão se moveu de seu ombro, seus dedos deixaram seus lábios aveludados ásperos.

-Supõe-se que eu resisto a ti -sussurrou ela roucamente-. Não se supõe que você seja a resposta a todas minhas fantasias sexuais e faça que meu coração doa ao mesmo tempo, Kiowa.

Sua sobrelance se arqueou devagar.

-A resposta a todas as suas fantasias sexuais? -perguntou- É - a alegria forçada de sua voz rasgava sua alma.

Ele era tão forte. Muito forte. Não havia nenhuma desculpas para quem ou o que ele não era, nenhuma desculpa ou condenação pelo passado. E ela não podia amá-lo, disse-se. Ela queria ser professora, queria sua liberdade, sua independência, verdade?

-Todas as minhas fantasias sexuais -respondeu finalmente ela, sua voz apertada pelas lágrimas não derramadas enquanto seu corpo respondia a seu toque.

Sua mão se deslizou em seu cabelo, as gemas de seus dedos desfrutavam da seda negra fresca como sua cabeça baixou à sua outra vez. Sua língua pintou seus lábios com um golpe lhe sussurrem, causando um suspiro exausto da fome saísse deles.

Suas mãos se embrenharam por seu cabelo quando ele pareceu saborear o gosto de seus lábios e nada mais. Ele os lambeu, bebeu a sorvos neles, gemeu um pequeno grunhido profundo que saiu das profundidades de seu peito e vibrou contra seus lábios.

Ela o olhou, incapaz de fechar seus olhos ou de perdê-la intensidade faminta em sua expressão. Isto era com o que ela tinha sonhado durante todas aquelas noites quentes em que a excitação assaltava seu corpo e os maus desejos empurravam em sua imaginação. Só isto.

-Separa suas pernas para mim -sussurrou ele então-. Quero olhar seus olhos enquanto lhe

transo. Ver o azul obscurecer-se, as manchas de verde esclarecer-se. Tem uns olhos tão bonitos, Amanda.

Seu fôlego se entupiu em sua garganta. Ela separou suas coxas devagar, abrindo-se a ele enquanto ele se movia entre eles. Ela poderia sentir seu membro, duro e pesado enquanto estava contra o montículo de seu sexo agora, apertando contra seus clitóris.

Ela fez rodar seus quadris contra ele, seu fôlego era entrecortado enquanto o calor duro como o aço de sua ereção tocou o vulto de nervos sensíveis escondo entre as dobras de sua concha.

-Tentadora -grunhiu ele, lambendo seus lábios outra vez, seus olhos estavam enlaçados com os seu como ele se moveu contra ela, seu membro se arrastou ao longo de seu sensível sexo até que a grossa cabeça ficou equilibrada na entrada.

-vais castigar me? -Lhe olhou com sensualidade sonolenta, um sorriso curvava seus lábios enquanto seu pescoço se arqueava, agradecer de passar como um raio por ela em ferrolhos difíceis, rápidos do calor como ele começou a empurrar nela.

-Hmm. Talvez castigue a ambos. -Ele apertou agora seus dentes, e Amanda podia ver sua luta por recuperar o controle que enchia sua expressão.

Realmente tinham passado menos de vinte e quatro horas desde que ele a havia tocado pela primeira vez? Naquele momento ela advertiu que sabia coisas sobre o Kiowa que desconhecia de seus conhecidos mais próximos.

Então ele deslizou nela, enchendo-a de um calor pesado e uma dura força que arrebatou seus pensamentos e sua mente. Podia senti-lo estirando-a, sentir seus músculos protestar em consequência de cada dura e grande onda de líquido pré-seminal que a enchia, aliviando-a logo. Formigando, intensificando chicotadas de sensações que assaltavam seu corpo enquanto ele estava sobre ela, com seu membro movendo-se lento em seu interior, tomando-a com uma suavidade e uma profundidade de emoção que ela não desejava sentir.

Ela não deveria sentir nenhuma emoção. Somente deveria sentir a quente união de seus corpos juntos e sua ereção saciando a fome pouco natural em seu corpo. Entretanto ela sentiu mais, algo muito mais profundo que só as profundidades de seu sexo.

Com seu olhar fixo ainda unida ao seu, não havia nenhuma possibilidade de ocultar o prazer que o choque dos corpos dava a ambos. Sua expressão era selvagem em sua intensidade, seus olhos tão negros que ela se sentiu perdida em seu olhar fixo. Seu corpo estava sensível, sensibilizado a ele, cada roce de seu peito sobre seus mamilos endurecidos, sua pélvis estirando seu clitóris a balançou a novas alturas. Cada golpe a estirou, encheu-a, acariciou nervos escondidos e fez que seu fôlego se entrecortasse pela diabólica profundidade do prazer aumentando em seu interior.

Ela se balançou embaixo dele, suas pernas se elevaram para encerrar seus quadris enquanto seus lábios baixavam aos seus outra vez. E logo seus olhos se fecharam. Não havia nenhum controle, nenhuma força para mantê-los abertos quando ele a beijou com uma paixão que a derreteu deixando-a débil.

Com seus lábios movendo-se nos seus, seus quadris empurrando contra ela, conduzindo seu membro mais duro e mais rápido, enviando chicotadas de sensação que se tornavam mais duras em seu corpo, Amanda estava perdida.

Arqueou suas costas enquanto tudo em seu interior explodia. Seu corpo se esticou, seu sexo se contraiu ao redor de sua ereção que se levantava até que sentiu a mudança, o inchaço em seu interior que assinalou sua própria liberação. Isto ativou um interruptor em seus sentidos que explodiam já e a fez cambalear-se outra vez enquanto sentia seu sêmen derramando-se dentro dela.

Largos minutos mais tarde, ela reuniu a força para separar suas pernas de sua cintura e liberar

a presa que ela tinha tomado em seus ombros. O esgotamento a enchia agora, com tanta força como a luxúria a tinha cheio minutos antes.

Seus olhos revoaram abertos, sua visão estava velada de sonho como ela olhou fixamente em seus olhos escuros, suspirando com prazer ditoso, satisfeito.

-Sonha neném -sussurrou ele, descansando sua cabeça contra a sua, um estremecimento contido se estendeu por seu corpo quando outra pulsação de sua semente encheu seu interior, ordenhando-o-. Cuidarei de ti enquanto dorme.

Seus olhos se fecharam. Ela sabia que ele o faria, pensou. Ele não tinha que dizer as palavras. Sobre todas as coisas, ela sabia realmente que Kiowa a cuidaria.

Kiowa raramente sonhava. Ele o considerava uma bênção. depois de algumas pesadelos de sua infância, não tinha nenhum desejo de visitar aquele reino interior e tentar a cólera do passado. Mas como foi à deriva no sonho ao lado da Amanda, elas estavam ali. Como demônios levantando suas escuras e horrorosas cabeças.

-A mulher que deu a luz está morta -informou-lhe seu avô. Morreu em um acidente de carro.

Kiowa levantou sua cabeça do livro que tinha estado devorando. Com cinco anos. Lastimosamente magro e pequeno, pouco mais lhe tinha importado, exceto as palavras que tinha que aprender. E aprender o que ele era. Ele não conhecia a mulher que lhe tinha dado a luz, como seu avô a chamava. Ele não podia lembrar nem sequer sua cara, embora soubesse que houve um tempo no qual ele tinha estado com ela.

Kiowa assentiu com a cabeça solenemente, olhando acima, ao amplo corpo do homem mais velho, desejando poder ver outra coisa que a expressão cheia de repugnância que estava em sua cara.

-Não te importa? -tinha grunhido o ancião.

-Não a conheço-tinha sussurrado ele então.

-Essa é a resposta de um animal -seu avô tinha repartido golpes a torto e a direita -. Um sem alma.

O sonho estava deformado, devido ao tempo. Kiowa tinha onze anos, estava vivendo sozinho na choça na alta montanha, esperando com impaciência cada semana a visita de seu avô. Ele sabia que devia ficar escondido, sabia que a gente que tinha forçado seu nascimento na mãe que ele nunca conheceria o buscava.

A televisão era seu companheiro constante e com ela ele tinha aprendido a ler rapidamente durante os anos, a decifrar as palavras e encontrar o sentido de como as usar. Os livros descansavam em pilhas ao redor da pequena sala de estar. Uma manta estava metida no sofá. Ele não dormia na cama. Na escuridão, muitos pensamentos corriam através de sua mente e muitos sons nas montanhas do lado de fora abasteciam de combustível seu medo.

Mas aquela televisão era sua prancha de salvação. Nela ele viu seus sonhos. Uma família. Uma mãe, um pai, meninos que eram amados e protegidos, e naqueles sonhos ele poderia rir e ser livre, fazer voar um cometa, montar uma bicicleta. Ele não tinha que temer ser descoberto.

-Aqui há alguns livros mais. -A caixa foi deixada a seus pés enquanto seu avô apartava a vista dele sem emoção.

O homem tinha ido da repugnância à fria aversão durante os anos.

-Porei a comida sobre o alpendre. É o bastante crescido para guardá-la você mesmo.

Com onze anos. Ele tinha celebrado seu aniversário sozinho, com estupidez envolveu várias abacaxis que tinha encontrado e livros que tinha lido em um velho periódico e tinha fingido que eram os presentes de uma mãe.

-Obrigado, Senhor. -Ele tinha deixado de chamá-lo avô anos antes. Os avós amavam a seus

netos. Eles os mimavam, mostravam-lhes o mundo, levavam-nos a parques de diversões . Eles não os encerravam com chave longe em uma montanha e os abandonavam para sofrer o silêncio e o frio sozinhos.

-Não encontraste ainda sua alma? -espetou-lhe então o ancião.

Kiowa olhou acima para ele silenciosamente, com anos de solidão e pena ocultos em seu interior.

-Não, Senhor. Nenhuma alma esta semana. -Ele se tinha movido então devagar por diante dele e tinha reunido as caixas de mercadorias e comida enlatada com as quais sobrevivia.

O inverno vinha, podia senti-lo no ar - perguntou-se se seu avô esqueceria de lhe trazer um casaco outra vez deste ano.

O tempo trocou outra vez. Kiowa tinha quatorze anos a noite em que as notícias tinham relatado um acidente de carro na estrada interestadual. Joseph Mulligan tinha estado comprometido em um choque frontal com um caminhão e tinha morrido imediatamente. Não deixava família, informou o jornalista. E pela primeira vez, durante anos, Kiowa tinha derramado uma só lágrima.

Ao dia seguinte reuniu seus pobres pertences em uma capa de travesseiro e se dirigiu abaixo pela montanha. O inverno vinha outra vez, e o frio era um inimigo amargo quando não se tinha nenhuma comida, nenhuma roupa quente.

Tinha lido bastante e olhou bastante para entender certas coisas das que o mundo estava preocupado. Sabia que devia tomar cuidado, que sua mesma criação era uma lei contra a natureza, as presas agudas que mantinha ocultos abaixo no lado de sua boca eram a prova disto. Sabia que havia modos de sobreviver, só devia ser o bastante resistente. O bastante forte.

Quando se afastou da cabana, fez uma pausa e olhou fixamente para trás, silenciosamente.

-Tenho uma alma -tinha sussurrado ele tristemente-. Sempre a tive.

Os olhos do Kiowa se abriram devagar, ao dissipar o sonho mas não a mulher que ele sustentava em seus braços. Sua cabeça estava contra seu peito, seu cabelo era uma nuvem de seda ao redor de seus corpos enquanto ela dormia profunda e pacificamente.

Olhou fixamente à janela, a cortina escura que os protegia dos raios do sol e apertou sua presa nela. Se Felinos e Lobos se emparelhavam só uma vez, então havia uma possibilidade de que um coioote pudesse emparelhar para sempre também. Ele nunca tinha querido a outra mulher tanto como o fazia com esta, antes inclusive de tocá-la. Nunca tinha sonhado com outra antes dela, mas tinha sonhado com esta e não podia deixá-la ir.

Capítulo Dezesete

-Bem-vinda ao Santuário.

Amanda levantou os olhos surpreendidos para a porta principal enquanto esta se abria e Merinus Lyons entrava na cabana. Ela levava um bebê em seus braços, a mulher detrás dela levava um cercadinho de meninos dobrado.

-Só ponha no canto, Lilly -dirigiu-se Merinus à outra mulher-. Não queremos que David se assuste com o lugar enquanto estamos aqui.

Atrás dela andava um homem mais velho, seus ombros se inclinavam, seu cabelo era cinza desordenado. Os olhos marrons sombrios a olharam silenciosamente quando deixou uma maleta

negra grande na mesa da sala de estar. Esta parecia a maleta de um doutor.

-Sou Merinus. -Seu sorriso era brilhante, embora seus olhos marrons estavam sombreados pela preocupação quando se voltou para a Amanda-. Este é o doutor Martins, um muito querido meu amigo, e atrás dele Serena Grace. Ela é um dos cientistas que trabalham dentro dos laboratórios da Raça Felina para ajudar a encontrar uma razão neste tema do acoplamento.

-Olá. -Amanda ficou quieta na cozinha, olhando-os fixa e nervosamente.

Kiowa se tinha partido por mais de uma hora, abandonando-a para tomar banho e comer sem ele. Não é que ela não tivesse estado pensando com muita ilusão em uma possibilidade para repensar e encontrar sentido ao que acontecia.

-Sei que tem muitas perguntas, Amanda -disse Merinus amavelmente, seu olhar era compassivo-. Nós estamos aqui para responder tantas como podemos, e com a esperança de poder te tirar um pouco de sangue enquanto o fazemos. Callan e Dash dizem que a intensidade do acoplamento é muito maior contigo do que o foi para o resto de nós. O que nos diz algo, porque confia em mim, durante um tempo, em meu caso era uma merda. -Ela riu francamente, sua expressão era de zombaria de si mesma enquanto fazia a declaração.

Amanda esfregou devagar suas mãos e seus braços e se afastou. O pensamento de ser tocada por outro fazia arrepiar sua pele.

-Não será fácil -disse Merinus brandamente então-. Mas o que aprendemos com cada caso nos dá uma maior possibilidade para ajudar a outros a seguir adiante.

Amanda contemplou ao amável doutor e ao cientista que o acompanhava.

-O que necessita? -perguntou ela quando a mulher que tinha colocado o cercado e tinha depositado o menino nele deixou a cabana.

-Serena tomará amostras vaginais e de saliva assim como de sangue. Ela te fará algumas perguntas, realizará um exame físico rápido e então ela e o Doutor se irão fora daqui em pouco tempo. Então poderemos falar.

Amanda inalou profundamente.

-Quando poderei falar com meu pai? -Ela olhou ao Merinus cautelosamente.

-Callan está arrumando isto agora -lhe prometeu ela-. Temos que nos certificar da segurança nas linhas e de que não exista nenhum modo que alguém possa escutar a conversa. Te manter protegida é nossa máxima prioridade, Amanda.

Amanda engoliu com dificuldade, seu olhar fixo vacilou para as feições aristocráticos da cientista e a cansada compaixão no doutor.

-Bem, acabemos com isto -suspirou ela asperamente.

-Srta. Marion, as amostras necessárias e o exame não serão feitas sem desconforto -advertiu-lhe a doutora Grace, sua voz suave, seus olhos cinzas estavam preocupados-. O calor do acoplamento cria vários hormônios diferentes que fomos capazes de identificar e isolar. Um deles provoca a sensibilidade extrema frente a qualquer toque exceto o do companheiro. As luvas cirúrgicas ajudam nisto, mas a química de corpo não demora muito tempo em identificar o fato de que uma presença alheia o toca. E reage com dor.

-Sim. Dei-me conta disto -resmungou Amanda cansadamente-. Infernos, só vamos fazer. Isto começa a alterar meus nervos.

Não ajudava que ela necessitasse a Kiowa. A gente pensaria que ela estaria fodidamente seca, refletiu Amanda com cinismo. Pelo contrário, estava quase tão infelizmente desejosa e impaciente como o tinha estado a primeira vez.

-As boas notícias são que o corpo lentamente se ajusta aos hormônios -revelou Serena-. depois

disto, se seguir o mesmo padrão que Merinus, Roni, Sherra e Elizabeth, então verá uma redução do calor e de seus sintomas até que a ovulação aconteça de novo.

Amanda piscou para o cientista com assombro antes de girar-se ao Merinus.

-Isto alguma vez acaba? -perguntou ela horrorizada.

Os lábios do Merinus se curvaram com diversão.

-Não completamente. Mas isto não é realmente tão mau. Serve para algumas histórias picantes na hora de deitar-se -terminou ela com uma risada rouca.

-Isto é um pesadelo -suspirou Amanda, empurrando seus dedos por seu cabelo enquanto olhava fixamente a cientista-. Bem, só acabe com isso.

-Usaremos o dormitório. -O cientista recolheu a maleta que o doutor tinha levado e seguiu a Amanda ao dormitório.

Isto a horrorizava. Uma hora mais tarde Amanda suava profusamente, a agonia percorria seu corpo enquanto reprimia seus gritos e suportava primeiro o exame vaginal e o recolhimento de amostras fluídas do atormentado canal. O exame do peito a fez mordê-los lábios até que provou o sangue. Isso se sentia como se fossem agulhas -não, facas- que fossem inundados em sua carne, encolhia ainda quando as mãos da cientista a examinavam com cuidado.

Finalmente, com seu vestido cobrindo-a modestamente, ela se sentou no beira da cama, as lágrimas corriam por suas bochechas enquanto a doutora Grace colocava uma tira de borracha ao redor da parte superior de seu braço e começava a preparar a veia para a extração de sangue.

Doeu-lhe. Deus, nunca lhe tinha doído nada como isto. Cada célula, cada terminação nervosa de seu corpo gritava contra o toque enquanto ela reprimia os gritos em sua garganta. Ela viu a agulha aproximar-se de sua pele, seus olhos estavam arregalados, vendo quase o movimento em câmara lenta quando a ponta aguda se aproximou mais e mais ficando em contato. Seu corpo se rebelou, seu estômago retorceu de dor.

Um segundo antes de que entrasse em contato, uma ampla mão submeteu com força a pulso da cientista e um grunhido violento e enfurecido ressonou ao redor deles. Amanda seguiu a mão até o braço, até os amplos ombros, aos olhos negros e tão furiosos do homem que lhe fez apartar a vista deles.

-Kiowa. -Merinus entrou na habitação atrás dele-. Não é tão mau como parece.

Ele girou sua cabeça, seu cabelo negro fluiu sobre seu ombro enquanto seus lábios se tornavam para trás em um grunhido e ele grunhiu outra vez. Um som animal tão possessivo que inclusive Amanda não tinha nenhuma intenção de protestar.

A agulha caiu da mão da cientista enquanto ela contemplava a Amanda com surpresa.

-Merda, te afaste para longe dela -ordenou ele severamente, retirando a outra mulher devagar-. Recolhe suas agulhas e suas amostras, recolhe e parte. Agora. Volta sem minha permissão e te matarei.

Ele queria dizê-lo. Amanda poderia vê-lo nas linhas tensas de seu corpo, na fúria que emanava de sua voz.

-E você me acusa de ser infantil -disse ela com assombro enquanto a doutora se afastava rapidamente, massageando sua pulso e pondo um olho cuidadosamente em Kiowa.

-É uma temerária -lhe espetou ele, voltando seu olhar para ela-. Por que sofre desta forma? Por que permite que te faça mal desta maneira?

-Eles necessitam a informação -discutiu ela-. Maldição, Kiowa, alguém tem que encontrar uma cura.

Ele retrocedeu como se ela o tivesse golpeado. Ela olhou a máscara ficar em seu lugar, a

expressão sem emoção, pôs os olhos em branco. Tremeu pelo olhar, sabendo que de algum jeito acabava de pô-lo mais furioso do que já o estava. Não, lhe tinha feito mal. Aquela era a verdade, puniu-se em sua mente e o olhou com surpresa. De algum jeito, tinha feito mal a ele.

-Merinus, lhe diga a seu companheiro que voltarei para o abrigo de comunicações mais tarde - disse finalmente ele com voz firme, sem olhá-la nunca.

-Necessitamos essas amostras de sangue, Kiowa -disse Merinus firmemente-. Quase terminamos.

-Não. Vocês já terminaram. Não quase. -Sua voz era muito suave, muito perigosamente controlada-. Vai agora, Merinus.

Ele era extremamente cortês, mas Amanda jurou que podia sentir a violência no ar.

Amanda se levanta devagar enquanto a habitação se esvaziava.

-Esta é minha opção -lhe disse ela com frieza-. Não a tua.

Ele ficou em pé rigidamente diante dela durante um largo momento antes de afastar-se.

-Tem fome? Acredito que prepararei sua comida. Seu pai deveria chamar em umas horas. Penso que lhe deveria advertir isso entretanto; Callan proibiu a informação quanto ao frenesi de acoplamento. Esta é uma coisa que não pode lhe mencionar.

Ela contemplou suas costas com surpresa.

-Não, maldito seja -renegou ela furiosamente-. Você não adotará essa rotina de sinto-que-nenhum-tema-troca em mim. Nós discutiremos sobre o que posso e não posso dizer a meu pai mais tarde. -Agarrou seu braço justo dentro da sala de estar fazendo-o parar-se enquanto ele se voltava para ela devagar-. Essa era minha opção. Minha decisão. Você não tinha nenhum direito a me arrebatá-lo.

-Sou seu companheiro. Está dentro de todos meus direitos o te proteger. Inclusive de ti mesma.

-De mim? -Ela levantou suas sobancelhas com assombro, suas mãos se apertaram a seu lado para impedir de golpeá-lo sobre a cabeça com algo- Eu não tratava de suicidar-me. Isto era só um exame.

-Que te causava uma dor excessiva. -Ele poderia ter estado falando do tempo. Ah, a propósito, o sol brilhava hoje mas penso que era um pouco muito brilhante, pensou ela sarcásticamente.

-Era minha dor -lhe soltou ela-. Demônios, Kiowa, eles nunca entenderão isto sem provas. Sem alguém disposto às suportar. Pensa que isto é cômodo para mim? Que eu desfruto quando me tocam assim?

-O calor diminui. -Ele se encolheu de ombros desdenhosamente, apartando-se dela. Nenhuma emoção. Nada.

-Isto não ajuda quando te queima viva -lhe informou ela furiosamente-. Além do fato de que não era teu assunto. Essa era minha escolha.

-Então faz outra escolha.

-Então vai outra vez.

Ele se parou na entrada da cozinha, seus ombros se flexionavam sob a ligeira camisa cinza que levava posta.

-Penso que ficarei, obrigado -lhe disse finalmente ele brandamente.

Amanda sacudiu sua cabeça enquanto o assombro caía ao longo de seus sentidos.

-Pensa que simplesmente vou aceitar isto, Kiowa? -perguntou-lhe finalmente de maneira suave, sabendo que nunca o faria.

-Realmente não acredito que tenha opção. Agora temos que falar de seu pai e do que não pode

lhe dizer. -Ele a olhou fixamente sem piscar, e durante um momento ela se perguntou se ele teria realmente uma alma.

Capítulo Dezoito

Ela rechaçou aceitá-lo.

Amanda saiu tão silenciosamente como lhe era possível da cabana, permanecendo nas sombras enquanto se obrigava a si mesma a mover-se na escuridão da montanha onde a cabana se assentava.

Tinha escutado ao Kiowa, Kane Tyler e Callan Lyons falar da segurança do complexo antes, antes de que Kiowa os deixasse para ajudar ao Kane com uma espécie de funcionamento defeituoso do computador. Depois ela tinha falado com seu pai e o tinha tranquilizado lhe dizendo que estava bem. Não é que ela pudesse fazer algo mais com o Kiowa abatendo-se sobre ela como um anjo vingador. Inclusive tinha sussurrado sua frase em código -Estou bem, papai- em vez de pai...e ainda não podia explicar-se por que o tinha feito.

Possivelmente porque a independência que tinha ganho em sua família tinha sido muito difícil de conseguir. Seu pai e irmão só esperavam uma desculpa para arrastá-la de volta, casá-la com um homem jovem, agradável, formal e sério e vê-la feita a esposa perfeita de Washington.

Ela não pensava isso. Discuti-lo com o Kiowa seria mais fácil. E estava a ponto de lhe mostrar aqui e agora que ela não era alguém a quem ele pudesse ordenar tão despreocupadamente. Iria desta maldita montanha, fora do Complexo de Raça, e chegaria à Casa Branca sozinha. Não seria tão difícil. Resgatando-se a si mesmo, ela poderia afirmar sua independência até ante o perigo que a rodeava.

A fuga não seria difícil. Tudo o que devia fazer era seguir a velha estrada e chegar à estrada do condado a várias milhas de distância.

Poderia parar um carro abaixo, conseguir um passeio ao telefone mais próximo e chamar a seu pai. Ele não a teria abandonado aos cuidados das Raças se soubesse a verdade. E ela sabia que Kiowa estava desesperado por manter aquela verdade escondida até que pudesse convencê-la aceitar o acoplamento como se isto passasse.

Resfolegou enquanto corria para fora, pela área aberta por detrás da casa, e se dirigia à linha de árvores. A natureza poderia fazer-se tão feia como quisesse. Amanda não tinha eleito ao Kiowa, e forçar sua escolha não era sua idéia de uma relação perfeita.

Devia haver um modo de curá-lo. Um modo de fazer que o calor desaparecesse e lhe desse uma possibilidade para decidir por si mesma ao homem que ela quisesse.

Teria eleito ela ao Kiowa se tivesse tido uma opção? Seu corpo gritou sim, seu coração doeu.

O amor não chegava em um dia, verdade? Não era uma questão como as que tinha lido ou com as quais tinha fantasiado, ela sabia que a realidade era um tema completamente diferente. Kiowa era uma pessoa solitária, uma Raça de Coiote, criada para manipular e enganar. Mas os humanos não faziam, de todos os modos raça ou não, as mesmas coisas?

A confusão era um pântano de pensamentos e sentimentos dentro de sua cabeça e ela não podia encontrar sentido neles. E não podia controlar. O medo era tão primário como a excitação que crescia, e a segurança só poderia ser encontrada no normal. Ela devia ir para casa. Devia falar com o Alexander. Ainda friamente furioso como estaria, ficaria de seu lado e lhe ajudaria.

Ela tropeçou no bosque, a larga camisa de flanela que levava posta se enroscou na vegetação por onde passava. Os jeans e as sapatilhas de esporte a protegiam do frio do ar, mas nada poderia protegê-la do calor interno. Este aumentava. Tinha rezado para que, separando-se do Kiowa e do aroma que parecia encher a cabana, pudesse sobreviver à necessidade.

Ela sobreviveria, disse-se ferozmente. Tudo o que devia fazer era chegar em casa.

As nuvens se moviam devagar sobre o céu noturno, atenuando a luz da lua e aumentando a escuridão do bosque. Maldição, odiava a escuridão. Por isso era que vivia na cidade em vez de no imóvel de seu pai na Pennsylvania.

Não era que lhe assustasse a escuridão; só que não gostava. Estava cheia de sons que não podia identificar, sons que enviavam estremecimentos por sua coluna e a faziam pensar em cada filme de terror que Alexander e ela se atreveram alguma vez a olhar.

O grito de um gato, um gato grande, ressonou pela montanha. Ela fez uma pausa, respirando entrecortadamente, seus olhos estavam arregalados enquanto tentava ver na escuridão. Bem, o que era que Kiowa havia dito? Se não cheirava como um gato lhe comiam.

OH, Deus. Isto era grande. Os lobos selvagens e os gatos grandes, um calor de acoplamento que a voltava louca e só Deus sabia o que vinha. Ela não necessitava nada disto.

Moveu-se mais rápido, despreocupando-se já do silêncio ou da cautela. Que demônios importava?

-Kane, temos movimento não autorizado no Setor Três C -informou tranquilamente Tamber, o perito feminino de comunicações da Raça, enquanto Kane e Kiowa trabalhavam no estranho programa que tratavam de instalar para interceptar o tráfico na Web de informações dos Supremacistas do Sangue.

A cabeça do Kiowa subiu, seus olhos se entrecerraram. Três C era a área onde se encontrava a pequena cabana que ele e Amanda usavam.

-Não há nenhum indicador eletrônico e os gatos se dirigem a essa zona.

-Foda! -Kiowa ficou rapidamente em pé-. É Amanda. Chama-os.

Deveria ter sabido que sua fácil capitulação antes, essa noite, tinha sido somente uma artimanha. Tinha cheirado sua fúria e seu sentimento de traição por sua resposta negativa a permitir as provas ou explicar o porquê.

Como se supunha que devia lhe dizer que só a vista dela agüentando tal dor o despojava do orgulho trazendo quase lágrimas a seus olhos? Que seu peito se apertou e uma raiva como nunca tinha conhecido encheu sua mente?

-Faz que a unidade do Dawn a intercepte -pediu Kane rapidamente-. Nos dirigiremos para ali agora.

Ele lançou ao Kiowa uma das unidades de intercomunicador que usavam enquanto acoplava o seu a seu ouvido.

-Dawn se aproxima para interceptá-la, Cabal e Tanner se unem para controlar aos animais. Os gatos estão agitados, Kane. Eles poderiam não obedecer ordens padrão -informou a jovem Raça feminina na mesa de comunicações.

-Que Merc tenha pronta as motos -lhe espetou-. Nos dirigiremos para ele.

Kiowa se esticou enquanto seguia ao Kane e a Dash, a fúria enchia sua mente com cada maldito segundo. Condenação, ele não tinha esperado que ela corresse. Como tinha tido a energia para correr?

-As motos percorrerão rápido a distância -lhe gritou Kane enquanto se aproximavam do som de motores poderosos acelerando dentro de um abrigo metálico, do outro lado do complexo.

-Vou matá-la -resmungou Kiowa-. Malditos infernos. Eu avisei.

-Maldição, Kiowa -criticou Kane enquanto irrompiam no abrigo bem iluminado e empurravam as amplas portas-. Como de fácil pensa que é isto para ela? Deveríamos havê-lo esperado.

Mas não o tinham feito, e devido a sua falta de previsão, Amanda estava em perigo.

Saltaram às pequenas motos preparadas e poderosas. Construídas para velocidade e corridas na montanha, as motocicletas tinham sido especialmente desenhadas pelo Mercury, da Raça de leão que fiscalizava seu cuidado como uma mamãe galinha.

Saíram disparados do abrigo a toda velocidade, girando imprudentemente enquanto tomavam uma curva pronunciada ao redor do meio-fio que conduzia ao estábulo e se dirigiram ao caminho acidentado da montanha.

-Ela terá feito mais de uma milha da cabana -gritou Kane pelo intercomunicador-. Dirigindo-se para a estrada. Os gatos se estão movendo depressa, assim vamos fazer isto rápido.

Os grandes gatos estavam cada vez mais perto. Ela podia ouvir seus gritos afogados ressonando a seu redor como se chamassem um ao outro, trabalhando coordenados para detectá-la.

Amanda corria, tropeçando com ramos e troncos enquanto lutava para não cair e rodar pela montanha abaixo. Só Deus sabia o que havia no fundo de alguns ravinas que tinha descoberto.

Lutava para respirar enquanto o medo circulava por seu corpo e sua própria fraqueza a golpeava. Certamente teria sido mais fácil roubar um telefone móvel. Pelo menos não teria sido devorada.

Ela tropeçou em algo. Seus próprios pés talvez, enquanto outro selvagem grito felino soava detrás dela. Aterrissando sobre seu estômago, lutou para ficar de novo em pé, colocando-se de joelhos e logo encontrando-se cara a cara com o leão maior e de aparência mais perversa sobre o que tinha posto alguma vez seus olhos.

Ele rugiu. Abrindo suas poderosas mandíbulas, mostrando uma boca cheia de dentes muito afiados e rugiu diretamente em sua cara.

-Meu sabor é realmente mau -disse ela, muito assustada para tratar de mover-se enquanto ele nivelava seu arrepiante olhar âmbar para contemplá-la-. E não tenho nada de carne em meus ossos. Papai sempre me diz que infelizmente sou muito fraca e aposto a que os coelhos são... realmente bons -gemeu ela-. OH Deus, vete a procurar um coelho.

Ele grunhiu, levantando seu lábio e mostrando os dentes brutais no lado de sua boca. Sua cabeça era enorme, a juba grossa que crescia em suas costas indicava que era uma criatura amadurecida, capaz e dominante.

-Ele não se interessa muito pelos coelhos. Seus pratos favoritos são as meninas estúpidas às que gostam de desobedecer as medidas tomadas para sua própria segurança.

A voz feminina a fez girar-se bruscamente em redondo, só para ganhar um beliscão agudo em suas costas, do animal detrás dela.

Ela se sacudiu com força, olhando-o fixamente com surpresa quando ele rugiu outra vez.

-Pode chamá-lo ou algo? -ofegou. A pequena mordida não lhe tinha doído, mas preferiria não o fazer tomar um pedaço dela.

-Tiny mais ou menos faz o que ele quer. -A mulher arrastou as palavras brandamente, sua voz era suave, quase melódica, enquanto ia para a Amanda e se encurvava para baixo, ao lado do animal-. Verdade, Tiny?

O leão topetó contra a mulher, seus rasgos escurecidos no olhar da Amanda, muito cheio de dentes agudos para emprestar muita atenção a como o olhava ela.

O enorme animal fez um som lhe farejem, suave, enquanto roçava contra a perna da mulher,

obviamente contente no momento.

-Bom moço. -Ela acariciou sua juba e logo, extraordinariamente, ronronou com um som suave charmoso-. Te acomode e falarei com nossa convidada um minuto. Tanner estará aqui logo com seu festim.

A cabeça do leão se balançou atrás para a Amanda, o olhar que lhe deu foi um de puro ultraje masculino, mas se deu a volta e se afastou umas polegadas, deixando-se cair na terra e olhando-a estreitamente.

-Não posso me unir com eles muito bem. -A mulher manteve sua voz com esse tom melódico, quase hipnotizador-. Só fica tranqüila, repousada e não ameaçadora e ele deverá estar bem até que Tanner e Cabal cheguem. Eles vinham justo detrás de mim.

Amanda não apartava seus olhos do leão.

-Estava perto? -Perguntou ela, sua voz soou apenas por cima de um fôlego.

-Não muito -suspirou ela-. Realmente, a outros vinte pés ou assim nesta direção há um ravina escondido. Não poderia ter sobrevivido à queda.

Amanda baixou sua cabeça abatidamente.

-Está isso tão mal? -perguntou-lhe então a mulher, sua voz era reflexiva-. Minha irmã se apareou com o Kane, ele não é uma Raça, mas deveria ter sido uma. O acoplamento é horrível?

Amanda jogou um olhar surpreendido à forma escura. Ainda ajoelhada sobre mãos e pernas, estava muito aterrorizada para mover-se. O leão não apartava seus olhos dela.

-Humm. Não -disse ela com cuidado.

O acoplamento era genial. O macho idiota que pensava que de repente era seu amo e senhor começava pelo contrário a emprestar.

-Então por que foge? -Uma cabeça escura se inclinou, seus rasgos pálidos eram apenas discernidos na escuridão quando ela ficou encurvada entre Amanda e o animal- Kiowa é o coioote mais honrado que conheci. Ele não se parece com os carcereiros que tínhamos, treinados para ser desumanos. Ele tem o aroma da verdade, da suavidade. Por que foge dele? Os machos humanos são mais dignos?

Amanda piscou para a outra mulher com assombro. Sua voz era suave, sombria, como se a pergunta tivesse mais importância da que ela queria revelar.

-Como diabos deveria eu sabê-lo? -Ela tragou fortemente- Olhe, isto é realmente estranho. Pode dizer ao monstro que deixe que me sente?

O monstro grunhiu.

-Eu realmente ficaria assim ainda uns segundos mais -aconselhou-lhe a mulher-. Posso cheirar a aproximação de Cabal e Tanner. Eles virão rapidamente para te impedir de transtornar aos gatos. Há vários ao redor de nós, sabe. Minhas leoas tratarão de te proteger seTiny atacar, mas eu preferiria que não se fizessem mal. E não respondeste a minha pergunta.

-Me pergunte quando não estiver a ponto de me converter em um lanche de leão -sugeriu Amanda.

Ela riu entre dentes.

-Eu simplesmente tinha curiosidade. E possivelmente você tinha razão para fugir. O sexo não é um ato agradável. -Sua voz então estava cheia de sombras-. Um acoplamento não poderia ser melhor.

-Ele não me fez mal. -Amanda não tinha nem idéia de por que lhe importava que a mulher soubesse isto.

Os olhos de âmbar, muito parecidos com os do leão, consideraram-no silenciosamente.

-Ouvi-te gritar.

Amanda podia sentir o rubor esquentar seu corpo.

-Sim, bem. Às vezes gritar está bem. -Ela se esclareceu garganta nervosamente-. Esta é uma conversa realmente estranha, sabe?

-Entendo-. A outra mulher assentiu com a cabeça antes de que ela se elevasse com cuidado e falasse outra vez-. Tanner, Tiny está mais aborrecido que de costume. O aroma desta mulher não é o que o molesta, mas fica mais inquieto antes da noite.

-O que tem suas leoas? -A voz do macho era tão cuidadosamente suave como a da fêmea.

Amanda tinha só uma impressão vaga da escuridão movediça, uma sombra que passava por ela. Nenhum som anunciou a chegada do estranho até que o leão começou a ronronar asperamente. A escuridão protegeu ao animal então, só para unir-se a outra forma.

-Eles não podem encontrar a perturbação -lhe informou, sua mão agarrou o braço da Amanda e a impulsionou enquanto o som de motocicletas se proximava.

-Ele está tranqüilo no momento -disse brandamente o homem que ela tinha chamado Tanner antes de cantarolar ao animal outra vez.

-Merda -sussurrou Amanda como o som das motos começou a romper a noite-. Kiowa vem, verdade?

-Sim. Kiowa vem. -Uma mão magra apertou a seu braço-. Se ele te fizer mal, posso te ajudar, Amanda. Não me minta.

-Dawn -disse o homem detrás dela a modo de advertência-. Este assunto não é teu . Kiowa tem o direito a sua companhia. Você sabe.

-Não se lhe faz mal. -Sua voz se fez mais profunda-. Minhas leoas e eu lhe protegeremos, Amanda, se ele te fizer mal.

-Demônios, Dawn... -Era uma maldição áspera, mas cheia de dor, não de aborrecimento, a que encheu a noite-. Seth não te fará mal.

Amanda sacudiu sua cabeça com confusão. Ali havia mais coisas que a preocupação desta estranha mulher.

-Ele não me fez mal... -As motocicletas iluminaram a área enquanto se deslizavam ao redor da curva, fazendo uma parada, sacudindo-a até os ossos, freando diante do leão a seus pés, um rugido se rasgou na noite quando uma dúzia de mulheres saiu das árvores e rodeou ao nervoso leão.

-Amanda, vou golpear seu traseiro. -A voz do Kiowa era furiosa, quente.

As nádegas da Amanda se apertaram ante o pensamento. E isso não era medo.

Ela o olhou saltar da motocicleta, amplo, musculoso, sua expressão escura e severo, seus olhos negros brilhavam com fome e cólera enquanto caminhava a pernadas. Seu sexo chorou enquanto ele se aproximava, seu interior se apertou espasmodicamente enquanto suas coxas se apertavam em reflexo.

Até em um cenário mais civilizado ela se sentiria assim. Ele era o protagonista de suas fantasias, teria sido um homem pelo que se teria sentido atraída, sem lhe importar sua maquiagem genética.

Naquele instante, ela se deu conta de que neste momento não podia ser amor, mas poderia ter sido. Lhe teria cortejado ele? Infernos não, ele teria ido direto rapidamente sobre ela, como o fazia agora. Ele a teria tomado e teria feito amor com ela, e seu sexo teria chorado por seu toque, até sem o fogo que a queimava viva agora.

Ele se parou diante dela, lhe fazendo afastar a vista com luxúria brutal, nua.

-Tenho que te amarrar? -Ele se soltou então, a fúria ardia no ressonar de sua voz.

Amanda passou as mãos por seu jeans e levantou o olhar para ele enquanto admitia para se

mesma que, como ele havia dito, não podia evitá-lo.

-Você quer me dar palmadas no traseiro?

Ele piscou. Uma vez. Então estreitou seu olhar nela.

-Terei que fazê-lo -grunhiu ele.

-Possivelmente deveria tentar tudo. -Ela se encolheu de ombros então-. O que são umas cordas além disso?

-Vamos. -Ele agarrou seu braço, sua mão se enlaçou ao redor da sua quando ele a segurou mais brandamente puxando para a motocicleta-. Tempo de pagar, neném. Vamos ver se você gosta de uma raça vibrando de forma diferente entre suas coxas.

Capítulo Dezenove

Lamentavelmente, ela alcançou o clímax montada na motocicleta e de caminho à cabana. Naquele ponto Amanda já estava rogando, porque a liberação não fazia nada para aliviá-la, só pô-la mais quente. Ela sabia o que seu corpo queria. Sabia o que ansiava.

-Kiowa, por favor... -Ela lançou um grito como ele a baixou da moto e a obrigou a andar para a porta da cabana.

Cada movimento de seu corpo era um prazer tortuoso. Seus nervos se amotinavam, gritando por seu toque, seus beijos, pedindo o alívio. Quando a porta se fechou de repente detrás dele, ele se deu a volta, empurrou-a contra si e fechou de repente seus lábios com os dele.

Sim. Sua boca se abriu para sua língua antes de fechar-se nela, atraindo-a, gemendo pelo gosto embriagador que encheu seus sentidos e o prazer que assaltou seu corpo. Ela se arqueou, esfregando-se contra seu calor e força enquanto suas mãos se sepultavam em seu cabelo, retendo-o contra ela, imóvel pelo beijo que os unia.

Suas mãos não estavam passivas. Ela tinha esperado muito tempo, o batimento do coração da motocicleta entre suas pernas tinha parecido lançar gás a uma fogueira. Queimava-se inverificado. Os botões de sua camisa arreventaram e, se não estava confundida, o material se rasgou enquanto lutava por conseguir expor a carne masculina.

Todo o momento sua língua bombeava repetidamente em sua boca, seu grunhido acalorado acariciava seus sentidos enquanto seu polegar se movia para tocar a ferida em seu pescoço. Ela lançou um grito pelo beijo, quando o movimento sutil da acarícia de seu polegar enviou um fogo incontrolado que passou como um raio através de seu corpo.

Seu jeans eram os seguintes. Suas mãos se deslizaram para baixo enquanto seu peito se elevava, seu abdômen estava tenso até que ela pôde abrir o fechamento na cintura de seu jeans. Nada importava, exceto seu toque e exceto ser cheia por ele.

-Ainda não, pequena bruxa -grunhiu ele agarrando suas mãos, as sacudindo em cima de sua cabeça e as ancorando com uma de suas grandes mãos.

Ela abriu seus olhos languidamente, olhando-o fixamente na paixão sonolenta como ela lambeu o gosto dele, de seus lábios.

-Vai me bater? -Ela não podia conseguir tirar de sua cabeça.

Um sorriso perverso curvou sua boca como ele a olhou com escura luxúria.

-Deveria te atar e te deixar sofrer -replicou ele-. te deixar ver a agonia chegar, Amanda, se

realmente consegue me abandonar. Isto iria bem.

-Está me matando, Kiowa. -Ela agarrou-se em volta dele-. ameaça mais tarde, me fode agora.

Ele grunhiu, um som de advertência baixo que fez que uns estremecimentos de prazer percorressem sua coluna.

-Está tentando sua sorte.

-Então me bata e me mostre o engano de meu comportamento. -Ela esfregou seus seios através de seu peito exposto, ofegando pelo doce prazer de sua camisa raspando contra os pequenos pontos sensíveis.

Sua mão se apertou em seus pulsos enquanto a outra mão se movia de sua cabeça à frente de sua camisa. Um segundo mais tarde o som do material rasgando-se quase fez que culminasse. Quem sabia que poderia ser tão atraente rasgar a roupa de seu corpo deste modo?

-Começa com seus sapatos. -Sua voz era dura, advertindo com um sopro de luxúria e perigo.

Seus olhos negros brilhavam com fome, suas bochechas estavam avermelhadas por ela, seus lábios inchados pelo beijo e pesados pela sensualidade.

Amanda chutou seus sapatos devagar, usando os dedos do pé para golpear o calçado antes de afastá-lo, arremessando longe.

O aroma de sexo, doce e pesado, encheu o ar. Sua excitação e a dele se mesclaram para criar um aroma aditivo e irresistível para os sentidos.

A mão dele livre foi então aos jeans, afastando para abrir o fecho antes de puxar o zíper para baixo. Sua mão empurrou na braguilha aberta enquanto um gemido desigual saía de seus lábios.

Seus dedos se deslizaram entre suas coxas, os dois movendo-se por seus lábios para atormentar a entrada do seu sexo.

-Está tão molhada que está a ponto de empapar estes jeans. -Ele se inclinou para diante, seus lábios pousaram na ferida em seu pescoço antes de que sua língua lambesse sobre ela.

-Kiowa. Isto é cruel -gemeu ela jogando-se contra ele, desesperada-se por um toque mais profundo, mais duro.

-Aprenderá a não me desobedecer, Amanda. -Ele parecia severo, dominante. A quantidade dos sucos alagaram seus dedos enquanto ela ofegava pelo prazer que sua voz lhe dava, a emoção de desafiá-lo e de agüentar seu castigo.

Um fôlego de risada zombadora soou em seu ouvido.

-Crê que o prazer pode compensar o castigo? -Perguntou-lhe ele brandamente, seus dentes puxaram o lóbulo de sua orelha-. Que um macho da Raça não entende como fazer sua mulher render-se, Amanda? Pensa que a natureza não teve tal teima feminina em conta?

Ela mordia o lábio, estremecendo-se então em seu apertão. Estava afligida pela excitação, seu corpo hipersensível estava tão excitado que sabia que custaria muito pouco enviá-la ao prazer.

Sua mão se deslizou para trás, seus dedos acariciaram na entrada de sua vagina o pedaço inchado de seu clitóris, mas nunca lhe dando o bastante para a satisfação. Antes de que ela pudesse adivinhar suas intenções ele liberou seus pulsos, só agarrando-a e levando-a ao sofá.

Movendo-se mais rápido do que ela, com seus sentidos aturdidos, podia captar, lhe fez tirar os jeans de seu corpo antes de pô-la sobre seu colo.

-Kiowa. -Ela uivou seu nome quando sua mão aterrissou nas bochechas levantadas de seu traseiro.

Isto queimou com um fogo que se disparou diretamente a seu sexo.

Sua mão golpeou outra vez na outra bochecha um segundo antes de que seus dedos baixassem entre suas coxas, lanceando pelos espessos sucos que estavam em sua vagina e os estendesse para

detrás.

-Aí. -Sua voz era dura, grossa com a fome quando ele massageou a delicada abertura de seu ânus, um segundo antes de que a terceira palmada fora dada.

Amanda se sacudiu contra ele, lançando um grito de prazer enquanto sentia a chicotada de calor zumbindo por seu corpo.

Outra vez seus dedos se moveram a seu sexo, inundando-se na ilimitada nata que se derramava de seu corpo e retirando-o. Esta vez a gema de seu dedo se afundou na entrada apertada de seu ânus.

Ela se retorceu através de seu regaço, o fogo se estendia de terminação nervosa a terminação nervosa enquanto ela gritava seu nome.

-Quieta. -Ele deu um tapa em sua nádega outra vez, um pouco mais forte em advertência, mas isto só serviu para conduzi-la mais profundamente na loucura sexual que a consumia.

-Sabe como é bonita? -Perguntou-lhe ele asperamente, seus dedos se inundaram em seu sexo outra vez- Sua bunda é tão suave, tão rosado, separando-se para mim, me dando uma vista clara disto...

Seu dedo se afundou em sua entrada mais apertada outra vez enquanto ele atirava mais de suas bochechas para as separar, abrindo-a, estirando os músculos que o apertavam.

Ele retirou seu dedo que se deslizou livremente, só para entregar outra carícia aguda às curvas arredondadas de sua extremidade. Ela se estremeceu pelo prazer-dor, um banquete incrível dos sentidos. Amanda sabia que, com ou sem o frenesi de acoplamento, nunca poderia ter resistido.

A mão endurecida do Kiowa era sensualmente áspera, os curtos golpes agudos em sua carne sensível queimavam sua prudência, fazendo-se selvagens, voltando-a desesperada. Ela o necessitava agora. Necessitava a seu membro preenchendo-a, queimando-se em seu sexo quando ela explodisse pelo prazer.

Então seus dedos se moveram para trás, ao manancial de sucros escorregadios que surgiam dela, retirando-os, lubrificando o pequeno buraco entre suas nádegas para que seu dedo pudesse afundar-se mais profundamente em seu interior.

Ela foi empalada ali outra vez, lutando contra a desconhecida penetração enquanto seus sentidos desfrutavam disso. O fogo floresceu em seu ânus, estendendo-se por sua coluna e envolvendo-se ao redor de seu inchado clitóris. Então se foi. Ela lançou um grito, seus quadris corcovearam, tornando-se para trás enquanto lutava para impedir-se de rogar por mais.

Sua mão aterrissou em seu traseiro outra vez. Vários golpes agudos, mordazes, que a conduziram perto da beira da liberação, deixando-a vacilar no precipício e rogando por mais. Só um pouco mais. Só o bastante para lançá-la.

-Por favor, Kiowa... -pediu ela segundos mais tarde, sua extremidade queimava, seu sexo estava em chama enquanto ele fazia uma pausa para posar sua mão sobre a carne sensível.

-Por favor o quê, Amanda? -Perguntou-lhe ele, sua voz era escura e sedutora- Por favor que não te toque? Por favor que não te dê prazer?

-Não -chorou ela-. Kiowa, por favor, isto me está matando.

Seu dedo se afundou no pequeno buraco apertado outra vez, fazendo-a apertar-se para trás, conduzindo-o mais profundamente em seu interior enquanto seu sexo se ondulava com o orgasmo iminente.

-Pensa que isto vai ser fácil, neném? -perguntou-lhe ele, seu tom cantarolava mais selvagem pela sexualidade escura de sua voz.

Ele se retirou antes de empurrar em seu interior outra vez, movendo seu dedo facilmente nos

sucos que agora lubrificavam o apertado canal. Amanda tratou de separar mais suas pernas, de ganhar o suficiente apoio para empurrar atrás, intensificando a fricção.

Ele riu entre dentes por seus esforços antes de apartar-se outra vez e pô-la em pé. Ou tentando-o. Seus joelhos eram débeis, seus sentidos temperados muito profundamente nos fogos sensuais que se queimavam em seu corpo de modo que não tivesse nenhuma outra opção, só elevá-la em seus braços, quando se levantou e caminhou rapidamente ao dormitório.

Ele a deixou cair no amplo colchão, lhe fazendo baixar seu olhar com seus olhos negros endiabrados quando ele soltou seu jeans. Deixando o material aberto no fronte, lhe dando um único vislumbre de seu inchado membro, ele se moveu ao armário. Quando ele se voltou para ela, ela tremeu à vista das cordas em suas mãos.

-Pensa que isto vai ser tão fácil, não é assim, neném? -perguntou-lhe atando seus braços, depois suas pernas, fazendo mais frouxas as ataduras do que ela tinha esperado- Pensa que vou conduzir-te para o gozo para ter que tratar contigo fugindo outra vez?

-Não fugirei. -Ela logo que podia falar, sem mencionar pensar em abandoná-lo outra vez-. O prometo.

Ela tinha decidido isto olhando fixamente os olhos do leão. Kiowa aprenderia, mais tarde, que ela não era a única que ia obedecer.

-Já o prometeu antes -grunhiu ele-. O que fez, cruzou os dedos a primeira vez?

Ela sacudiu a cabeça desesperadamente. O que necessitasse para conseguir seu membro em seu interior, ela o faria neste ponto.

-Não é tão fácil. -O sorriso que curvou seus lábios lhe deu uma vislumbre das perversas presas no lado de sua boca e fez que seu ombro palpitasse bruscamente em resposta ao pensamento da facilidade como ele a tinha conduzido à loucura perfurando sua carne com eles.

Ela lambeu seus lábios nervosamente.

-Uh-Uh. -Ele sacudiu sua cabeça para ela quando ele ficou de joelhos na cama-. Não te lamba os lábios, neném, lambe isto.

Ela se abriu para a acampanada cabeça furiosamente avermelhada de seu membro. Sua língua se encrespou sobre ela, lambendo enquanto seus lábios se fecharam e ela o sorveu profundamente dentro de sua boca. O líquido pré-seminal saiu a fervuras imediatamente em sua boca. Mel doce, amadurecida. Ela gemeu, seus olhos se fecharam então abrindo-se rapidamente quando os dedos de uma mão capturaram um mamilo e o agarraram com força.

Ela se estremeceu de prazer, gemendo ao redor de seu membro enquanto ela começava a amamentar-se nele freneticamente. Era grosso, amplo, enchendo sua boca e seus sentidos com uma força masculina tão aditiva como o calor do acoplamento o era.

-Deus, isto está bem -sussurrou ele, retirando-se então somente para empurrar facilmente entre seus lábios outra vez-. Tão doce e quente, Amanda.

Ela levantou a vista para ele, vendo algo em seus olhos que ela não quis reconhecer. Uma emoção, uma profundidade que a apanhou e a prendeu mais apertada que qualquer corda criada.

Incitou-o, sua língua golpeava sobre a cabeça quando ele se retirou, os gemidos dela enchiam o quarto quando ele voltou, seu prazer ressonava ao redor deles com cada pequeno jorro de líquido pré-seminal que enchia sua boca.

Estava perdida e o admitia. Sem esperanças, ligada a este homem e incapaz de escapar. Sua boca se fechou mais enquanto ela se arqueava ante seu toque, morrendo pelo prazer das palmadas no traseiro e que fazia que seu sangue zumbisse pelo êxtase.

-Basta -gemeu ele, retirando-se de seus lábios, seus olhos se entrecerraram com uma

promessa escura enquanto baixava ao lado dela.

-Sei o que você gosta -sussurrou ele-. Mas quanto pode agüentá-lo?

Capítulo Vinte

Kiowa tinha sentido raiva quando averiguou que ela tinha fugido. Um medo puro o tinha cheio, uma parte de sua alma se havia exaurido ante o pensamento de nunca tocá-la, de nunca provar sua suave carne outra vez. Em uns poucos dias ela passou a ser parte do ar que respirava. A parte instintiva de seu cérebro tinha gritado negando-o e a parte humana de sua alma havia torcido de dor.

Como a encontrou, ajoelhada no chão, com aquele fodido leão a só uns passos dela e cauteloso como uma besta enjaulada, tinha sabido então que teria que fazer algo, algo para convencê-la de que a vida sem ele os destruiria a ambos.

Então usou o que tinha. O prazer que podia lhe dar. O calor que a consumia, e a pequena proximidade de dor que ele sabia que fazia a seus sentidos ascender como um foguete e a seu corpo convulsionar-se com a liberação.

O que isto o fazia era assombroso. Nunca tinha conhecido tanto prazer pelo simples feito de dar-lhe seu corpo que se contorcia, a capa de transpiração sobre sua pele, o som de seus roucos gritos ressonando ao redor deles. Fazia que cada toque, cada sussurro de pele sobre pele fosse mais excitante que o toque mais experiente que ele tivesse recebido jamais.

Conduzi-la mais alto era tudo o que importava. Prová-la, lhe agradecer, era sua única preocupação.

E maldito se ela não era gostosa. Seus lábios se moveram deslizando ao peito, amamentando-se brandamente, com força, pressionar com sua língua em seu mamilo ereto até seu ponto máximo enquanto ele levantava a vista para ela, olhando enquanto ela escorregava mais e mais profundamente na sexualidade pura do ato.

Ela se desfazia em seus braços, e ele o adorava.

Enquanto sua boca seguia torturando e atormentando seus pequenos mamilos apertados ele passou uma mão ao longo da parte interior de sua coxa, sentindo que esta se esticava ao chegar mais perto do abrasador calor de seu sexo.

Seus dedos se deslizaram pela fatia levianamente, um gemido saiu de sua garganta com o grito estrangulado que saiu dela. Ela era mel doce, o bastante quente para chamuscar seus sentidos, seu aroma acalorado-lhe fazia a boca água por só prová-la.

Como ele alcançou o broto alagado de seu clitóris, levantou sua mão, então acariciou o montículo inchado firmemente. Seus quadris corcovaram enquanto gritos suplicantes enchiam o dormitório.

-OH Deus, Kiowa, juro. Juro-o... -gritou ela-. Não fugirei outra vez. Juro-o. Por favor faz algo...

-Mas se fizer algo.

Ele ofegava para tomar fôlego, consumido pela fome por ela que não tinha nenhum desejo de negar.

Ele acariciou seu sexo sensível outra vez, sabendo que necessitaria muito pouco para ativar o disparar palpitante de seu clitóris. Ela estava tão pronta para culminar que até seu sexo tremia com a necessidade.

-Kiowa...-Sua voz se reduziu a um tremor, gritando sem fôlego-. Juro-o. Juro-o...

-Shhh, neném -sussurrou ele, sua boca se moveu de seus peitos a seu úmido abdômen e logo baixou-. Só desfruta disso, Amanda. Só me deixe te fazer sentir bem.

Sua língua rodeou seu palpitante clitóris, o gosto dela lhe subiu à cabeça como a droga mais potente. Ela era tão doce, tão quente e escorregadia por seus líquidos que era como afundar sua língua em açúcar derretido enquanto ele a empurrava nos limites aveludados de seu sexo.

Ele sabia o que ia fazer. Não é que o tivesse planejado, ou inclusive realmente considerado, até que ela fugiu dele. Nesse momento ele se deu conta de que ela estava na montanha e se colocou em um grande perigo, Kiowa sabia exatamente como imprimiria sua submissão em sua mente e seu coração.

Ela era sua companheira. Estava apaixonada por ele, podia vê-lo em seus olhos, senti-lo em seu toque. Compreenderia que seu coração assim como seu corpo estavam ligados a ele. Mas até que o fizesse, aprenderia que sua palavra era a lei no que se referia a seu amparo. Ela não era bastante forte para proteger-se. Não tinha nem idéia da depravação do mundo e daqueles que a separariam dele se pudessem. Ele não lhes daria a oportunidade, nem a ela.

Enquanto seus lábios se moviam para trás ao inchado clitóris, ele inundou dois dedos rapidamente nas profundidades chorosas de seu sexo. Ela explodiu rápido, arqueando-se e estremecendo-se enquanto seus gritos enchiam seus ouvidos.

Lhe deu uns segundos únicos para alcançar sua culminação e começar a deslizar-se brandamente para baixo antes de afastar-se. Antes de que ela tivesse a vontade ou a mente suficientes para lutar contra ele, soltou as ataduras e a colocou rapidamente sobre seu próprio estômago.

Ela ofegou como ele permitiu que sua mão caísse aos globos lisos, arredondados de seu culo outra vez. Maldição ela era formosa ali, sua carne ainda estava rosada pelos anteriores açoites, a pequena entrada a seu ânus tremia em resposta ao orgasmo que se estendia lentamente através de seu corpo.

Ele levantou seus quadris, apoiando seus joelhos na cama.

-Quieta -grunhiu ele quando ela tinha tentado girar para trás-. Sobre seus joelhos, justo assim.

Suas pernas se apertaram como ela gemeu, ante a excitação ainda espessa de sua voz.

-Não te porá em perigo outra vez, Amanda -grunhiu ele, suas mãos se moveram para colocar seus joelhos na cama tal como desejava, colocando seus quadris em ângulo para trás, seu traseiro atraente se separava revelando a entrada ultra apertada a seu culo.

-Sabe o que te vou fazer, Amanda? -perguntou-lhe ele brandamente, cantarolando, sua voz se fazia mais profunda com o pensamento do prazer.

-Só faz-o -lançou um grito ela, suas nádegas se flexionaram.

Ele riu entre dentes ante a exigência, movendo seus dedos ao longo de seu sexo saturado para estender a lubrificação adocicada atrás ao pequeno buraco.

Ele deslizou seu dedo dentro devagar, olhando enquanto deste estirava seu ânus, sentindo que seu fôlego se entrecortava em sua garganta como ela se relaxou facilmente para ele. Ele a dilatou devagar, um dedo e sentindo-a, então dois, logo três. Com o terceiro, ela ofegava, arqueando seu traseiro enquanto seus gritos estrangulados se repetiam ao redor dele.

Movendo seus dedos para trás, ele pressionou mais perto, colocando a cabeça grossa de seu membro na abertura sensível.

-Kiowa...-Sua voz soou entorpecida, sensual como ele apertou perto, sentindo o duro pulso de fluido que saía da ponta ante a sensação da entrada apertada.

Instinto, havia-lhe dito Dash. Uma resposta biológica, instintiva aos canais apertados da fêmea e à grossura estranha do lobo e do coiote. Seus membros eram excepcionalmente grossas, embora não anormais. Sem isto, ele nunca poderia ter tentado o que ele sabia que ia fazer agora. Infernos, ele nunca o tinha tentado assim antes, nunca tinha suposto que fora possível.

-Kiowa. -Amanda se apertou mais perto, sua voz era entrecortada, aturdida com a excitação que a percorria.

Deliberadamente, ele só a tinha beijado uma vez. Desejava ser ele quem aticasse os fogos de sua luxúria, não o hormônio que se derramava de sua língua. Ele desejava voltá-la louca, por seu toque, por sua necessidade disso, conduzindo-a.

Seu membro se brotou a jorros outra vez enquanto ele apertava mais profundo. Ela gritou enquanto o fluido era disparado nos músculos apertados, tensos.

-diga-me isso neném -gemeu ele, com seu controle pendendo de um fio-. Me diga se o quiser, Amanda.

-Sim. -O áspero gemido fez a seus dentes apertar-se enquanto ele pressionava mais profundamente.

-Maldição, é tão apertada -ofegou ele, sentindo o apertão, mais tenso que qualquer punho, que se estirava ao redor da cabeça de seu membro.

-Kiowa... -O gemido soou baixo quanto mais jorros de fluido relaxante entravam nela fazendo que sua cabeça caísse para trás em seu pescoço, e seu agarre em seus quadris se esticasse.

O mesmo feito que ela aceitasse, permitindo a penetração era a prova de sua confiança, da intimidade que crescia entre eles. Amanda era tão perigosa como um porco-espinho protegendo seu refúgio; ela nunca outorgaria tal familiaridade sem uma confiança completa.

-Não te porá em perigo outra vez. -Ele empurrou mais profundo, a cabeça de sua ereção entrou dentro dos músculos agora estirados enquanto ela tremia ao redor dele, causando inclusive outra dura grande onda de fluido hormonal dentro de seu apertado culo-. Nunca, Amanda.

-Juro-o -gritou ela em voz rouca-. OH Deus, Kiowa, não posso agüentá-lo.

Ele se retirou, saindo dela imediatamente, só para obter seu grito de negação e impulsionar atrás, alojando-o mais profundo em seu interior.

-O que quer, Amanda? -Exigiu ele ferozmente-. Diga o que quer.

-A ti... -Ela ofegava, estremecendo-se cada vez que seu membro palpitava em seu interior-. Te quero.

-Não é suficiente -interrompeu ele-. Diga o que quer, Amanda. Diga-me isso agora ou me pararei.

-Não! -Ela se apertou mais, movendo-se para trás contra ele, empurrando-o mais profundo em seu interior enquanto gritava pelas sensações.

-Me diga! -Sua mão aterrissou em sua nádega, demandante.

-Fode-me -grunhiu ela, sua voz mal modulada, extasiada-. Condenação, fode minha bunda, Kiowa. Fode-me.

Dois duros jorros abrasadores de líquido preseminal brotaram de seu membro um segundo mais tarde. Kiowa empurrou mais profundo, apertando seus dentes, mantendo-a apertada enquanto ela se contorcia debaixo dele até que cada torturada, e torcida polegada de seu membro esteve enterrada em seu interior.

Ela gritava agora, flexionando os músculos e ondulando-se ao redor dele, lutando para acomodar a carne que a enchia.

-Minha! -Ele não podia parar o grunhido que saiu de sua garganta quando inclinou sobre ela,

seus lábios procuraram a ferida sensível que ele tinha deixado em seu pescoço sentindo sua liberação reunir-se em seu sexo.

Ela estava muito apertada, muito quente ao redor dele, e apesar da espessa lubrificação que seu membro tinha derramado a fervuras em seu interior e seu autocontrole normalmente forte, ele sabia que não duraria mais que uns segundos. Ela estava mais perto. Podia cheirá-lo. Sentir seu sexo ondular através das paredes de seu ânus e, sabia como ele se atou na delicada entrada, que seu orgasmo bem poderia destruí-los a ambos.

-Sim! -Seu grito sem inibições o impressionou, renovou-o-. Deus sim, Kiowa. Tua. Tua. Agora fode-me, maldito seja.

Ela se apertou nele outra vez, na curvatura de seu ânus, ondulando-se até que ele não tivesse nenhuma opção. Ele se movia em seu interior, com compridos impulsos que lutava para manter suaves e impedir de lhe fazer dano, mas seus gritos o animaram, voltando-o louco.

Suas mãos estavam apertadas em seus quadris enquanto ela seguia cada golpe, o som de carne golpeando e do sexo molhado enchia o ar até que soube que não podia agüentá-lo mais tempo. Rezou para que Dash soubesse de que demônios falava, porque Kiowa não poderia haver-se afastado dela agora embora ambas as vidas dependessem disso.

Ele empurrou com força e profundamente, sentindo-o acontecer, a tensão a metade de caminho de seu membro, o inchaço repentino enquanto seu sexo se apertava, seu órgão se endurecia mais. Era delicioso, o maior prazer que tinha conhecido em sua vida.

Os primeiros duros ataques de sêmen chegaram enquanto ele sentia sua parede interior inchar-se, permitindo ao nó pressionar a seu sexo enquanto deste estirava a parede anal, palpitando com força e profundamente em seu interior, empurrando-a sobre um beira desconhecido para ela se seus gritos eram alguma indicação. Os sons estrangulados eram débeis e misturados com seu nome, seus votos, sua voz doce jurando que nunca fugiria outra vez.

Dele. Sempre dele.

Seus dentes morderam nela, embora ele tinha jurado negar-se aquele prazer. Esta vez, não havia nenhum sangue, só doçura, dando à carne feminina baixo sua língua lambidas e com sua suave voz animando-o.

Ele a encheu de seu sêmen, tremendo em cima dela, sentindo o pulso duro de sua liberação também, e sabendo naquele momento que se ela alguma vez o abandonasse, que se ele alguma vez a perdia, seria só meio homem. Sua alma se murcharia convertendo-se em pó e a vida seria pela primeira vez, um acontecimento indigno de ser vivido.

Capítulo Vinte e um

-Que é isto? -Amanda contemplou o objeto que pendurava em cima da cama sonolentemente. Este parecia com o tecido de uma aranha, girando dentro de um círculo de ramos. As pequenas gemas estavam amarradas no tecido, e ainda por cima, onde esta pendurava do teto, várias pequenas bolsas estavam atadas à corda.

-É um caçador de sonhos. -Kiowa, jogado a seu lado, se afundou perto dela, com um braço embaixo de sua cabeça, o outro abandonado sobre seu estômago enquanto ela descansava contra seu peito.

-Ouvi falar deles. -Ela franziu o cenho.

Kiowa grunhiu.

-Minha mãe era metade Índia Kiowa. Ela o teceu antes de me deixar com meu avô. Supõe-se que para provocar bons sonhos. Apanhar visões e as reter no lugar um tempo, permitindo aos pesadelos escapar e que os problemas que tenha não durem muito.

Ela inclinou sua cabeça com curiosidade.

-A maior parte das raças se parecem com Índios Americanos, por que passa isso?

Ele suspirou ante sua pergunta, trocando de lugar suas costas para olhar acima ao caçador de sonhos.

-O esperma geneticamente alterado tem muita codificação indígena. Os cientistas, em seus estudos, decidiram que isto criaria a lutadores mais ferozes, soldados mais selvagens quando era combinado com o DNA animal. -Ele se encolheu de ombros desdenhosamente.

Ela inclinou sua cabeça, contemplando o intrincado e frágil tecido fibroso e as pequenas contas que se destacavam sobre o tecido de uma aranha.

-Isto traz bons sonhos? -pergunto-lhe ela então, dando a volta para olhá-lo.

A expressão em seu rosto era uma mescla de pena e de aceitação. Ele não se ofendia pelo passado, mas estava determinado a não repeti-lo.

-É uma lembrança. -Ele finalmente deu a volta afastando-se, e ela sabia que era muito mais que isto para ele.

Ela seguiu olhando acima silenciosamente.

-Viu alguma vez a sua mãe depois de que seu avô te acolheu? - perguntou. Ela não podia imaginar sua vida sem sua família. Até molestos e frustrantes como podiam sê-lo, ainda eram sua família.

-Nunca. -Aquele tom impassível outra vez.

Ela o olhou quando ele se levantou da cama, vendo a máscara firmemente em seu lugar.

-Não está pronta para o café da manhã ainda?

Amanda suspirou na cama, consciente dos músculos adoloridos, da carne sensível. Ele a tinha tomado longamente na noite, montando-a com um desespero e uma habilidade que quase os tinha destruído a ambos em várias ocasiões.

-Kiowa -disse brandamente-. Esta é a razão pela que fugi de ti ontem à noite. Se não falar comigo, então esta coisa do acoplamento nunca vai ter uma possibilidade.

Ele grunhiu ante isto.

-A última vez que tive notícias tuas, você não lhe dava nenhuma possibilidade de todos os modos. -Ele se moveu ao aparador e tirou uma muda de roupa-. Vou tomar uma ducha. Prepararei o café da manhã enquanto você toma a tua.

Amanda baixou sua cabeça, mordendo seu lábio nervosamente.

-Seguirei fugindo, Kiowa.

Ele se parou. Ela levantou sua cabeça, olhando o jogo de músculos embaixo de sua pele escura.

-Se fugir outra vez, farei você lamentar o havê-lo feito. -O tom de sua voz era espantoso, seus olhos, como se deu a volta para olhá-la, estavam tão mortos, tão vazios de emoção, que ela se perguntou onde escondia a dor e a cólera que ela sabia deviam formar redemoinhos-se dentro dele-. Não cometa esse engano outra vez, Amanda. Pelo bem de ambos.

-A mulher que te deu a luz enviou este caçador de sonhos. -Seu avô assinalou ao tecido, que gotejava com contas e plumas que pendurava no canto da parede de sala de estar-. Ela me fez prometer que eu o manteria aqui contigo. Embora os animais não têm sonhos, verdade, moço? -Ele se

soltou furiosamente-. Necessita-se uma alma para sonhar.

Kiowa baixou sua cabeça, apartando a vista de suas mãos. Ele tinha sonhos, sonhos suaves de uma mãe que lhe cantava canções de ninar, de sua voz que sussurrava ao redor dele.

-Se um bom moço, Kiowa. Encontra sua alma...

Sua alma -O que era uma alma?-. O menino que tinha sido o tinha perguntado diariamente. Parecia-lhe que se tivesse uma alma, eles não deixariam a um menino sozinho. Eles não deixariam a um menino passar frio, tremendo em uma choça apartada, insensíveis aos medos que lhe impediam o sonho.

Tinham as mães uma alma?, perguntou-se ele. Como podiam tê-la e deixar a seu menino aos cuidados desse homem?

-Você foi criado, Kiowa -tinha grunhido seu avô-. Criado e forçado em uma mulher indefesa. O mal te criou e o mal que eles puseram te destruirá. Eu deveria ter te afogado como a um filhote não desejado como nasceu.

Kiowa estava em pé baixo a ducha e suspirou com fadiga. As lembranças eram brutais e desejou poder Desterrá-lo para sempre.

Amanda o fazia pensar em todas as coisas suaves e aprazíveis que ele tinha sonhado uma vez que seriam dele. Aos quatorze anos, deixando a montanha, jurou-se que um dia teria tudo o que seu avô se assegurou de que não tivesse. Pelo contrário Kiowa tinha aprendido que os sonhos, a magia que tinha visto na televisão, era toda uma ilusão. E durante anos, ele não tinha deixado de esquecê-lo.

Até a Amanda.

Amanda suave, suave.

Sua risada lhe tinha roubado seu coração antes de que ele a houvesse tocado alguma vez. A magia de seu sorriso e a suavidade de sua voz tinham acalmado uma parte dele que não sabia que ainda lhe doía. Ela o tinha feito sonhar e maldito se isto não doía.

Seus lábios se retorceram com brincadeira sardônica quando ele pegou o pano da pequena prateleira no qual o tinha colocado e o ensaboou rapidamente.

O acoplamento era uma reação biológica, hormonal. Não era emocional. Não lhe daria milagrosamente o amor da mulher se ela não podia aceitar. Como sua mãe não o fez.

-Eles lhe disseram a abominação que colocavam em seu corpo -virou seu avô para ele quando Kiowa se atreveu a sugerir que ele era um menino, não um animal-. Eles lhe mostraram as criaturas que eles tinham parido até agora, miados, pequenos animais asquerosos que pareciam bebês e soavam como animais. Você não é mais do que eles eram. Forçado nela. Ela te teve porque sua consciência não lhe permitiria fazer outra coisa. Mas você a pôs doente desde dia em que nasceu...

Kiowa se estremeceu com aquela lembrança antes de lavar o rosto com o tecido. Tinha passado, mas isto ainda tinha o poder de fazê-lo sangrar. Amanda o tinha visto como um animal, forçado sobre ela pelo frenesi do acoplamento, muito duro, muito áspero para os sonhos que ela tinha. Ela queria mais do que pensava que ele poderia lhe dar, e ao final do dia, Kiowa sempre estava orgulhoso dele mesmo por sua honestidade, embora só fosse isso. Havia muito pouco que ele pudesse lhe entregar.

Ele tinha bastante dinheiro do trabalho menos que legítimo que tinha realizado durante anos, ao menos ela não perderia as coisas materiais às que estava acostumada, porque ele poderia as proporcionar. Mas ela era ainda a filha do Presidente Vernon Marion. Criada para casar-se com um membro aceitável, da elite da sociedade e ou seja não destinada aos sedimentos da humanidade. Kiowa era o sedimento de humanidade. Infernos, alguns dias ele se perguntava se havia inclusive alguma humanidade dentro dele.

Largos minutos mais tarde, novamente limpo e vestido com jeans e camiseta negra, ele deixou o quarto de banho e contemplou a Amanda enquanto ela se sentava silenciosamente em meio da cama. Ela o olhou fixamente com frio silêncio, seus olhos cor de avelã estavam ressentidos.

-Prepararei o café da manhã. Tem meia hora -informou-lhe ele tranqüilamente, empurrando as necessidades escuras e sua própria cólera profundamente no lugar que ele tinha criado para eles faz tantos anos.

-Então você tem meia hora para pensar. -Ela se levantou da cama, olhando-o fixamente com altiva arrogância-. Pode falar disto, e chegar a uma solução razoável, ou pode começar a fazer planos para como me encarcerar melhor. Por que isto não vai continuar.

-Espero que você goste do presunto e os ovos -disse ele tranqüilamente-. Terei que baixar ao armazém mais tarde.

Seus lábios se apertaram furiosamente.

-Prepara o que infernos você goste. Comerá-o sozinho. E pensa nisto, Kiowa. O voto sobre a Lei de Raça é depois de amanhã. Quanto pensa que pode me obrigar a ficar aqui depois disso?

Ela passou por diante dele, sua cabeça se mantinha alta, seu cabelo se formava redemoinhos ao redor dela como uma curta capa terrestre enquanto ela caminhou para o banheiro.

-Em primeiro lugar nunca pensei que pudesse te manter comigo -murmurou ele, baixinho-. Mas isso não impede a um parvo de tentá-lo.

Capítulo Vinte e dois

Ele estava colocando os ovos e o presunto nos pratos quando ela saiu do dormitório. Seu longo cabelo estava ainda úmido, sua cara pálida enquanto lhe olhava.

-Chama à doutora Grace aqui -ela expressou sua exigência claramente, sua voz emanava autoridade-. Quero essa análise de sangue agora.

A excitação aumentava por seu corpo; ele podia cheirá-la, mais quente, mais brilhante do que o tinha sido antes e ela rompia a lhe dar ordens como um general em meio de uma zona de guerra. Infelizmente para ela, Kiowa não se havia afiliado às Forças Armadas simplesmente porque não gostava de receber ordens.

-Te coma o café da manhã -grunhiu ele pelo contrário-. Então veremos se não podemos fazer algo para melhorar seu humor.

O aroma de seu calor fazia sua boca encher de água por prová-la, por senti-la, consumi-la.

Sua cabeça se levantou devagar, seus olhos brilhavam com fúria, com luxúria, quando ela endireitou seus ombros e disse:

-Sobre meu cadáver. Rechaço transar outra vez até que eu tenha terminado aquelas provas.

Olhou-a com cenho franzido ante isto. Ele sabia quão dolorosa a excitação poderia fazer-se. Poderia realmente ela manter a teima intacta muito tempo?

Ele sorriu devagar, lembrando a primeira vez, como ela tinha suplicado tão docemente, tão acaloradamente.

-Não.

Estranhamente, um olhar de dor passou através de sua cara, como se ele a tivesse ferido com aquela única palavra.

-Não tenho fome -disse ela então e deu a volta para a porta, abrindo-a com força antes de sair ao pórtico, e Deus só sabe quanto mais longe.

Ele contemplou a porta aberta com surpresa. Ela estava em zelo, claramente tão excitada como alguma vez o tinha estado, e se afastava dele? Ele sacudiu sua cabeça depois mais devagar, curioso quanto ao que ela pensava que ia fazer, ou onde ia.

Dois lobos guardavam o pórtico. Amanda se deteve poucos passos, posando a vista nos animais que a olhavam com desafiantes expressões caninas. Quando ela olhou para trás a ele, Kiowa quase se estremeceu pela fúria que se refletia em seus olhos.

-Amanda... -Ele empurrou suas mãos nos bolsos de seu jeans e encurvou seus ombros defensivamente-. Não posso sequer pensar a dor que sofrerá. Inclusive só pelas análise de sangue.

-Esta não é sua opção -saltou ela, dando-a volta longe dele e ficando a vista dos lobos-. Diga que se movam.

Ele inspirou asperamente. A mulher ia arrancar-lhe o coração do peito e ela não o via. Não tinha nenhuma idéia do inferno que ela o obrigava a confrontar.

-Deste é meu turno de te proteger -disse ele brandamente-. Como posso fazê-lo se te deixasse fazer algo que te causará claramente tanto dor? -Ele sacudiu sua cabeça com confusão, lutando contra o impulso de fazer como ela desejasse e o uivo instintivo do animal que exigia que ela não conhecesse nenhuma dor.

-Pensa que esta excitação não dói? -disse ela então, e o aroma de sua necessidade fez que a luxúria se estendesse por seu corpo-. Grande e poderoso Coiote Kiowa, realmente não o crê, verdade? -grunhiu ela-. Se não trazer a esse cientista aqui, para fazer as provas, então poderá olhar como me dói de todos os modos, Kiowa. E dói e dói. Porque não me tocará até que eu o faça.

-por que é isto tão importante? -Ele lutou contra as chamadas de sua própria cólera, a emoção que lutava para ser livre-. Eles não podem te ajudar, Amanda. Nada pode romper seu laço comigo não importa quanto o deseje.

-Isto poderia produzir uma cura. Ao menos, algo que aliviará os sintomas -discutiu ela-. Se não para mim, então para alguém mais.

-Não há nenhuma cura. -Ele quis mostrar os dentes em um grunhido primitivo de raiva e só por pouco conseguiu contê-lo-. Por que esta tão se desesperada por me abandonar? Não é bastante para mim saber que não me quer?

Ela o olhou com incredulidade.

-Pensa que isto é por sua causa? Que eu não te quero? Que não te quereria se não fosse por este cio? -Seus lábios se apertaram, seus olhos brilharam com lágrimas não vertidas-. Kiowa, quero saber o que sinto, o que vejo em ti, que sou mais que só um impulso biológico atordoante. E se não puder o conseguir para mim então ao menos por meus meninos. Agora os diga a esses animais que se movam. -Sua voz endureceu.

O dedo que empurrou em seu peito o surpreendeu, acalmando a cólera durante tempo suficiente para permitir entrar um indício de diversão. Ela estava em pé ante ele como uma fêmea de coiote enfurecida, seus olhos brilhavam, seus dentes estavam expostos em sua cólera e esse dedo apoiado em seu peito.

-E eu? E o resto das mulheres que suportam isto? E se algo te acontecesse, idiota? -Sua voz se elevou então, e ele viu algo um pouco parecido a temor em seus olhos-. O que farei então, Kiowa? Quanto dor suportarei então?

-Não me acontecerá nada. -Ele não o permitiria. Não agora.

-Deus, é tão arrogante. -Ela se levou as mãos à cabeça, sustentando-a como se lhe doesse-.

Esquece-o. Só esquece a razão clara. Lê meus lábios ao contrário. Não transo até que eu possa fazer essas provas.

-Matarei ao bastardo que te faça mal -gritou ele, consumido por sua cólera agora-. Me ouve, Amanda? Não me preocupa se for macho ou fêmea, não serei capaz de controlar minha fúria.

Ele estava nariz contra nariz com ela, obrigando-se a conter suas mãos para impedir de sacudi-la para fazê-la entender.

-Pare! -espetou-lhe ela-. Agora manda-os ir daqui e depois vai você. Vá caçar, vá te embriagar. Infernos, não quero amaldiçoar. Mas se eles não sumirem daqui em quinze minutos, então esses lobos sarnentos podem morder meu traseiro, porque vou àquele laboratório e conseguirei as malditas coisas eu mesma.

Filha de puta. Maldição. Foda. Seu membro palpitava como uma dor de dente, seus instintos gritavam em silêncio que a fodesse, mas algo mais lhe advertia que ele não ia ganhar nesta luta. Era o que ele viu em seus olhos. Era uma das mesmas coisas que o tinham atraído a ela em primeiro lugar, essa faísca de determinação, de força.

Ela tinha fugido dele devido a sua necessidade de protegê-la, e agora estava em sua frente, grunhindo, querendo arriscar-se inclusive à sua raiva, que ela não tinha nem idéia em que isto implicaria, e fazer o que ela sentia ser o correto. Fazer algo que poderia lhe dar o livramento dele e que sabia era o que ela procurava.

Ele se moveu para trás devagar, acalmando a dor em seu interior enquanto olhava para baixo aos lobos.

-Vão. -A ordem os liberou do dever e os enviou correndo de novo com o Dash, em qualquer lugar que ele pudesse estar. Então deu a volta-. Os laboratórios estão na casa principal -disse ele brandamente-. Não posso ir contigo, Amanda. Apesar de que não pode me acreditar, mataria a um daqueles doutores a primeira vez que te ouvisse gritar.

Ele se deu a volta e andou com passo majestoso para a casa. Os ovos e o presunto ficaram na mesa quando ele entrou no dormitório, inalando seu aroma, a presença que ele temia perder em sua vida. E se obrigou a esperar.

Ele não o entendia. Amanda apartou de repente as lágrimas que caíam por sua cara enquanto se dirigia ao caminho de cascalho. Ele era tão obstinado, tão extremamente masculino que não podia encontrar as palavras para explicá-lo.

Ela estava apaixonada por ele. Parva estúpida, em uns dias lhe tinha entregue seu coração, sua alma estava ansiosa por ele. E isto não era só o cio, embora fosse bastante forte para tornar qualquer mulher decidida, louca. Não, era algo mais profundo, muito profundo para que Amanda ignorasse as consequências do que eles confrontavam.

Como lhe havia dito, se as notícias sobre o cio de acoplamento, a fome incontável, a necessidade que abrasava através inclusive da defesa mais forte, se difundiam, então as Raças nunca estariam seguras. Para proteger sua vida e ao homem de quem estava apaixonada, teriam que ser encontradas as respostas. Agora, quando o cio ardia em seu interior como uma marca viva, deixando-a sacudida, fraco da fome por seu toque.

Quando o tinha deixado na cabana, ela não estava segura. Infernos, ela não sabia inclusive se ia chegar à casa abaixo da colina, suas pernas estavam tão débeis. Todo em seu interior gritava para voltar, tocá-lo, tomá-lo dentro de si.

Ela não podia deixar de gritar tampouco. Sentia como se por afastar-se dele assim isto lhe

arrancasse sua alma. Deixando-o sozinho, vendo a dor dentro dele e não sabendo como aliviá-lo. Conseguir que ele falasse com ela era como se lhe arrancassem os dentes. Não é que a conversação fosse tão fácil quando a luxúria se espalhava em seu corpo como uma besta faminta.

Logo, ela se prometeu, logo que suportasse essas provas e o cio se aliviasse, eles falariam. Se este era o modo em que a natureza emparelhava às Raças com uma mulher em particular, então Amanda devia confiar em que a natureza a tinha emparelhado também com um homem que a amaria com a mesma força e desespero que ela começava a sentir por ele.

-Amanda.

Ela se parou como advertiu que um pequeno veículo utilitário tinha chegado a seu lado. Elevando a vista, encontrou o olhar fixo e atento do Merinus.

-Kiowa chamou à casa. Necessita um passeio?

-Ele chamou? -A confusão a encheu, mas ela sabia quão fácil era aturdir-se quando o desejo subia a tais alturas.

-Vêem, Amanda, entra. Te levarei atrás para o Kiowa se quiser. -Sua voz era sombria, tranqüila.

Amanda se forçou a entrar no pequeno veículo.

-Não. -Ela sacudiu a cabeça, obrigando-se a pensar, a terminar o que tinha começado-. As provas. Temos que fazer aquelas provas.

-Está segura? Amanda, não tem que fazê-lo.

Mas ela o faria. Esta era sua vida. Possivelmente a vida de seus meninos. Realmente devia fazer isto.

-Sim. Sim o farei -sussurrou ela, levantando seus olhos ao Merinus-. Por mim e pelo Kiowa, tenho que fazer isto.

Capítulo Vinte e três

-...como desejo para ti que sonhe o que acalmará sua alma, sonhos que sussurrarão sobre segredos inexprimíveis. Desejo para ti que sonhe com o que te cativará na vida, sonhos tão espetaculares e brilhantes que não possa resistir. Desejo para ti, meu menino, um sonho tão brilhante como a saída do sol, e quente como seus suaves raios. Mas sobre tudo, meu precioso, sonho para ti muitos dias pacíficos.

-Dorme agora contra mim, neste momento antes de nossa despedida. E quero que saiba que lhe envio contigo aos espíritos da águia, do lobo e do coio. Para te proteger de todo dano. Para te levantar em seus braços. Para que, meu precioso doce, nada te traga dor...-A voz dos últimos sonhos, uma moça, pequena e pálida, seus olhos escuros estavam cheios de dor.

-Eles lhe forçaram nela... -O ódio de um avô.

-Encontramos os arquivos, Kiowa...-As palavras do Dash, o dia depois de que Kiowa chegasse ao Complexo Felino com a Amanda-. Gina Maria Bear era a filha do Joseph Mulligan. Seqüestrada, mantida durante uma semana, artificialmente inseminada antes que fosse violada por seu guarda. Um da raça de Coio. As provas não mostraram nenhum embaraço na liberação, mas as notas posteriores mencionam a suspeita de que ela podia havê-lo estado depois de que eles mais tarde averiguassem a mais longa vida útil do espermatozoide de Coio. Também se suspeitava que o Coio que a violou poderia ter forçado uma segunda ovulação emparelhando com ela. Ele se matou um mês depois de sua

morte...

-Eles a abriram, empurraram-lhe em seu interior e logo eles lhe mostraram em seu interior e então não lhes importou o que lhe acontecia... -A voz de seu avô tinha sido cruel, cheia de ódio-. Ela sofreu até o dia em que morreu, você pequeno... bastardo desalmado.

-...sonha comigo, Kiowa... me lembre... -a voz suave, era a de sua mãe?, tinha-o açoitado durante anos, tinha vindo a seus sonhos quando sua vida era desolada. Como um menino tinha lutado para aceitar a vergonha e o horror que sua presença havia trazido para sua desconhecida mãe.

Kiowa olhou para cima ao caçador de sonhos. Tinha sido incapaz de eliminá-lo durante os anos. Quando partiu o tinha levado, tinha-o reparado com cuidado, tinha mantido o vigamento de madeira flexível, e substituído as plumas quando estas ficaram frágeis e velhas. Por quê?

A imagem de sua mãe no sonho, como ele uma vez pensou fosse ela, foi à deriva por sua mente outra vez. O guarda que a violou, que a empareou, tinha sabido o tinha feito? Tinha acreditado de algum jeito sua mãe que seu menino estava são e salvo escondido longe dela, nos braços do avô que pensou se sentiria querido por ele?

Ele suspirou cansadamente, arrastando-se da cama, as lembranças, e o aroma da mulher agora o atormentavam. Como devia saber que o amor poderia ser assim? Que isto pudesse rasgar e triturar a alma, rasgar um coração que se protegeu durante mais anos dos que desejava contar.

A maldição da natureza, os felinos o chamavam o cio. Isto era uma maldição? Ou era o modo da natureza de assegurar a vida, de unir àquelas duas almas que deviam estar juntas? Uma a metade da outra. E quem era ele para reconsiderar algo tão milagroso como uma companheira espiritual perfeita para si mesmo?

Ele perambulou fora da casa e logo ficou totalmente imóvel quando ficou frente à pequena Cassie Sinclair justo fora da porta.

Ela o olhou então, seus olhos azuis cinzas eram solenes e curiosos.

-Amanda está na casa grande, Cassie -lhe disse tranqüilo, olhando-a com um cenho franzido como ela seguiu olhando-o.

Finalmente, a menina elevou a vista para ele, aqueles olhos mágicos seus eram muito tranqüilos, muito tristes.

Cassie era a filha da Elizabeth e do Dash. Tinham caçado à menina durante anos quando um chefe do tráfico de droga averiguou que a menina era produto da inseminação artificial de sua mãe pelo esperma de híbrido de lobo/coyote. Inconsciente de que o doutor que tinha realizado o procedimento não tinha usado a esperma de seu marido, Elizabeth tinha sido incapaz de compreender por que um chefe do tráfico de droga perseguia a sua filha com tal dedicação. De algum jeito Cassie tinha conseguido as salvar a ambas, ela começou uma relação de amigo por correspondência com o Dash Sinclair enquanto ele lutava no estrangeiro, durante um de seus poucos períodos escolares. Dash tinha vindo correndo em sua ajuda no instante em que a carta da menina o tinha alcançado.

O acoplamento da Raça de Lobo e Elizabeth tinha produzido a um filho são após, e tinha criado uma onda de controvérsia que atualmente aparecia por toda parte nos periódicos.

-Eu não procurava a Amanda -suspirou finalmente ela-. Minha fada queria que eu viesse aqui e conhecesse sua fada.

Ele piscou para ela confundido.

-Que fada é essa? -Às vezes era melhor seguir a corrente com Cassie que discutir com ela. Ela era uma menina estranha, sempre falando com alguém que ninguém mais podia ver.

-A fada que te olha -disse ela com cuidado-. A vi antes, mas não me permitem lhes falar até que elas me falem.

Kiowa começava a lamentar que ela não tratasse às pessoas de verdade assim.

-Tenho uma fada? -Seus lábios se moveram nervosamente ante o pensamento.

-Ela está muito triste -sussurrou Cassie-. Diz que se esqueceu de seu edredom.

Ele ficou imóvel. A surpresa se estendeu por ele como olhou fixamente à menina.

-O que disse? -Ele manteve calma a voz, lutando contra a emoção que se levantava dentro dele.

-Esqueceu o edredom que ela te fez, Kiowa -disse ela brandamente-. Ela sussurrou seu amor em cada fio e colocou amparos poderosos em seu tecido fibroso. Ela desejava que soubesse do amor de sua mãe.

Ele se inclinou, com cuidado para não mover-se muito rápido ou dar a sensação à menina de ser ameaçada. Ela o olhava fixamente com olhos cheios de lágrimas, suas mãos estavam apertadas fortemente em seu lado.

-Você a vê? -perguntou ele então- Ela está aqui?

-Ela diz que está sempre contigo -sussurrou Cassie-. Quando se permite sonhar, atravessa o caçador de sonhos e trata de te trazer alegria e amor. Como fez seguramente quando te trouxe para a Amanda. Mas tem que voltar e conseguir o edredom, Kiowa. Ela o fez só para ti.

O edredom. Ele o tinha deixado na cabana, nunca o tinha usado quando estava ali, não importava quanto frio passasse.

-Aqui tem, pequeno bastardo. Ela comprou isto para ti para que não passasse frio. Tratei de lhe dizer que os animais não sentem o frio... -Lhe tinha arrojado o edredom ao Kiowa, o ódio de sua voz era quase maníaco.

Kiowa o tinha deixado quando partiu, então com cuidado o dobrou, ignorando o calor que pareceu lhe aquecer a mão, e o escondeu no armário metálico na cozinha. Ele o tinha deixado ali quando deixou a montanha. Não é que ele o tivesse esquecido alguma vez. Mas não tinha querido ter nada que ver com a mulher que o amaldiçoou com a vida que levava.

-Ela chora devido ao que ele fez -disse Cassie então-. Perdoa-a, Kiowa, ela não sabia.

Kiowa apertou seus dentes enquanto seu peito se apertava de dor.

-Ela sempre soube que você tinha uma alma...

Ele ficou em pé precipitadamente, andando com passo majestoso através do alpendre, longe da menina.

-Kiowa, não te parta -chamou-lhe Cassie então-. você deixou a Amanda só e ela te necessita. Mas pode lhe ajudar a ser forte? Ou só pode alimentar aos demônios que conheceu durante tanto tempo?

Ele parou, voltando-se para ela.

Ela estava de pé, perfilada pelos raios do sol e sombras que não tinham sentido. Um estremecimento lhe correu por suas costas como ele advertiu o que era Cassie. A menina, criada da esperma combinada tanto de lobo como de coioite, com os rasgos de cada um, era médium. Ela não tinha fadas; a menina via os fantasmas e eles lhe falavam.

-Diga a ela que a amei -disse ele em voz rouca então, pensando nos sonhos que tinham vindo a ele quando era um menino e o consolo que eles haviam lhe trazido.

Cassie sacudiu a cabeça devagar.

-E ela sempre quis a ti, Kiowa. Ela quer que saiba que vinha para você. Eles sabiam sobre você e sobre ela, e ela vinha para você quando foi arrancada desta vida. Ela gritou por você.

Ele fez uma careta, seus lábios se retiraram de seus dentes quando sua cabeça retrocedeu e ele lutou contra a pena que rasgou uma ferida profunda em seu coração.

-Deixa seus sonhos, Kiowa -sussurrou Cassie então-. Deixa sua comodidade outra vez.

Ele se deu a volta para longe dela. Infernos, ele devia afastar-se dela e devia fazê-lo agora. Antes de que ele visse fantasmas por si mesmo nas sombras que trocavam e se moviam ao redor da menina e em sua própria alma rasgada.

Capítulo Vinte e quatro

Ele tinha a intenção de escapar ao bosque, de encontrar o tempo que necessitava ainda para apaziguar aos demônios que retorciam dentro dele. E ele o faria, se o celular que levava não tivesse vibrado com insistência.

Grunhindo, tirou-o de seu cinturão e tirou para abri-lo.

-O quê?

-Vêem a casa, Kiowa. Agora. -A voz do Dash era baixa, imperativa.

Kiowa não se incomodou em responder, só deu a volta e correu a velocidade suicida pela montanha. A genética alterada e sua própria consciência atlética lhe deram a velocidade e a resistência que necessitava para chegar à casa principal, onde Dash esperava na porta.

-Me escute. -Empurrou ao Kiowa contra a parede de entrada antes de que ele pudesse correr pelo corredor à entrada do Laboratório-. Ela está cheia de dor, Kiowa. E é mau. Mas tem que terminar com isto. O que passa agora mesmo é muito importante para pará-lo.

Dash estava pálido, seus olhos azuis estavam sombrios de preocupação e triste conhecimento.

-Merda, o que lhe estão fazendo? -Lutou contra a presa do outro homem, e se teria liberado se tanto Callan como Kane não lhe tivessem empregado sua força para retê-lo.

-Matarei-lhes a todos -grunhiu então.

-E será bem-vindo a fazê-lo meu amigo. Mas mais tarde. -Dash andou para trás-. Mas agora mesmo deve ajudar a sua companheira a fazer o que necessita, e ela te necessita. Não podemos tocá-la, Merinus ou Elizabeth não podem tampouco. Tem que sustentá-la, Kiowa. Ela não pode fazê-lo sozinha.

-Está louco. -Ele podia ouvi-la agora. Os gritos...

-Demônios, me solte!

-Kiowa, me escute. Eles encontraram algo, em seu interior. -Dash o sacudiu furiosamente, seus próprios olhos ardiam-. Ela está em plena ovulação com o esperma que tenta fertilizá-la. Isto é importante, Kiowa. Por Deus, para todos nós, a liberação de um hormônio em seu útero, que até agora nunca foi descoberto, Kiowa, e em tais pequenas quantidades que Serena Grace necessita tempo para reunir suficientes mostra dos hormônios que percorrem seu útero enquanto Martins segue a ovulação. Me escute... -Dash gritava, enfurecido, seus olhos estavam furiosos, desesperado-se-. Por todos nós, Kiowa. Sua companheira sofre por todos nós, para nos ajudar.

-Kiowa... -Ele podia ouvi-la gritar seu nome, sua voz foi uma chicotada de agonia quando penetrou na construção elaborada dos Laboratórios.

-Kiowa. Por nossas espécies. Por todos nós. Se pudéssemos fazer algo, algo para fazer isto mais fácil a nossas companheiras, então o mundo o aceitaria quando o averiguassem. Andamos sobre uma corda bamba entre a vida e a temporada de caça. Nos ajude.

Ele grunhiu furiosamente, voltando sua cabeça contra a parede quando seu grito se repetiu a

sua redor outra vez.

-Deixe-o ir com ela.

Uma grande onda de fúria o fez apartar-se de seus parceiros quando ele se precipitou à porta de aço aberta ao final de vestibulo. Ele chegou à escada, descendo os degraus de cinco ou seis de cada vez até que ele saltou ao chão de aço e se precipitou no laboratório principal.

Parecia uma cena de pesadelo.

Amanda estava retida em uma cadeira ginecológica, tinha suas pernas atadas com correia aos estribos, seus braços e mãos retidas nos lados. Entre suas coxas estendidas, a doutora Grace trabalhava devagar enquanto o doutor Martins olhava um monitor atado a uma câmara que estava obviamente na entrada do útero de Amanda.

Ele grunhiu, chamando sua atenção, fazendo que Elizabeth e Merinus se precipitassem entre ele e a doutora Grace.

-Amanda. -Ele se moveu até ela, liberando rapidamente as correias de seus braços quando se dobrou para ela-. Te agarre a mim -suplicou ele em seu ouvido quando ela gritou seu nome-. Agarre a mim, neném. No minuto em que diga que parem os farei parar-se.

Ela ofegava, seu rosto estava manchado de lágrimas quando seus braços ficaram ao redor de seus ombros com um apertão desesperado.

Ela gritou outra vez, tentando dobrar as costas, as correias através de sua cintura e peito a sustentaram firmemente à cadeira.

-Ela não está em perigo. -Elizabeth estava agora ao lado dele-. Fiscalizamos todas seus batimentos vitais. No minuto em que seu sistema mostre qualquer perigo para ela nós pararemos.

Kiowa sacudiu a cabeça. Não queria ouvi-la.

-O esperma tenta fertilizar o óvulo liberado. Há uma pequena barreira hormonal ou escudo que o bloqueia. Que a protege da fertilização. Mas é débil. Outros hormônios se liberam em seu sangue, aumentando a excitação. Isto é o que causa a dor. Não é seu toque... -Elizabeth seguiu-. Esta é a exigência do frenesi de acoplamento de mais esperma, de uma força superior para abrir-se caminho no escudo. A doutora Grace tenta conseguir pequenas quantidades do hormônio, e de uma vez impedir de debilitar o escudo muito para dirigir a tensão contra isso. Isto debilita o esperma, Kiowa. Lhe impede de chegar ao óvulo. Só uma pequena quantidade de esperma é viável de todos os modos, devido à genética avançada. Por isso o cio exige a cópula. Uma maior quantidade de esperma para romper a barreira. Esta é uma brecha que não podemos ignorar. Foi um milagre que ela viesse aos laboratórios como o fez. A doutora Grace descobriu a mudança de seu sangue imediatamente, pelos estudos que ela tem feito em mim e em Merinus. Isto poderia ser o que estivemos esperando...

Sua voz zumbiu sobre os gritos afogados da Amanda e seus chiados estrangulados. Amanda suava profusamente, sua pele estava fria e pálida como ela se estremeceu em seu apertão então tratou de arquear-se pela agonia enquanto um gemido se repetia ao redor dele.

-Amo-te -sussurrou ele em seu ouvido então, incapaz de conter as palavras, de conter a agonia que o rasgava dentro de seu coração-. Me deixe parar isto, Amanda. me deixe te tirar daqui.

-Não. -Ela ofegou, suas unhas se cravaram em seus ombros quando tremores convulsivos sacudiram seu corpo-. Têm que acabar. Por nós dois, Kiowa.

-Quase acabamos, Amanda. -A voz da doutora Grace soou áspera pelas lágrimas e Kiowa lamentou dar-se conta-. Só um pouquinho mais.

-O esperma viável quase se esgotou -informou o doutor Martins-. Tão logo tenha terminado extrai a câmara. Se o resto se abrir caminho, então isto será a vontade de Deus.

A vontade de Deus. A maldição da natureza.

Kiowa apertou os dentes como Amanda gritou de agonia outra vez.

-Me beije, Kiowa -lançou um grito ela então-. Por favor, odeio isto. Lamento soar assim. Me faça parar.

-OH Deus. Neném... -Seus lábios cobriram os seus, sua língua se inundou em seu interior quando saiu ao encontro com um desespero que rompeu seu coração.

Seus lábios chuparam em sua língua e ele provou a liberação do hormônio, encheu sua boca dele e lhe deu o que necessitava. Ele amorteceu seus gritos, sustentou-a contra seu peito e fez todo que podia para consolá-la quando não desejava fazer outra coisa que matar aqueles que lhe estavam fazendo mal.

-Meu Deus... -A voz da doutora Grace era extasiada-. Meu Deus. Doutor Martins, olhe isto. Vê você a mudança? Isto é um novo hormônio. Meu Deus, vamos tirar.

Kiowa não amaldiçoou enquanto eles o faziam. Amanda o beijava como se suas vidas dependessem disso; embora ainda se estremecia e estremecia de dor, ao menos aqueles gritos atormentados tinham sido sufocados.

Ela dormia. Finalmente. Horas mais tarde, Kiowa levou a Amanda à cabana, para pô-la brandamente na cama que eles tinham compartilhado e tinha puxado as mantas ao redor dela. Ela tinha evitado finalmente a dor do único modo em que podia. Desmaiou.

Sentando-se a seu lado, afastou seu cabelo de seu rosto antes de apoiar-se abaixo para beijar seus lábios brandamente.

Ele não sabia que demônios tinha passado naquele laboratório, mas ambos os cientistas tinham começado a gritar ordens daqui para lá, balbuciando sobre amostras adicionais, sangue e novos hormônios. Ele não amaldiçoou. Ele só a queria tirar dali, longe da dor que tinham infligido deliberadamente a ela.

-Estou bem... -Sua voz era rouca enquanto seus olhos se abriam fracamente, suas pestanas revoavam contra suas bochechas.

-Sim. Está-o -sussurrou ele, sua mão deixou seu cabelo quando ele baixou o olhar para ela tristemente.

Que demônios ia fazer sem ela? Se eles criavam um bloqueio hormonal, ou até uma cura para o cio de união, como sobreviveria a sua perda?

-Tinha que fazê-lo, Kiowa -disse ela então, seus olhos refletiam sua própria confusão interior. Ele poderia ver a batalha empreender-se em seu interior, embora ele não tivesse nem ideia.

Ele inspirou profundamente.

-Dash conseguiu desenterrar os informe do Conselho sobre minha mãe -disse ele brandamente, apartando a vista dela, sabendo que não podia retê-la para sempre-. Ela não foi sustentada sozinha e artificialmente inseminada. Quando se descobriu que ela não conceberia, claramente um de seus guardas a violou... e emparelhou. -Ele tragou com força-. Nunca tive a intenção de te forçar a isto. Te beijei porque iria gritar. Continuei porque não podia parar. E o faria outra vez.

Um sorriso débil surgiu no canto de seus lábios.

-Nenhuma desculpa, né? -Perguntou ela então.

-Nenhuma. -Ele não acreditava nelas.

-Eu não o teria trocado pelo mundo, Kiowa -disse ela, seus olhos que se fechavam com voz sonolenta-. Agora realmente quero ir para casa... -O final do que havia dito soou mal, até que o sonho a alcançou.

Ela dormiu no momento em que rompeu sua alma.

Ele se inclinou abaixo, beijou seus lábios suaves e inspirou asperamente.

-Amo-te, Companheira -sussurrou ele então-. Sempre te amarei.

Então ficou em pé e andou para o aparador. A ovulação tinha terminado, haveria alívio para ela, ao menos durante um tempo. O suficiente tempo rezou, para que lhe perdoasse, mas o duvidava.

Havia poucas coisas para fazer as malas. Não possuía muito. Suas braças, suas facas, os instrumentos de sua profissão. Umas mudas de roupa, sua jaqueta. Ele embalou em uma hora e dirigindo-se a porta, outra vez olhou fixamente ao Dash Sinclair.

-Ela concebeu? -Perguntou Kiowa, sua voz era controlada. Calma.

-Não houve nenhuma concepção. -Dash cruzou os braços sobre seu peito e jogou uma olhada à bolsa de lona do Kiowa. -O hormônio adicional parece um bloqueio -informou-lhe ele-. Segundo as provas preliminares, isto poderia ser usado para aliviar os efeitos do frenesi de acoplamento. Embora poderiam acontecer anos antes de que estejamos seguros. A doutora Grace pensa que não recolheu o bastante para fazer realmente algum progresso.

Kiowa sacudiu a cabeça tristemente.

-Avisa-a que se ela me necessitar...alguma vez...virei.

-Por que não fica, Kiowa? -Perguntou-lhe Dash então-. Ela é sua companheira. Sabe que nunca estará satisfeito sem ela. E a ameaça contra ela pode não ter terminado. Os Supremacistas do Sangue de algum jeito conseguiram chantagear a um dos agentes do Serviço Secreto que a protegiam. Ele drogou aos outros, assim ninguém poderia ajudá-la.

-Não posso forçá-la. -Ele sacudiu a cabeça-. Este não era seu sonho, Dash. Esta não é a vida que ela queria. Não lhe arrebaterei isso. Mas me assegurarei de que esteja protegida. Sempre a protegerei.

Ele recolheu sua bolsa de lona e se dirigiu para baixo.

-Kiowa. Sua mãe não voltou a casar-se -disse ele então-. O relatório final chegou a noite passada. Seu avô te mentiu. Não houve nenhum matrimônio, nenhuma outra família. Segundo os investigadores encontraram, passou aqueles anos buscando a ti e a seu pai. Não acredito que te deixasse de bom grado. Os investigadores dizem que, durante um período de um ano e meio, tanto Joseph Mulligan como sua filha desapareceram. Quando ela surgiu de novo procurava a seu pai. Acredito que ele te seqüestrou depois de que averiguou o que aconteceu.

-Isso já não importa agora. -Kiowa se encolheu de ombros, com cuidado manter sua expressão em branco, de conter a dor-. terminou e eles estão todos mortos, Dash. Todos e cada um deles. Diga a Amanda que lhe disse adeus.

Ele se afastou. Cada passo era uma carga; cada pegada longe da cabana era outra faca em seu coração. Viria, se ela o necessitasse. Mas não a forçaria mais do que o tinha feito. Deixaria vivo seu sonho, e sonharia com o que poderia ter sido.

Capítulo Vinte e cinco

Montanha Avermelhadas

A cabana não era tão grande como a lembrava. Kiowa entrou na débil luz da estrutura de

tronco bem feita e contemplou a pequena sala de estar com a visão de um homem em vez de com o ódio de um menino.

A televisão ainda estava conectada na parede, a coleção de filmes empilhados ao redor desta. Havia dúzias de filmes. Seu avô, Joseph Mulligan, não tinha regras na educação que ele tinha pensado dar ao Kiowa. Os livros enchiam as paredes, uma capa de pó os cobria, o pó abundante e fino cobria a habitação inteira.

Ao lado estava o banheiro. Um cubículo diminuto com banheira, vaso e lavatório. Era escuro, pesado pelo silêncio opressivo. Ao lado deste estava o dormitório que Kiowa nunca tinha usado. Ele podia ver a cama de onde estava parado, as linhas estreitas não mudaram, ainda perfeitamente feita com o lençol fino que a tinha coberto durante os anos que ele tinha vivido ali. Sozinho.

Ele caminhou pelo local, sem lhe importar os rastros que fazia no chão poeirento e entrou na cozinha.

Uma cadeira estava sob a pequena mesa em um canto. O fogão e o refrigerador separados pela pia na outra parede. O armário estava no mesmo lugar no qual tinha estado sempre, mais velho, mais pequeno do que o lembrava.

Foi para ele, abriu a porta ruidosa devagar e olhou fixamente dentro.

O edredom estava ali, tão perfeitamente dobrado como o tinha estado como quando o colocou na prateleira. Uma lata de feijões estava na prateleira do fundo. Umas revistas no outro. Estava tão vazio como o tinha estado sua infância. Tão vazio como estava agora sua existência. Afastar-se da Amanda tinha sido a coisa mais difícil que tinha feito em sua vida.

Estendendo a mão tocou o edredom, sentindo o calor que lembrava haver sentido, igual como quando era menino e seu avô o tinha jogado. Tanta raiva. Seu avô o tinha odiado com uma força que ainda tinha o poder de causar pena profundamente em seu interior.

Tinha estado buscando-o sua mãe quando tinha morrido? Ele assumiu que era possível. Vagamente, lembrava um tempo antes de que seu avô houvesse lhe trazido para a cabana. Joseph o tinha movido muito, sempre viajando, sempre fugindo e saindo da cidade em plena noite.

A investigação do Kiowa durante os anos em que tinha procurado qualquer outra família tinha revelado feitos surpreendentes sobre o homem. Um fanático religioso. Ele tinha sido um homem que Kiowa freqüentemente pensava se daria bem com os Supremacistas do Sangue.

Sacudiu sua cabeça cansadamente. Era muito tarde para respostas, o mistério de por que sua mãe o tinha deixado aos cuidados do Mulligan provavelmente sempre o atormentaria. Tinha pensado durante tantos anos que ela tinha encontrado a felicidade, que os tinha enterrado a ele e a sua existência em um lugar profundo de sua mente e que ela nunca se incomodou em pensar no menino que tinha sido forçado em seu interior.

Alcançou o edredom da prateleira, colocando-o sob seu braço enquanto dava a volta para deixar a habitação. Quando girava, parou de forma abrupta ao ficar cara a cara com Amanda.

Tinham passado quase duas semanas desde que a tinha visto a última vez. As noites estavam cheias de um frio vazio pelo que se sentia engolido. Uma solidão que nunca tinha conhecido, nem sequer quando era menino e o tinha devorado.

Ela estava vestida como freqüentemente a tinha visto antes de ser obrigado a resgatá-la e a emparear. Os jeans moldavam suas pernas magras e um pesado suéter de cor nata cobria seus peitos plenos, o material solto caía por seus quadris. Seu formoso cabelo longo fluía ao redor dela, mais grosso, mais sedoso do que ele lembrava.

-O poderoso Kiowa -disse ela lentamente, inclinando-se contra o marco da porta-. É um homem difícil de alcançar.

Ela estava furiosa. Ele podia cheirá-lo no ar rangente que enchia a cabana.

-Como chegou até aqui? -perguntou-lhe em vez de responder a seu comentário.

-Dash me trouxe voando quando escutou que tinha sido visto em Denver -respondeu ela tranqüilamente, embora suas mãos estivessem apertadas como ela as cruzou sobre seus peitos-. Ele esteve te buscando desde que despertei.

-Isso não me diz por que está aqui. -Ele poderia passar por diante dela e seguir com a existência triste que assumia o esperava fora daquela porta da cabana, mas já se afastara dela uma vez, não era o bastante forte para fazê-lo de novo uma segunda vez.

Inclusive furiosa, seu aroma se estendia ao redor de seus sentidos, fazendo-o sentir fome por ela com uma intensidade que ainda não deixava de assombrá-lo.

-Papai queria te conhecer -disse finalmente ela-. depois da celebração pela aprovação da Lei de Raça queria lhe agradecer por me haver resgatado. Estava decepcionado.

Kiowa resfolegou por isso.

-Então ele não sabe a verdade.

-Não. Não de tudo -esteve de acordo ela, inalando profundamente-. Por que partiu assim? Sem dizer adeus?

-Eu não teria sido capaz de partir se te houvesse dito adeus, Amanda -disse finalmente ele com crueldade-. Fiz o melhor que pude. E você não deveria me haver seguido assim. Era bastante difícil te devolver sua vida. Deveria havê-la tomado e saído.

-Foi isso o que fez? -Ela arqueou então sua sobrancelha em tom zombador- Me devolveu minha vida? Não sabia que alguém me tinha roubado isso.

Seus dentes se apertaram pelo sarcasmo deliberado de sua voz.

-Esta não era a vida que queria, Amanda -espetou ele então-. Queria ir para casa, voltar para seus próprios sonhos.

-E você não podia ter sido uma parte disso? -Sim, ela estava furiosa. O aroma disto enchia o ar como uma rajada de calor- Ir de inferno em inferno era mais importante que estar comigo? Mais que planejar uma vida com a que ambos poderíamos estar satisfeitos?

Ele a contemplou com surpresa antes de sacudir sua cabeça confundido.

-Você é a filha do presidente, Amanda. Como crê que seu mundo me aceitaria? Um da raça de coiole, sem um sobrenome e nenhuma educação. Quanto tempo passaria antes de que começasse a ver o que te fiz e odiasse a vida dentro da que estava apanhada?

-OH, pobre Kiowa! -Grunhiu ela sua fúria-. Não está sozinho tão cheio de auto sacrifício? Ou é que está cheio de tolices?

A surpresa se estendeu por ele, como o fez a diversão.

-Fui acusado de ambas as coisas. -Ele se encolheu de ombros como se fosse indiferente, embora uma esperança crescente se estendia dentro dele.

-Posso entender porquê. -Ela estava ruborizada, seus olhos brilhavam de cólera, seu corpo tremia com ela.

-Por que está aqui, Amanda? -Categoricamente, não tinha nenhum sentido mover-se ao redor da questão mais tempo- Afastei-me e te dava o que me pediu. Depois do inferno que passou para me evitar, que mais espera?

-Para te evitar? Então você crê que passei aquelas provas de pesadelo para te evitar, Kiowa? - Perguntou ela incredulamente, endireitando-se no gonzo da porta e o olhou fixamente com furioso assombro- O fiz por nós. Por qualquer menino que concebamos. Pensa que quero que nossos filhos passem pelo que tivemos que passar? Sendo lançados no pântano de emoções e necessidades que a

metade do tempo não têm sentido e o resto do tempo não é nada menos que enloquecedor? O que fiz, fiz-o por nós. Não para te evitar.

Ele só podia olhá-la fixamente, empurrando atrás a espera, acalmando as emoções transbordantes que ameaçavam consumindo.

-Você queria ir a casa -lembrou-lhe.

-Contigo -gritou ela-. Queria que visse também minha vida. Queria que visse a alegria da risada de um menino, me sentar contigo pelas tardes e só estar em paz. te mostrar minha casa pela qual trabalhei tão duramente e te preparar comida daqueles estúpidos livros de cozinha que comprei. Queria que visse o outro lado antes de que decidíssemos nosso seguinte movimento. Não pedi que me abandonasse.

-Então pelo contrário assumiu que eu podia ler sua mente? -Grunhiu ele com frustração-. Demônios Amanda, eu não podia saber o que queria mais do que poderia ter sabido onde cagaria depois um pássaro.

Ela piscou ante sua crua frase.

-Era desnecessário. -Seus olhos se estreitaram a modo de advertência-. Você espera que eu leia sua mente. Estar a par de um minuto ao outro com essa máscara em branco que desliza facilmente. Se posso fazê-lo então você pode aprender a ler minha mente em particular. Não é difícil, sabe? -mofou-se ela com desprezo feminino.

Ele desejou rir em voz alta. Desejou deixar livre o sorriso que enchia sua alma, mas a conteve, olhando-a enquanto ela o contemplava com feroz fúria.

Ela era sua mulher. Não tinha fugido disso, não o tinha odiado quando o cio aliviou.

-Ainda não o entende, Kiowa? -perguntou-lhe ela brandamente, dolorosamente-. Te amo. O desejo não era só físico. Com cada toque, cada confrontação, tomava outro pedaço de meu coração. Deixei de tratar de entendê-lo ou de explicá-lo. Estava só ali. Então você partiu como se isto não importasse. -Havia cólera então, incrementada por sua dor, uma dor que ele não podia suportar ver.

-Eu não podia te forçar a isto -sussurrou ele, movendo-se para ela, deixando cair o edredom sobre a mesa quando se aproximou dela-. Eu não poderia ficar e não te ter, Amanda. Não te tomar com cada fôlego que tenho. Não o entende? Tive que te deixar e ir.

Ele ficou só a polegadas dela, sentindo o calor de sua proximidade, cheirando não só sua cólera e sua excitação, havia algo mais. Algo doce e claro que pareceu encher o ar ao redor dela. Amor.

-O que fará agora? -Perguntou-lhe ela solenemente, olhando para cima, com a indecisão sombreando seus olhos-. Não quero te perder, Kiowa. Não posso te perder.

-Nunca poderia. -Ele tocou sua face brandamente, as pontas de seus dedos saboreavam o toque de sua pele de seda e o calor que vibrava em sua carne-. Amo-te, Amanda. Com tudo o que sou. Com cada parte de mim. Com toda minha alma, profundamente neném, amo-te.

Isto era mais que um desejo de acoplamento, mais que uma reação biológica ou química. Era, o que Kiowa tinha pensado antes de abandoná-la, uma união de almas. Não devia ter sentido. Não devia ser bonito ou suave ou amável, e ele duvidava que tais uniões existissem. Mas existiam.

-Vamos sair daqui. -Ele recolheu o edredom, uma parte de seu passado que lamentava deixar embora não lamentasse nada mais.

-O caçador de sonhos está em minha casa agora -lhe disse ela ferozmente-. Se o quer recuperar, suponho que terá que suportar a vida comigo durante um tempo. Tenho que terminar o curso escolar. Então poderemos decidir que fazer.

Ele encolheu seus ombros poderosos.

-Posso trabalhar em qualquer lugar.

-Adivinho que os seguranças têm muitas exigências? -Jogou um olhar risonho enquanto a conduzia à porta.

-Bom. -Ele pigarreou incomodamente-. Têm os programadores de computadores independentes e os analistas de sistemas de segurança. Estive fazendo isso durante anos. É só que ainda Dash não teve acesso à informação.

Gostava de saber algo que o outro homem não. Isto lhe dava uma verdadeira sensação de realização.

-Sabia que era um menino mau -riu ela dele enquanto depositava um beijo em sua frente e a conduzia da cabana ao ar da entardecer.

O jipe esperava só debaixo do terreno da cabana. Igual a fazia o pequeno e silencioso helicóptero negro do Dash no qual tinha pirado. O outro homem estava sozinho ao lado da porta da cabina aberta, um sorriso cintilava através de sua cara quando ele levantou sua mão em adeus. Ao menos no momento. Kiowa não se iludia de que o outro homem não tratasse de conspirar com ele, pedindo ajuda outra vez sempre que a necessidade se apresentasse. Dash Sinclair estava determinado a encontrar um lugar na sociedade para as Raças, e para sua própria pequena família.

O helicóptero se levantou no ar em um silencioso redemoinho de vento quando Kiowa ajudou a Amanda a subir no jipe. Fechando sua porta ele se moveu rapidamente para a sua, saltando e ligando a ignição antes de girar para olhá-la.

-Acredito que terei que te dar palmadas no traseiro -arrastou as palavras ele então-. Estou seguro de que fez algo mau depois de que parti.

Sua cara avermelhou, seus olhos brilharam então com luxúria, amor e um prazer que ele sentiu claramente até a ponta de seus pés.

-Ah, estou segura de que fui muito má -estive de acordo ela com um perverso sorrisinho-. Deveria inclusive me atar e me torturar um pouquinho. Me ensinar uma lição, por assim dizê-lo.

Seu membro, já dolorosamente congestionado, sacudiu-se em seu jeans.

Ele sorriu, mostrando as presas mais largas, curvos no lado de sua boca.

-Vou te morder outra vez -lhe prometeu então. Ansiava senti-la sob seu corpo, estremecendo-se enquanto a mantinha no lugar com sua boca em seu pescoço e seu membro inchado em seu interior.

Ela jogou uma olhada então por debaixo de suas pestanas e lambeu os lábios devagar.

-Se te deixar.

A antecipação se enroscou então em seus flancos, quente e pesada. Se deixar.

Girou o jipe e deu a volta rapidamente, dirigindo-se para baixo pela autopista para a cidade e o maldito motel mais próximo no qual pudesse comprová-lo. Então veria quanto lhe deixaria então fazer ela. Ou mais precisamente, quanto poderia convencê-la que lhe deixasse fazer.

Capítulo Vinte e seis

O quarto do hotel estava escuro, a luz do dia que desaparecia logo que penetrava pelas grossas cortinas quando Amanda precedeu ao Kiowa na habitação. A cama parecia enorme. Ela não podia olhar a nenhuma parte enquanto um caso repentino de nervos começava a revoar no fundo de seu

estômago.

E se se tinha equivocado? E se só fora o desejo de acasalar o que os tinha reunido, fazendo que o sexo fosse tão desesperado e cheio de prazer?

Ficou em pé silenciosamente no centro do quanto, lutando para acalmar o medo repentino que se elevava em seu interior. Quando ela despertou e compreendeu que ele partira, a raiva e a pena se incharam em seu interior em uma onda que quase a tinha destruído. Talvez era amor?

-Tire a roupa.

Tremeu por sua dura voz, tão escura e perversa, tão rouca que parecia vibrar das mesmas profundidades de seu peito. Era áspera e gutural, e ela não pôde deter o pequeno estremecimento de prazer que correu sobre seu corpo.

Ela lambeu seus lábios e lhe jogou uma olhada como ele se moveu a seu redor, andando devagar até a cama e sentando-se.

-Estou certo que foi uma garota muito má enquanto estava longe -disse ele reprobatório-. Sabe que terei que te castigar.

OH Deus. Isto era sua fantasia mais quente ganhando vida. A penumbra da habitação o fez parecer mais escuro, mais forte de algum jeito, como se fora possível.

-E se prometo me levar bem a partir de agora? -Ela jogou em sua própria fantasia sexual, seu sexo chorava ante a emoção que se disparou por seu corpo.

Ele riu entre dentes por isso.

-Estou seguro de que o fará. Depois esta noite. Agora te tire a roupa. Não quererá que tenha que cortá-la.

Logo que conteve seu gemido. Sim, ela o faria.

- Comece com os sapatos. Tire tudo muito devagar.

Quase não podia respirar; seus joelhos tremiam, suas mãos estremeciam de excitação.

Lançou seus sapatos. Aquela parte era fácil. Suas mãos tocaram os botões de sua blusa, e ali começou sua batalha. Podia sentir seus peitos inchados, os mamilos quentes apertados, arrepiados ao máximo, roçando contra a taça de seu sutiã e ela desejou lançar um grito só por esse pequeno prazer.

Ela lutou com os botões diminutos, deslizando seus dedos, não cooperando quando ele seguiu olhando-a com seus olhos negros quentes. Seu olhar fixo vacilou, seu fôlego se entupiu como ele ficou em pé.

-Trata de me atormentar? -perguntou ele, enquanto uma malvada, muito malvada sensualidade ressonava em sua voz.

-Não -Ela sacudiu a cabeça ferozmente quando ele a rodeou-. Não o faço.

Sua mão cavou a curva de seu peito.

-Penso que sim. Penso que sabe quão duro está meu membro, quão impaciente está minha língua por te provar, e me atormenta.

Sua respiração se entupia em sua garganta. Sim, era isso.

-Não. Prometo-o. Trato de me levar bem -sussurrou ela ofegante.

Isto só era muito emocionante. Era tudo sobre o que ela tinha fantasiado sempre e mais.

Um segundo mais tarde um gemido saiu de sua garganta quando sua mão bateu firmemente na curva de sua bunda. O pequeno fogo mordaz se disparou diretamente a seu sexo e o fez transbordar-se com nata quente, rica.

-Terá que pagar por isso -sussurrou ele em seu ouvido então-. Ponha suas mãos detrás de suas costas, Amanda.

OH Deus. OH Deus.

Ela tinha visto a comprimento de corda que ele tinha recolhido do Jipe e tinha metido no bolso de seu jeans antes de que eles entrassem no hotel. Ela se moveu devagar, tremendo ante a antecipação quando cruzou suas pulsos em suas costas.

-Vou desfrutar disto, Amanda -respirou ele em seu ouvido-. E você?

Neste passo ela ia gozar antes inclusive de que ele a tocasse.

Amanda ofegava enquanto ele atou seus pulsos firmemente detrás de suas costas, a corda a mantinha cativa quando ela forçou o nó.

-Agora, como vamos te tirar esta roupa? -murmurou enquanto jogava seu cabelo para trás de seu pescoço, seu fôlego sussurrava através da ferida que lhe tinha feito ali a primeira vez que a tinha tomado.

Ela estremeceu outra vez, seu fôlego preso em sua garganta enquanto sua língua lambia sobre a ferida, suas mãos acariciavam seu estômago até que ele foi cavando as mãos nos montículos elevados de seus peitos.

-Alguma sugestão? -perguntou-lhe ele, seu polegar e índice agarraram seus mamilos e os beliscaram firmemente.

Ela sacudiu sua cabeça ferozmente. Esperava que ele não quisesse realmente que falasse. Logo que podia respirar, por não mencionar dar forma às palavras neste momento.

-OH Deus! -Bem, ela podia falar.

O som do tecido rasgado espalhou pela habitação quando ele deu um puxão à blusa fazendo saltar os delicados botões que a fechavam. Esta pendurou nela então, logo que submetendo-se à ascensão e queda rápida de seus peitos inchados quando suas mãos a arrastaram sobre seus ombros, seus dentes raspam na marca em seu pescoço.

la gozar. Justo neste mesmo momento, em pé no meio do quarto ia culminar, pelo desejo que se estendia através de seu corpo. Então ele se afastou. Ela contemplou suas costas enquanto desaparecia no banheiro, escutou o som de água corrente, e segundos mais tarde viu quando ele passeou de volta.

Ele a olhava com olhos escuros, cheios de luxúria, mas não havia nenhum sinal, nenhuma razão de por que tinha desaparecido assim. Então isto não lhe importou, porque ele estava em pé diante dela, com suas mãos cavadas sobre seus peitos, levantando-os nas taças de seu sutiã e respirando brandamente através de seus mamilos antes de seus dentes beliscassem neles.

-Vou te fazer gritar para mim -sussurrou ele, esfregando suas bochechas entre os montículos.

Isso pareceu a ela felizmente bem.

-Mas primeiro tenho que te tirar desta roupa, verdade?

O som da raspagem do aço pelo couro fez que seus olhos se arregalassem quando ele tirou a faca de caça da capa a seu lado. O punho reluziu umidamente na luz baixa, a ponta dobrada atraiu seu olhar fixo enquanto um gemido débil saía de seus lábios.

A lamina deslizou sob o meio de seu sutiã, cortando o tecido com um assobio suave. As alças foram tratadas da mesma forma, cada fio cortado revelava mais até que os restos desapareceram de seu corpo e Amanda estava segura de que ia sofrer um colapso em um atoleiro de desejo débil a seus pés.

-Muito formosos -sussurrou ele, levantando sua outra mão e sopesando um montículo inchado dentro de sua palma-. Estes pequenos mamilos endurecidos, doces. Quer que eu prove seus mamilos Amanda?

-Deus, sim. -Ela ofegava, lutando por tomar fôlego, como forçou as palavras a sair de seus lábios.

O calor se movia por seu corpo, chamuscando suas terminações nervosas e prendendo fogo a cada célula que ela possuía.

Ele se dobrou mais perto, sua língua lambeu sobre um bico inchado quando ela estremeceu desamparadamente.

-Por favor... Por favor... Por favor... -suplicava, começando a gritar, algo que ele exigisse para conseguir o que ela necessitava.

-Garota má -sussurrou ele contra seu mamilo um segundo antes de que sua língua enrolasse ao redor dele outra vez, fazendo-o entrar em sua boca onde seus dentes o apertaram firmemente.

Seu sexo se convulsionou, derramando seus sucos entre suas pernas para empapar as calcinhas de seda que levava postas sob seu jeans. Ela apertou suas coxas, ofegando pelo prazer que se estendia por seu corpo.

Ele riu entre dentes então, retirando-se e caminhando detrás dela. Em uns minutos tinha cortado cada fragmento de roupa de seu corpo. Ajoelhando-se detrás dela, separou os pedaços destroçados de tecido, logo beijou a bochecha de seu traseiro antes de raspar seus dentes sobre ela firmemente.

-Kiowa -gemeu ela desigualmente, seus joelhos tremiam enquanto lutava por ficar em pé.

Ele dirigia o punho daquela faca de cima abaixo por sua coxa, raspava o couro frio através de sua carne enquanto sua língua batia as asas sobre o estreito vale entre as bochechas de sua bunda.

-As garotas más são castigadas -sussurrou ele enquanto sua língua se esticava e apertava entre as bochechas que atormentava, deixando um caminho de fogo em sua esteira como o punho da faca se deslizou mais alto em sua coxa-. Este é o momento de começar seu castigo, Amanda.

OH Deus, sim. Finalmente. Finalmente.

O couro suave deslizou adiante ao longo de sua coxa quando seu braço se enroscou ao redor de seus quadris. Mantendo-a no lugar.

-Separa suas coxas. -Ele respirava agora com força, o sussurro acalorado de seu fôlego acariciava suas nádegas.

Ela se moveu, separando suas pernas mais, gemendo quando o punho deslizou pela nata quente espessa só um pouco mais alto. Este roçou contra os inchados lábios de seu sexo, enviando o prazer a disparar-se em seu clitóris.

Então separou as suaves dobras, vindo perto e mais perto...

-Demônios! -Ela blasfemou desigualmente quando foi repentinamente tirado.

-Disse que podia falar? -Áspera, gutural, sua voz soou rota como sua mão aterrissou em seu extremo. A pequena palmada zumbiu, fazendo-a apertar-se para trás contra ele, suas mãos se enroscaram detrás dela desesperadamente quando mais de seus sucos fluíram de seu sexo.

Então ele pressionou o punho contra ela outra vez, deslizando-o pela estreita abertura até que roçou contra a entrada da sua vagina.

-Roga por isso -lhe pediu severamente-. Peça, Amanda.

-Me fode! -ofegou ela, sabendo que só o braço que envolvia os seus quadris a mantinha em pé- Por favor, Kiowa, por favor, me fode.

Isto a penetrou. O couro suave separou sua carne, deslizou-se em seus escorregadios sucos e começou a estirá-la eroticamente. Isto era a coisa mais decadente da que tinha ouvido falar jamais. Ela não tinha lido nada assim.

O punho da faca a separou, deslizando-se devagar, profundamente em seu interior como um gemido de prazer romper o silêncio da habitação. Então o deslizou livre, não importava quanto suplicou, quanto pediu mais, foi extraído enquanto ele estava em pé devagar detrás dela.

-Não te permito te correr ainda -sussurrou ele em seu ouvido antes de mover-se diante dela-. As garotas más têm que esperar para correr-se, Amanda.

-Vou ser boa -gritou ela desesperadamente-. Prometo-o, Kiowa. Serei muito boa.

-Fará-o? -Ele se tirou sua camisa rapidamente, arremessando seu mocassins para tirá-los - Vamos ver quão boa pode ser.

Suas calças foram tiradas devagar, o grosso e congestionado comprimento de seu membro se revelou quando ele largou o tecido.

-De joelhos, Amanda. Me mostre a boa garota que pode ser.

Ela ficou de joelhos, olhando para cima à ampla cabeça de seu membro quando este veio para ela. Sua boca salivava enquanto a fome perfurava o coração de seu sexo, mostrando que sua excitação, que sua necessidade por este homem não era só produto do frenesi do cio, a não ser um produto do amor que ela tinha mantido dentro de sua alma, que esperava ao homem que pudesse realizar não só seu amor, mas também seus maiores desejos.

Abriu seus lábios sobre a ampla ponta, gemendo pela necessidade desesperada quando sentiu o primeiro pulso de líquido pré-seminal. Elizabeth lhe tinha explicado finalmente sobre o hormônio lubrificante que palpitava de seu membro. O fluido que aliviava músculos apertados, lhes dando flexibilidade, bloqueando a dor e permitindo o incrível prazer do inchaço final do membro masculino.

Só era possível com os companheiros. Por isso Kiowa tinha estado tão surpreso quando aconteceu na primeira noite, no jipe. Ele não sabia que podia acontecer, não tinha nem idéia de que a natureza lhe tinha proporcionado tais instrumentos para agradar a uma mulher.

E agradá-la. Ele tinha sabor de mel e a especiarias, um afrodisíaco todo dele que enchia seus sentidos.

Ela tomou a cabeça de sua ereção em sua boca, sua língua roçou contra a parte oculta sensível enquanto seus dedos se deslizaram em seu cabelo. Ela olhou seu tenso abdômen flexionar-se, apertar-se quando um grunhido vibrou em sua garganta.

Amanda gemeu pelo som, seus lábios se apertaram ao redor do ereto membro quando ele começou a empurrar lento e fácil entre seus lábios. Ela lambeu e amamentou avidamente na grossa carne, sentindo o batimento de suas veias sulcadas com o fluxo de sangue quando passou sobre elas sua língua e lábios sensíveis.

-Fode. Isto está bem. -Sua voz era um gemido atormentado-. Sorve-o profundamente, neném. É uma garota boa. Você quer ser uma boa garota, não é assim, neném?

Ela gemeu em resposta, tomando-o mais profundamente enquanto ele começou a mover-se mais firmemente em sua boca, fodendo-a com fortes golpes que fizeram seu sexo chorar de fome. Ela gemia ao redor de seu membro, chupando nele avidamente, apertando suas mãos em punhos com sua necessidade de tocá-lo.

Suas mãos estavam em seu cabelo, seus dedos apertando nos fios grossos como ele puxou eles, criando uma fricção estimulante, ardente que a fez gritar com a sensação. Deus estava tão bom, muito bom. Ela estava só a um fôlego do ponto culminante e ela sabia.

-Maldição, sua boca está tão quente. -Suas palavras enviaram uma pontada de dolorosa necessidade diretamente a seu clitóris-. E sua língua é tão suave, tão doce em meu pênis. Chupa-a, neném. Só um pouquinho... mais duro.

Ela chupou mais duro, sua língua batendo firme, sentindo os ondulações da liberação iminente que palpitavam sobre sua língua um segundo antes de que ele se liberasse.

-Não. -Ela tratou de segui-lo, de retirá-lo, só para fazer ele se sentar com força na cama e subir rapidamente sobre suas coxas.

Não houve nenhum tempo para lançar um grito antes que sua mão caísse em sua bunda levantada. Ela só poderia enroscar-se em seu apertão, desesperada por aproximar-se mais, sentindo o fluxo de seus clitóris e pulsando com cada tapa na sua carne delicada.

O fogo floresceu ao longo das bochechas de sua nádega, estalou através de suas terminações nervosas e enviou dardos de prazer tão extremos que ela apenas podia suportá-lo, diretamente a seu sexo. Ela estava tão molhada que sua umidade molhava o interior de suas coxas, seu sexo gotejava com faminta exigência antes de que ele a levantasse e a sacudisse sobre a cama.

-Levanta sua bunda... mais alto. -Ele se moveu detrás dela quando ela lutou para ficar de joelhos, suas mãos atadas lhe faziam mais difícil ficar na posição apropriada.

Um segundo mais e a corda deslizava de suas mãos antes de que ele agarrasse seus quadris, colocasse na posição e apontasse a cabeça de seu membro na entrada a sua chorosa racha.

A primeira rajada do líquido pré-seminal fez que um grito estrangulado fizesse erupção desde sua garganta quando ela tentou arquear as costas aproximando-se, forçando-o em seu interior. Ele esperou um segundo, pressionando mais perto e outra erupção de jorros de fluido encheu seu sexo.

-Agora, neném, assim é como as garotas más são fodidas... com força e profundamente ... -Ele empurrou dentro em um impulso pesado que enviou a carne grossa além dos músculos apertados, bem lubrificados e a sepultou até a base na suave carne complacente.

Ela gritou então. Um som inarticulado de prazer e dor e de uma necessidade de mais que ameaçou rompendo sua mente. Estava tão bom. Tão maravilhosamente bom que isto a ia matar.

-Você gosta assim, Amanda? -Ele se separou só para empurrar-se em seu interior outra vez, fazendo a seus sentidos oscilar, a seu corpo queimar-se enquanto suas costas se arqueava e ela investiu no impulso.

-OH, você gosta realmente isto. -Sua mão caiu pesadamente em sua bunda levantada-. Só as garotas má gostam assim, Amanda. Você disse que foi uma garota boa.

-Sou mentirosa -gritou ela desesperadamente-. OH Deus, Kiowa, sou uma moça tão má. Faz outra vez. Por favor, faz outra vez. -Ela estava pronta para implorar como a situação justificava. E agora mesmo, oh sim, estava justificado.

Ele bateu em seu traseiro outra vez quando começou a dar nela, golpes rápidos, duros que a mantiveram só a um fôlego do ponto culminante, enquanto com sua mão livre sustentou seus quadris no lugar impedindo de segui-lo, aumentando a força do impulso.

-Me diga que te morda, Amanda -gemeu ele de repente, e ela sabia que ele estava perto do final de seu próprio controle-. Deus, por favor, neném, me deixe te morder.

-Me morda! -Ela gritava as palavras quando sentiu o aumento de seus impulsos, sentiu seu membro se chocar nela, deslizando-se acaloradamente por seu próprio líquido pré-seminal e o espesso líquido que a cobria.

Seu orgasmo estava mais próximo. Tão perto. Só outro fôlego, outro impulso.

Ele foi sobre ela, enquanto tirava seu cabelo do caminho, um grunhido, animal e áspero, soou em seu ouvido um segundo antes de que seus dentes mordessem em seu ombro, sua língua raspou a ferida e a enviou sobre o limite.

Ela perdeu a realidade. Infernos, nada de realidade, ela perdeu sua mente enquanto a dor do prazer da mordida e seus impulsos duros a levavam sobre o pico e ela explodia em um cataclismo de luzes e de sensações. Cada terminação nervosa estalou pelo prazer. Cada célula se inchou pelo êxtase até a liberação vertida dela, só sendo parado pelo duro inchaço que a uniu a seu companheiro, profundamente dentro de seu canal, quando sua semente começou a palpitar de seu membro para encher seu útero faminto.

Cada duro jorro de sêmen provocou outra explosão menor em seu sexo. Cada dura pulsação do nó travado em seu interior a fez gritar pelo prazer até que ela não pôde fazer nada mais que estar debaixo dele, estremecendo-se convulsivamente, o êxtase era interminável quando ele gemeu seu próprio prazer em seu pescoço.

Finalmente, horas, dias mais tarde. Embora podiam ser minutos. Ela gemeu fracamente quando sentiu a diminuição do inchaço e seu membro escorregar com pesar do apertão quente que ela tinha nele.

Ele se derrubou ao lado dela, puxando ela em seus braços, rodeando-a de seu calor quando o esgotamento começou a envolvê-la.

-Amo-te, Kiowa -sussurrou ela contra seu peito úmido quando ela sentiu o sonho descer sobre ela-. para sempre.

Ele beijou sua sobrancelha brandamente.

-Profundamente, com toda minha alma, Amanda. Amo-te. Com toda minha alma e profundamente.

Epílogo

As bodas da Amanda Marion, filha do Presidente Vernon Marion, e o Raça de Coiote Kiowa Bear foi realizada no complexo da Raça Felina em Virginia no último sábado pela tarde com mais de 1000 convidados e assistentes.

O complexo de Raça Felina, agora chamado o Santuário, abriu suas portas pela primeira vez não só para as feridas e cansadas raças resgatadas de vários laboratórios ao redor do mundo. Os Chefes, os políticos e as casas reais igualmente assistiram ao acontecimento, que este repórter foi privilegiado em ver também.

A noiva ia vestida de forma tradicional, o comprido vestido branco e o véu, enquanto o noivo, ia vestido completamente de negro, olhando sua aproximação com adoração. Foi um prazer para este repórter assistir a cada cerimônia realizada até agora entre as Raças. As bodas de Callan Lyons e Merinus. Taber Reynolds e sua esposa Roni, do Kane Tyler e sua esposa, Sherra e agora, do Kiowa Bear e sua miúda esposa, Amanda.

No momento o feliz casal voltará para sua casa em Pennsylvania, onde a Sra. Bear seguirá lecionando e onde o Sr. Bear estabelecerá seu negócio de programação e análise informática dentro de sua casa.

O presidente Marion era todos sorrisos durante e depois da cerimônia, onde ele brindou pelo feliz casal e logo beijou a sua filha afetuosamente antes que ela entrasse no helicóptero que os levaria a ela e a seu novo marido a um lugar de lua de mel secreto.

Com a aprovação da Lei da Raça, e com novas raças chegando diariamente dentro do complexo, a oposição dos Supremacistas do Sangue se faz ainda mais aberta quanto a esta nova espécie humana.

Thurman, o presidente da Sociedade de Genética Não corrompida, anunciou ontem que

seguirá à frente em seus esforços para encontrar a prova necessária para convencer ao mundo de que as raças são em efeito uma espécie inferior e que devido a sua genética de animal deveriam ser classificados como sub-humanos, em vez de lhes ser dada a classificação de Humanos, como o Senado decidiu semanas antes.

Os grupos radicais se fazem ouvir mais, e desde muitos pontos de vista, alienando à mesma gente que tratam de convencer para filiar-se a suas fileiras com seus discursos raivosos induzidos pela histeria ao longo das ondas hertzianas.

O complexo das Raças Felinas, O Santuário, redobrou agora sua segurança com as terras adicionais que o governo lhes acrescentou, fazendo planos para assegurar a sua própria proteção justo quando muitos grupos de aplicação da lei ao redor da nação reúnem esforços para usar as capacidades especiais das Raças dentro de suas próprias corporações.

O destacamento de forças especiais da Raça e pessoal militar está sendo formado agora sob uma seção especial da Ata de Aplicação da Lei de 2020, que dá à polícia, a DEA e a Brigada de Investigação Criminal uma licença especial para usar medidas extremas na conservação da defesa e a segurança da nação. Este destacamento especial será provado nas designações mais difíceis que confrontam estas agências.

O objetivo do presidente Marion é ver que as Raças estão, dentro do período de seus quatro anos, tendo acesso às mesmas liberdades e direitos que os cidadãos deste grande país desfrutaram durante séculos, enquanto que os Supremacistas do Sangue trabalham para minar os mesmos alicerces agora postos em seu lugar.

A investigação na história de nossa grande terra demonstra o preço e os horrores dos prejuízos. Enquanto o tempo foi medido e a história registrada, tais enganos demonstraram custar à sociedade e a sua gente um exigente preço no seguimento de tais princípios. Construímos esta terra e conservamos nossa democracia contra todas as ameaças, grandes e pequenas, e contra todos os prejuízos que saíram a nosso caminho. Havemos, em pontos no tempo, posto em ridículo à bondade humana e em outros tempos, mostramos uma piedade pela condição dura de algumas vidas.

Este repórter, que viu desdobrar-se os acontecimentos históricos desta nova espécie humana, só pode perguntar-se pelas escolhas que faremos agora, em um tempo em que os historiadores e os psicólogos igualmente declaram que a civilização está no auge da consciência humana. Aceitaremos, ou nos afundaremos outra vez nos enganos do passado? Só o tempo o dirá...

FIM

